

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO**  
**CURSO DE ADMINISTRAÇÃO**

**ANDRÉ RAMAYANA PRATES**

**A RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL EM ORGANIZAÇÕES DA  
SOCIEDADE CIVIL NO MUNICÍPIO DE PORTO ALEGRE/RS**

**PORTO ALEGRE**

**2022**

André Ramayana Prates

A RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL EM ORGANIZAÇÕES DA  
SOCIEDADE CIVIL NO MUNICÍPIO DE PORTO ALEGRE/RS

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharel em  
Administração, pelo Curso de  
Administração da Universidade do Vale do  
Rio dos Sinos - UNISINOS.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Cleonice Silveira da Rocha

Porto Alegre

2022

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus por me disponibilizar condições, força de vontade, disciplina e dedicação para alcançar a conclusão de mais uma etapa em minha existência. Sou imensamente grato à bondade de Deus por ter me dado a vida, com Luz, Paz e Amor.

Aos meus pais, meus grandes amigos Denise e Aguinaldo, agradeço a paciência, em proporcionar qualificação em meu desenvolvimento acadêmico e confiança em minha superação pessoal, por serem exemplo de persistência e valorização aos estudos, amo vocês.

As minhas amigas e queridas avós Marlene e Ruth, que me incentivaram e oportunizaram que eu tenha tido acesso à educação e, mesmo já tendo feito a passagem, sei que estão contentes pela minha conquista.

Agradeço ao meu irmão Lucas pelo exemplo da relevância em se concluir a graduação, pelas dicas e orientações durante a elaboração desta pesquisa e por ser um grande homem.

Aproveito para ampliar meus agradecimentos à toda minha família e amigos que, direta ou indiretamente, contribuíram em meu progresso e autoconhecimento.

Ressalto a excelente orientação que tive com minha orientadora, Professora Doutora Cleonice, que conduziu magnificamente esses meses de elaboração desta pesquisa científica. Sou grato por seu acolhimento, ensinamentos, fundamentais instruções, orientações e acompanhamento durante o desenvolvimento deste trabalho, contribuindo imensamente para minha formação como administrador e uma pessoa melhor.

A todos os(as) professores(as) durante minha longa graduação em Administração, que auxiliaram para que eu desenvolva competências, conhecimentos e habilidades, com multidisciplinaridade e visão sistêmica que a profissão requer.

Representantes das OSCs e instituições que me receberam, pela disponibilidade em colaborar com este trabalho ao fornecer dados essenciais para sua condução, com informações preciosas e relevantes para concretizar este estudo.

“Escolhemos o esplendor divino  
Do bem-amado Sol  
Para inspirar-nos;  
Possas o Sol brilhante  
Abrilhantar tua Vida!”  
Valmiki, O Ramayana

## RESUMO

O surgimento das práticas ambientalmente e socialmente responsáveis vem ascendendo nas organizações, visando sanar as problemáticas oriundas do desequilíbrio na equidade social e impactos nocivos ao meio ambiente. A presente pesquisa tem como objetivo geral: Analisar quais são as ações de Responsabilidade Socioambiental que as Organizações da Sociedade Civil, Centro de Educação Ambiental (CEA), Fundação O Pão dos Pobres de Santo Antônio, Instituto Misturaí e Net Impact, cidade de Porto Alegre, vem realizando de forma efetiva. Para tal propósito de responder ao objetivo geral da pesquisa, a fundamentação teórica abordou os conceitos e parâmetros de RSA sob a ótica do Ministério do Meio Ambiente e dos autores Palmer e Flanagan, referenciando Silva, Costa e Gómez no contexto do terceiro setor e publicações da ONU e do IBGE referentes aos ODS. Este estudo se trata de uma pesquisa de cunho qualitativo, com abordagem de caráter descritivo, elaborada com estratégia em forma de estudo de caso. Os dados foram coletados em quatro OSCs localizadas em Porto Alegre/RS, através de entrevistas presenciais com roteiro semiestruturado. A técnica utilizada para realizar a interpretação desses dados qualitativos foi a análise de conteúdo. De acordo com a averiguação dos principais resultados obtidos, a pesquisa evidenciou que as OSCs analisadas estão alinhadas com os preceitos de RSA e contribuem para a construção do bem-estar de suas localidades, implementando práticas de RSA e atuando em benefício da efetivação do desenvolvimento sustentável, considerando que são entidades em que esses norteadores estão no cerne de suas atividades e são exteriorizados pela essência da razão dessas organizações existirem.

**Palavras-chave:** Responsabilidade Socioambiental, Organizações da Sociedade Civil, Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

## ABSTRACT

The arising of environmentally and socially responsible practices has been rising in organizations, aiming to solve problems arising from the imbalance in social equity and harmful impacts on the environment. The present has as the general objective: Analyze which actions of Socio-Environmental Responsibility (S&E) the Civil Society Organizations, Centro de Educação Ambiental (CEA), Fundação O Pão dos Pobres de Santo Antônio, Instituto Misturaí and Net Impact, in the city of Porto Alegre, have been effectively performing. For this purpose of answering the overall research objective, the theoretical foundation addressed the concepts and parameters of S&E from the perspective of the Ministry of Environment and authors Palmer and Flanagan, referencing Silva, Costa and Gómez in the context of the third sector and UN and IBGE publications on the SDGs. This study is a qualitative research with a descriptive approach, developed as a case study strategy. Data were collected in four CSOs located in Porto Alegre/RS, through presential interviews with a semi-structured script. The technique used to interpret this qualitative data was content analysis. According to the main results obtained, this research showed that the analyzed CSOs are aligned with the precepts of S&E and contribute to building the well-being of their localities, implementing S&E practices and acting in favor of the effectiveness of sustainable development, considering that they are entities in which these guidelines are at the core of their activities and are externalized by the essence of the reason for the existence of these organizations.

**Keywords:** Socio-Environmental Responsibility, Civil Society Organizations, Sustainable Development Goals.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.....	31
<b>Figura 2</b> - Cinco P's da sustentabilidade .....	35
<b>Figura 3</b> - Logo Centro de Educação Ambiental.....	41
<b>Figura 4</b> - Logo Fundação O Pão dos Pobres de Santo Antônio.....	42
<b>Figura 5</b> - Logo Instituto Misturaí .....	43
<b>Figura 6</b> - Logo Net Impact Porto Alegre .....	44

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Descrição dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.....	34
<b>Quadro 2</b> - Categorias das respostas.....	51
<b>Quadro 3</b> - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável nas OSCs .....	78
<b>Quadro 4</b> - Tabulação das Respostas – Perguntas Abertas – Pergunta 1 .....	98
<b>Quadro 5</b> - Tabulação das Respostas – Perguntas Abertas – Pergunta 2 .....	101
<b>Quadro 6</b> - Tabulação das Respostas – Perguntas Abertas – Pergunta 3 .....	105
<b>Quadro 7</b> - Tabulação das Respostas – Perguntas Abertas – Pergunta 4 .....	110
<b>Quadro 8</b> - Tabulação das Respostas – Perguntas Abertas – Pergunta 5 .....	113
<b>Quadro 9</b> - Tabulação das Respostas – Perguntas Abertas – Pergunta 6 .....	116
<b>Quadro 10</b> - Tabulação das Respostas – Perguntas Abertas – Pergunta 7 .....	120
<b>Quadro 11</b> - Tabulação das Respostas – Perguntas Abertas – Pergunta 8 .....	123
<b>Quadro 12</b> - Tabulação das Respostas – Perguntas Abertas – Pergunta 9 .....	125

## LISTA DE SIGLAS

5P's	Cinco pilares da sustentabilidade: Parcerias, Paz, Pessoas, Planeta e Prosperidade
A3P	Programa Agenda Ambiental na Administração Pública
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CEA	Centro de Educação Ambiental
CEMME	Centro Cultural Marli Medeiros
CEP	Centro de Educação Profissional
CNUMAD	Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
CTVP	Centro de Triagem da Vila Pinto
ESG	Environmental, Social, Governance
NBR	Norma Brasileira
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
ONG	Organizações Não Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
OSC	Organizações da Sociedade Civil
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
RSA	Responsabilidade Socioambiental
RSC	Responsabilidade Social Corporativa
RSE	Responsabilidade Social Empresarial
RSE	Responsabilidade Social Empresarial
SCFV	Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
1.1 TEMA .....	14
1.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	15
1.3 PROBLEMA .....	15
1.4 OBJETIVOS .....	15
<b>1.4.1 Objetivo geral .....</b>	<b>15</b>
<b>1.4.2 Objetivos específicos.....</b>	<b>15</b>
1.5 JUSTIFICATIVA .....	16
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>18</b>
<b>2.1 RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL.....</b>	<b>18</b>
<b>2.2 TERCEIRO SETOR E ORGANIZAÇÕES DA SOCIEDADE CIVIL .....</b>	<b>22</b>
<b>2.3 RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL NO TERCEIRO SETOR.....</b>	<b>25</b>
<b>2.4 AGENDA 2030 E OS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL .....</b>	<b>29</b>
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>37</b>
<b>3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA .....</b>	<b>37</b>
<b>3.2 UNIDADE DE ANÁLISE .....</b>	<b>39</b>
<b>3.3 TÉCNICA DE COLETA DE DADOS.....</b>	<b>44</b>
<b>3.4 TÉCNICAS DE ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>47</b>
<b>4 ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>50</b>
<b>4.1 CATEGORIZAÇÃO .....</b>	<b>50</b>
<b>4.1.1 Categoria 1: Ações de Responsabilidade Socioambiental.....</b>	<b>52</b>
<b>4.1.2 Categoria 2: Processos gerenciais sustentáveis .....</b>	<b>55</b>
<b>4.1.3 Categoria 3: Práticas a serem implementadas .....</b>	<b>58</b>
<b>4.1.4 Categoria 4: Gestão interna adequada aos aspectos socioambientais ....</b>	<b>61</b>
<b>4.1.5 Categoria 5: Conscientização sobre Responsabilidade Socioambiental ..</b>	<b>64</b>
<b>4.1.6 Categoria 6: Entendimento dos beneficiários perante ações socioambientais .....</b>	<b>66</b>
<b>4.1.7 Categoria 7: Conhecendo a Agenda 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.....</b>	<b>69</b>
<b>4.1.8 Categoria 8: Objetivos De Desenvolvimento Sustentável atendidos .....</b>	<b>72</b>

<b>4.1.9 Categoria 9: Ampliação da adesão aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável .....</b>	<b>75</b>
<b>4.2 ATENDIMENTO DOS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL PELAS OSCS.....</b>	<b>78</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>82</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>89</b>
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA .....</b>	<b>97</b>
<b>APÊNDICE B – TABULAÇÃO DAS RESPOSTAS .....</b>	<b>98</b>
<b>APÊNDICE C – TERMOS DE CONFIDENCIALIDADE .....</b>	<b>129</b>
<b>APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE .....</b>	<b>133</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os problemas sociais vivenciados no país têm sido uma das principais razões para o surgimento e a expansão do terceiro setor no Brasil (MURARO; LIMA, 2003). Os autores descrevem que o terceiro setor amplia suas dimensões, motivando a sociedade a envolver-se em ações que não visem somente ao lucro, mas também melhorar os aspectos sociais dos envolvidos.

A abordagem dos problemas sociais e ambientais cresceu significativamente em nível global, estimulando governos, empresas, Organizações Não Governamentais e cidadãos (PALMER; FLANAGAN, 2016). É crescente o número de organizações em todo o mundo que estão incorporando atividades de responsabilidade social e evidenciando as informações sociais e ambientais aos seus usuários (TILT, 2016).

Para os autores Tristão e Tristão (2016), uma mudança de hábitos, atitudes e práticas sociais que indiquem uma solução para o quadro de degradação socioambiental que aflige o mundo contemporâneo é imprescindível, um modelo de comportamento que se traduza em uma nova relação entre o ser humano e a natureza.

A propagação da consciência coletiva quanto ao meio ambiente e a dificuldade das demandas sociais atuais que a população repassa às organizações direcionam um novo posicionamento por parte dos gestores e empresários, fazendo com que esses profissionais proponham atitudes responsáveis e iniciativas inovadoras (TACHIZAWA; ANDRADE, 2012).

Atualmente, o conceito de Responsabilidade Social Empresarial se mostra defasado, demandando uma adaptação perante as necessidades evolutivas da sociedade, considerando a alavancagem do conceito de responsabilidade para um estágio em que se englobe a harmonia e prosperidade da sociedade integrada com o meio ambiente, requerendo que as organizações se posicionem claramente em seus propósitos de existirem, de ser e de agir em benefício da transformação benigna, originando a geração de impactos positivos e virtuosos nos âmbitos em que estão inseridas e atuam, impulsionando a aplicação de tendências como transparência, sustentabilidade, atuação local, diversidade e inclusão (SEMENTE, 2020).

Na visão de Nascimento (2007), a Responsabilidade Socioambiental (RSA) nasceu da junção entre gestão social, deliberada na sociologia, e gestão ambiental, oriunda da apreensão da sociedade com as gerações futuras, a realidade das organizações e os impactos por elas causados. Assim, surgiu a formação da chamada gestão socioambiental. O termo pressupõe ações sociais e ambientais propostas como sendo de responsabilidade de toda a sociedade, ou seja, propostas que incluem empresas privadas, governo e organizações do terceiro setor (KAPPEL; VALADÃO JÚNIOR, 2012).

As Organizações da Sociedade Civil (OSCs) possuem como característica a defesa por interesses relativos à cidadania e aos interesses e valores públicos, demonstrando sua essencialidade na diminuição das desigualdades sociais, atuando conjuntamente com os demais setores econômicos galgando a propagação de suas áreas de atuação locais. (SILVA; COSTA; GÓMEZ, 2011).

De acordo com Salamon (2010), as Organizações da Sociedade Civil têm uma combinação única de estrutura privada e finalidade pública, têm conexões com os cidadãos, flexibilidade e capacidade em envolver a iniciativa privada em apoiar afins públicos.

A participação cooperativa das OSCs conjuntamente com organizações de outros setores, como empresas e instituições públicas, contribui para que se fomentem os estímulos que beneficiam a responsabilidade social e ambiental através de ações concretas que percorrem caminhos de prosperidade e beneficiando mutuamente as organizações que se entrelaçam nessas participações, demonstrando a importância do trabalho integrado intersetorial (AGUILERA, *et al.*, 2007).

No mundo contemporâneo constata-se o florescimento das atividades organizadas de forma voluntárias com a estruturação de organizações sem fins lucrativos que atendem as reivindicações por favorecimento do desenvolvimento econômico local, serviços sociais, defesa dos direitos civis e mitigação da degradação ambiental. O relevante crescimento das organizações do terceiro setor, no Brasil, é provindo de diversas mudanças sucedidas na sociedade brasileira, no momento que essas organizações iniciam uma aproximação participativa juntamente ao Estado, legitimando programas governamentais e atuando em frentes específicas de acordo com seus segmentos de atuação (TRISTÃO; TRISTÃO, 2016).

Na concepção dos autores Santos e Severo (2018), no Brasil, o governo vem desenvolvendo políticas direcionadas para a Responsabilidade Social Empresarial no âmbito das pessoas e Organizações da Sociedade Civil. Dentro dessas políticas estão os programas sociais para a população que têm compromisso de assegurar direitos sociais nas áreas de saúde, educação e assistência social.

Diante do exposto neste cenário, as OSCs entendem a relevância de se ter um objetivo comum e atuam importantemente na divulgação dessa compreensão, entre desenvolvimento sustentável e econômico, no sentido de que um desenvolvimento não deve ser escolhido em detrimento do outro, mas sim, atuarem conjuntamente (POZO; TACHIZAWA, 2012).

No ano de 2015, com o objetivo de promover o desenvolvimento sustentável e universal, atuando no combate da pobreza, da desigualdade social e na preservação ambiental (ZANTEN; TULDER, 2018), os 193 países membros da Organização das Nações Unidas (ONU), com a participação dos principais grupos e pares interessadas da sociedade civil, reuniram-se em uma ação global (ONU, 2015), a fim de estabelecer os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável a serem alcançados até 2030, aprovando a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Esta Agenda 2030 tem como foco cinco dimensões denominadas 5 P's: Pessoas, Planeta, Parcerias, Paz e Prosperidade. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2015). Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) foram desenvolvidos como diretrizes para o plano de ação da ONU, visando um futuro ambientalmente sustentável, juntamente com crescimento econômico e inclusão social (VERONEZE *et al.*, 2021).

Os ODS foram estruturados com alicerce de uma formulação colaborativa, com uma construção elaborada por diversos grupos localizados em grande parte dos países membros da ONU, incluindo desde associações e comunidades locais, quanto os setores privados da economia e a sociedade civil organizada. Individualmente, representam os elementos em equilíbrio da sustentabilidade, perante as dimensões ambientais, econômicas, institucionais, sociais e, concomitantemente, viabilizam um entendimento holístico da complexidade e interdependências do desenvolvimento sustentável. Nesses objetivos se instituiu um agrupamento aglomerado de indicadores e metas que possibilitam uma estrutura de monitoramento e mensuração de seus progressos integradamente (VALENCIA, *et al.*, 2019).

Pretendendo reforçar e complementar a integração dos ODS, elaborou-se o Relatório de Desenvolvimento Sustentável, estudo pioneiro a nível mundial que disponibilizou a colocação dos países, que utiliza dados públicos originados por instituições como o Banco Mundial, a Organização Mundial da Saúde, Organização Internacional do Trabalho, centros de investigação e Organizações Não Governamentais, avaliando e correlacionando com os ODS, considerando que métricas sólidas e dados confiáveis são fundamentais para propiciar que os ODS se tornem ferramentas práticas para a resolução de problemas, identificar prioridades de ação e lacunas, compreender os principais desafios de implementação e acompanhar os progressos a fim de alcançar os ODS até 2030 (SDG INDEX, 2022).

O contexto do desenvolvimento sustentável consolida o alcance de patamares civilizatórios ascendentes nos aspectos ambientais, sociais e econômicos, através da intenção de se obter célebres e essenciais valores humanos, tais quais a dignidade, sustentabilidade ambiental, respeito à diversidade, equidade e coesão social (RUEDIGER *et al.*, 2018).

Este trabalho visa abordar a Responsabilidade Socioambiental aplicada no terceiro setor, em Organizações da Sociedade Civil, no município de Porto Alegre/RS, analisando os fatores e ações que ocorrem nessas organizações, reconhecendo quais são as práticas de RSA vigentes e como são implementadas, além de pretender compreender a forma que os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável estão sendo, ou não, colocados em vigor por essas organizações.

## 1.1 Tema

O presente trabalho tem como tema a Responsabilidade Socioambiental em Organizações da Sociedade Civil no terceiro setor, que, segundo Berlitz *et al.* (2020), se estabelece que a Responsabilidade Socioambiental é uma postura ética e transparente, com a predisposição de que o indivíduo precisa ser responsável por suas atitudes que interferem no ambiente e bem-estar das pessoas, além de ser um ato de compromisso e envolvimento com os demais.

De acordo com Borges e Costa (2018), o terceiro setor é reconhecido pelas soluções positivas que vêm encontrando para toda a sociedade brasileira. No processo de transformação societário, vem praticando respostas criativas para ajudar a mudar o futuro do Brasil.

## 1.2 Delimitação do tema

O presente estudo se delimita a analisar as Organizações da Sociedade Civil: Centro de Educação Ambiental (CEA), Fundação O Pão dos Pobres de Santo Antônio, Instituto Misturaí e Net Impact, resididas no município de Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul, que exerçam práticas de Responsabilidade Socioambiental em suas atividades de gestão. Assim, este trabalho de conclusão propicia a averiguação das condições dessas OSCs, se limitando a realidade em que cada uma delas se encontra.

## 1.3 Problema

Quais são as ações de Responsabilidade Socioambiental que as Organizações da Sociedade Civil: Centro de Educação Ambiental (CEA), Fundação O Pão dos Pobres de Santo Antônio, Instituto Misturaí e Net Impact da cidade de Porto Alegre/RS, vem realizando de forma efetiva?

## 1.4 Objetivos

Para responder ao problema de pesquisa, foram definidos o objetivo geral e os objetivos específicos que seguem:

### 1.4.1 Objetivo geral

Analisar quais são as ações de Responsabilidade Socioambiental que as Organizações da Sociedade Civil, Centro de Educação Ambiental (CEA), Fundação O Pão dos Pobres de Santo Antônio, Instituto Misturaí e Net Impact, cidade de Porto Alegre, vem realizando de forma efetiva.

### 1.4.2 Objetivos específicos

Para alcançar o objetivo geral, propôs-se três objetivos específicos:

- a) Analisar quais as ações de Responsabilidade Socioambiental podem ser encontradas nas Organizações da Sociedade Civil pesquisadas;

- b) Identificar como as OSCs estão alinhadas com o propósito de gerir suas operações de forma socialmente e ambientalmente responsáveis;
- c) Identificar quais os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) as OSCs pesquisadas estão atendendo.

### 1.5 Justificativa

Levando em consideração o contexto organizacional que o terceiro setor se encontra e sua finalidade, as organizações que estão nele inseridas podem assemelhar-se entre si, mesmo possuindo objetivos e propósitos distintos. Logo, buscando compreender e implementar as melhores práticas de gestão e Responsabilidade Socioambiental, aprendem com as empresas do segundo setor formas de otimizar suas atividades gerenciais e se diferenciam das demais Organizações da Sociedade Civil, atingindo patamares sustentáveis e tornando-se reconhecidas e notórias na sociedade.

A relevância do estudo se estabelece pelo fato de que ainda são poucos os estudos neste tema, tendo em vista que a maioria dos estudos achados de minha pesquisa foram mais relacionados ao contexto empresarial e corporativo no Segundo Setor. Assim, optei por escolher o tema de Responsabilidade Socioambiental inserido no âmbito do terceiro setor pois os estudos relativos nessa área ainda estão sendo elaborados e desenvolvidos.

Na pesquisa que realizei, utilizei os seguintes descritores (palavras-chave): Responsabilidade Socioambiental; Terceiro Setor; Responsabilidade Social; Responsabilidade Ambiental; Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Organizações da Sociedade Civil, Organizações Não Governamentais; Responsabilidade Empresarial. Ao realizar a pesquisa, encontrei essa quantidade de artigos e trabalhos de conclusão relacionados nas seguintes bases de dados: 65 trabalhos encontrados na internet geral, Spell – 43, EBSCOHost – 42, Scielo – 32, Google Acadêmico – 35, Repositório Jesuíta – 18, Repositório PUCRS – 18, Repositório UFRGS – 9, Capes – 5, pesquisas em geral – 57, totalizando 324 estudos encontrados.

Para os autores Anese, Costa e Coelho (2018), são pouco frequentes estudos que avaliam os impactos de ações sociais de organizações do terceiro setor. Dessa forma, considerando que as pesquisas com ênfase nessa temática são

relativamente escassas em meio à comunidade científica e dada a importância das Organizações da Sociedade Civil para o desenvolvimento econômico e social do país devido à sua crescente expansão, optou-se por elaborar esse estudo.

Despertar o interesse em conhecer como as organizações se preocupam com as ações das suas atividades sustentáveis e incorporam fatores de responsabilidade socioambiental é extremamente relevante (OLIVEIRA *et al.* 2018). Percebe-se que, em economias de países emergentes, essas práticas de desenvolvimento sustentável e responsabilidade social ainda demonstram grandes potenciais de crescimento, considerando que são desprovidas de investimentos consideráveis e fomentos financeiros (LOURENÇO; BRANCO, 2013).

Espera-se que o presente trabalho possa contribuir para sanar as deficiências encontradas em processos de aplicabilidade dos conceitos estudados, propondo soluções e percebendo o quanto a integração das ações socioambientais contribuem para agregar valor e potencializar a diferenciação em competitividade das organizações do terceiro setor, ao sugerir que as OSCs adotem práticas socioambientais responsáveis, evidenciando os benefícios da implementação dessas ações.

Diante deste contexto, o campo de estudo ainda é profícuo, sendo que, a realização dessa pesquisa pretende contribuir academicamente para analisar o contexto das práticas e ações de Responsabilidade Socioambiental no âmbito Organizações da Sociedade Civil, difundindo a realidade específica das OSCs e proporcionando que a comunidade interessada e administradores de outras OSCs se beneficiem dos achados do estudo.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo será apresentada a fundamentação teórica, também conhecida como revisão da literatura ou referencial teórico, tendo como objetivo exibir o tema da pesquisa, desde seus conceitos e teorias até concepções e significados relevantes, que estão diretamente relacionados aos temas estudados, sendo divididos em cinco tópicos, que descreverão a base teórica para, posteriormente, haver a definição de métodos e análise dos achados.

Primeiramente, aborda o conceito de Responsabilidade Socioambiental (RSA), como se originou, a forma que é encontrada e seus benefícios organizacionais. Contextualiza o surgimento do terceiro setor, e com ele, as Organizações da Sociedade Civil (OSCs) e Organizações Não Governamentais (ONGs). Em seguida, apresenta a Responsabilidade Socioambiental em OSCs, evidenciando sua implementação adaptada ao contexto do terceiro setor. Na sequência, expõe a Agenda 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) estipulados pela Organização das Nações Unidas (ONU) e caracteriza as definições de Desenvolvimento Sustentável e Sustentabilidade.

### 2.1 Responsabilidade Socioambiental

Durante décadas, a comunidade global tem solicitado envolvimento e parceria das empresas privadas no avanço de uma economia global sustentável. As primeiras manifestações ocorreram por meio de iniciativas de responsabilidade social, para enfrentar desafios socioambientais das suas operações internas e externas (THORLAKSON; ZEGHER; LAMBIN, 2018).

O termo Responsabilidade Socioambiental é a nomenclatura utilizada neste estudo dentre algumas expressões semelhantes que possuem sentidos e significados similares. Logo, para melhor assimilação e compreensão das diferenças e similaridades, apresentam-se conceitos iniciais de alguns destes termos (SÁ *et al.*, 2013).

A definição estabelecida na norma brasileira ABNT NBR 16001 explana a responsabilidade social como sendo a responsabilidade de transparência e comportamento ético que uma organização retém por suas atividades e resoluções que repercutem no meio ambiente e na sociedade. Participando da colaboração do

desenvolvimento sustentável em prol do bem-estar de todos, seja integrada e praticada em todos os níveis da organização, considerando os anseios das partes interessadas, estando em congruência com as legislações e normas internacionais de comportamento (ABNT, 2012).

Em conformidade com os autores Vilela Júnior e Demajorovic (2006), é incomum e inabitual se deparar com aspectos ambientais abordados na responsabilidade social, portanto, é por este pressuposto que se torna sensato a utilização do termo responsabilidade socioambiental. Os mesmos autores apontam que é notável o crescimento das dinâmicas organizacionais que demonstram inquietação e empenho em encontrar e originar soluções para as problemáticas sociais e ambientais, exercendo atividades eticamente corretas (VILELA JR; DEMAJOROVIC, 2006).

Na perspectiva de Nascimento (2007), a harmonia entre as variáveis social e ambiental aponta para novos princípios e convicções nas organizações e, mesmo que exista similaridade entre os conceitos e problemáticas sociais e ambientais, os impactos ocasionados por ambas estão conectados, demandando que as organizações desempenhem sistemicamente e suas iniciativas sejam percebidas intrínseca e extrinsecamente.

No entendimento de Santos e Weber (2020), a Responsabilidade Social Empresarial (RSE) abrange a incumbência de se empenhar em alcançar o desenvolvimento sustentável a partir de iniciativas e projetos com viés econômico que promovam lucratividade, retorno financeiro e empregabilidade. Contudo, similarmente ao viés descrito acima, almejam alcançar o viés social, incorporando estratégias que viabilizem o bem-estar equitativo, seguro e saudável para seus stakeholders, aplicando eficientemente suas expertises para reduzir seus efeitos na utilização dos recursos naturais.

De acordo com Ashley (2005), os princípios apropriados pela Responsabilidade Social Empresarial dizem que as iniciativas empresariais devem estender os limites e interesses econômicos que tragam resultados lucrativos aos investidores e acionistas, objetivando a contribuição em proporcionar melhores condições de vida nos contextos em que estão inseridas, celebrando valores éticos e bem-estar social.

Integralizar iniciativas sociais e ambientais nas atividades empresariais e em relações externas de forma opcional, criando condições benéficas aos interesses

sociais mesmo tendo que se privar de eventuais margens de lucro pode ser a interpretação do significado de Responsabilidade Social Corporativa (RSC) (ZHAO; DU, 2017).

Nas organizações que almejam amadurecer com um comportamento socialmente responsável, tem sido constatado que a integração de práticas de Responsabilidade Social Corporativa torna o objetivo de alcançar uma conduta sustentável em uma ferramenta estratégica, estreitando o relacionamento entre organização, stakeholders e sociedade (SUGANTHI, 2019).

A conceituação de responsabilidade socioambiental descrita pelo Ministério do Meio Ambiente no Curso de Capacitação Sustentabilidade na Administração Pública (BRASIL, 2017, p. 14):

A responsabilidade socioambiental é o compromisso que uma organização possui pelos impactos de suas decisões e atividades na sociedade e no meio ambiente, sendo alcançado por meio de um comportamento ético e transparente que contribua para o desenvolvimento sustentável.

Ao se aprofundarem nos estudos sobre a responsabilidade socioambiental, Valadão Júnior e Oliveira (2010) observaram que a RSA se tornou um valor representativo nas organizações, assim como a responsabilidade social corporativa se tornou parte de uma agenda com viés estratégico que, lentamente, iniciou o processo de convertimento das antigas visões empresariais para uma realidade em que os dirigentes precisam atualizar e adaptar seus ideais.

Sob esse aspecto, Nascimento (2007) cita que houve um aumento destacado no modo que as empresas e organizações propuseram realizar suas gestões estratégicas na década de 90, realçando as questões ambientais e sociais em seus norteadores. Para o autor, igualmente nesta década, sucedeu-se uma enorme visibilidade em ações sociais com cunho representativo, disseminando o termo cidadania corporativa, formação de institutos especializados e divulgação de balanços sociais, originando movimentos incrementais de confiabilidade, transparência e compromisso.

Os autores Palmer e Flanagan (2016) destacam que a melhoria na qualidade de vida dos indivíduos e grupos pode ser procedente de práticas de responsabilidade socioambiental, quando esse posicionamento acontece de forma íntegra e respeitosa, individual ou coletiva, gerando benefícios ao meio ambiente e a sociedade. Ocorre de diversos modos e iniciativas, sendo algumas delas a

reutilização de recursos naturais, a redução da geração de resíduos, apoio a projetos que impactem positivamente comunidades e iniciativas sociais, e assim por diante.

Esta conjuntura propicia que, coletivamente, empresas, instituições e pessoas deliberem sobre seus papéis e obrigações, repensando e percebendo os impactos positivos de adotarem práticas e atitudes que levem ao desenvolvimento sustentável de seu entorno. Contextualizando responsabilidade social ou responsabilidade socioambiental, no domínio das instituições públicas, privadas ou não governamentais, ressalta-se que esses tipos de responsabilidades servem para estruturar, identificar e aplicar soluções que estejam remediando demandas da sociedade (TAVARES, 2012).

Como descrito pelo autor Lima (2007), o reconhecimento da credibilidade das organizações advém da implementação de práticas organizacionais socialmente e ambientalmente responsáveis que estejam alinhadas com os valores éticos da sociedade. [...] no momento em que uma organização decide se engajar com uma gestão consciente, a prosperidade inicia a ser percebida em seu entorno e internamente.

Já no entendimento de Curado (2003), o autor considera que os compromissos e fatores sociais que as organizações visem adquirir e construir em seu entorno merecem ter um acompanhamento atencioso, deliberado e preciso na implementação de políticas organizacionais em todos os níveis institucionais.

A relevância de desenvolver programas, políticas e iniciativas de Responsabilidade Socioambiental se encontra na imprescindibilidade de oportunizar e implementar uma agenda que “Tem como princípio a obrigação de mudar comportamentos e adotar novas práticas éticas e responsáveis – tanto no setor empresarial como no público” (BRASIL, 2017, p. 14).

No ano de 2016, o Programa Agenda Ambiental na Administração Pública (A3P), que é um programa do Ministério do Meio Ambiente voltado à implantação da responsabilidade socioambiental nas atividades da administração pública, sejam elas administrativas ou operacionais, apresentou uma cartilha com diretrizes de como implementar a A3P. Nela, considerou que ainda não se define unicamente o conceito de RSA, sendo que essa caracterização depende do local geográfico, setor que a organização está inserida ou tipo de instituição, ressaltando que a designação

de RSA é cabível nos três pilares de sustentabilidade, social, econômico e ambiental.

O Programa Agenda Ambiental na Administração Pública (A3P) (BRASIL, 2016, p. 12) informa que:

A Responsabilidade Socioambiental se inicia com a decisão de mudar e exige mudanças de atitudes e de práticas. O grande desafio consiste em transformar discurso em prática, e intenção em compromisso. Os princípios de responsabilidade socioambiental demandam cooperação e união de esforços em torno de causas significativas e inadiáveis.

Esta mesma cartilha A3P destaca que a principal perspectiva a ser entendida sobre responsabilidade socioambiental é de que excede sua conceituação, pois “trata-se de um processo contínuo e progressivo de desenvolvimento de competências cidadãs para avanço em direção à sustentabilidade” (BRASIL, 2016, p. 6).

Os conceitos de responsabilidade social, ambiental e socioambiental se iniciam no entendimento da urgência imprescindível que o desenvolvimento de medidas realizadas no perímetro global visem conter situações degradantes, tanto na esfera ambiental quanto na social (NASCIMENTO, 2007).

Nesse contexto, Sá *et al.* (2013) descreve que a adoção das práticas de responsabilidade socioambiental gera efeitos positivos para as organizações, principalmente quando associadas a conceitos de responsabilidade social e financeira, formando os pilares do desenvolvimento sustentável, alinhados com os paradigmas produtivos e de consumo consciente.

## **2.2 Terceiro setor e Organizações da Sociedade Civil**

Historicamente, constata-se que, nas últimas décadas, o aparecimento de múltiplos grupos de interesses nos ecossistemas das organizações acarretou movimentos de coação. Oriundos do ambiente externo, essas coações foram ocasionadas de forma direta ou indireta por agentes da sociedade que requerem comportamentos e formas de gestão organizacionais inovadores, que estejam alinhados com os princípios éticos e responsáveis encontrados nas boas relações organizacionais que vem ocorrendo nos âmbitos sociais e ambientais, trazendo respostas e soluções positivas para esses grupos de interesse (BIGNÉ *et al.*, 2005).

Sendo assim, os autores Castro e Pena (2014) informam que quando as Organizações da Sociedade Civil começam a se desenvolver, este movimento está atrelado à sociedade e instituições que, conjuntamente, providenciam intervenções que propiciam uma qualidade de vida significativamente ampliada para populações necessitantes.

Na década de 90, no Brasil, o Estado apresentou um distanciamento da esfera social, seja pela proliferação da informalidade ou talvez pela causa desse problema econômico social, fazendo com que houvesse espaço para que as OSCs aumentassem suas ações, trabalhando em prol da defesa dos direitos trabalhistas que surgiram diante destas relações de trabalho ou como suporte técnico para outras organizações que atuassem similarmente (SILVA; COSTA; GÓMEZ, 2011).

Considerando o evidenciado pelos mesmos autores, as entidades que estão atuando diretamente no terceiro setor, mesmo que não possuam como finalidade a conquista de retornos financeiros, se veem compelidas a criarem estratégias e expandirem atividades perante suas comunidades locais, visando a harmonização social, ambiental e econômica (SILVA; COSTA; GÓMEZ, 2011).

Essas Organizações da Sociedade Civil carecem de práticas de gestão que favoreçam o alcance de seus objetivos e metas, por isso, de acordo com Armani (2003), essas práticas vem se mostrando árduas perante a consolidação dessas instituições e no desenvolvimento dessas organizações, já que suas atividades buscam implementar a sustentabilidade e necessitam de bons parâmetros para exercer essas condições com eficiência.

Diante do exposto, Fonseca *et al.* (2014, p. 26) diz que as ONGs “formadas pela sociedade civil e que projetam suas ações tanto na esfera pública, quanto na privada, têm se mostrado efetivas no direcionamento dos problemas socioambientais enfrentados pela modernidade mundial.”

O termo terceiro setor incorpora o objetivo de prestar assistência social e estabilidade aos indivíduos do corpo social e comunidade em geral e, mesmo sendo amplamente difundido na sociedade, é fundamental diferenciá-lo dos outros dois setores, pois, embora compartilhe de características com as organizações da esfera pública e privada, serve como um mediador entre ambos (MEDEIROS, 2017).

De acordo com os autores Estigara, Pereira e Lewis (2009), tendo o propósito de amparar o Estado e colaborar com a incrementação do padrão de vida populacional, o surgimento das organizações sem fins lucrativos ocorre

conjuntamente com o despontamento do terceiro setor, visando contribuir com ações em diversas alçadas, prestando assistência médica e social, cultural, auxiliando em questões ambientais, cuidados com crianças, adolescentes e idosos, entre outras.

Na alçada do terceiro setor, existe a compreensão de que, devido aos norteadores das organizações inseridas neste setor e suas atividades, a obtenção da conciliação saudável entre meio ambiente e economia, juntamente da qualidade de vida e de trabalho, já é uma perspectiva incorporada em suas essências (FONSECA *et al*, 2014).

No entendimento de Carvalho e Paes (2022), a diversidade das organizações situadas no terceiro setor é encontrada na diferenciação de suas formas, tamanhos, atuações e objetivos institucionais. Entretanto, mesmo possuindo similaridades e distinções, almejam desenvolver o resgate da cidadania, com práticas voluntárias, ações sociais, estabelecendo parcerias e angariando doações.

Em relação às práticas essenciais para as organizações do terceiro setor:

A sobrevivência das ONGs significa muito mais do que a gestão dos aspectos econômicos, isso porque, uma vez que a sua atividade principal, e sua essência, está na elaboração e execução de ações em prol da sociedade e/ou o meio ambiente, é imprescindível que os conceitos de sustentabilidade sejam compreendidos e incorporados às práticas de gestão dessas organizações. (SILVA; COSTA; GÓMEZ, 2011, p. 76).

Dessa forma, os autores Borges, Costa e Raza (2018) expõe que as pessoas que ocupam cargos de gestão nas OSCs, normalmente, são eleitas ou apontadas, de acordo com suas competências e habilidades para exercer as atribuições da função, que podem incluir: destinação correta e ética dos recursos para atingir as metas administrativas organizacionais, prestação de contas e estabilizar e gerir as atividades financeiras, utilizando-se de técnicas atuais e eficientes, buscando extirpar um obstáculo comumente encontrado nas OSCs, a gestão de recursos financeiros.

Mesmo tendo fins distintos das empresas que visam a lucratividade, ambos os tipos de organização procuram adotar ações sustentáveis e efetivas, sendo que “as ONGs possuem estrutura organizacional semelhante a uma empresa e, como tal, necessitam de instrumentos de gestão institucional na busca pelos objetivos pretendidos.” (SILVA, COSTA, GÓMEZ, 2011, p. 79).

Características essenciais encontradas no cerne de Organizações Não Governamentais estão na consistência de credibilidade e reconhecimento ético, realização de ações que auxiliem a comunidade e na disposição de seus recursos, proporcionando sustentabilidade e equidade social para seu entorno, implementando iniciativas e projetos estratégicos para a região que atuam (JACOBI, 2003).

A atração de possíveis financiadores e investidores é fundamental para a continuidade e sobrevivência das OSCs, tendo em vista que não geram lucro. Portanto, solucionar eventuais dificuldades com sabedoria aplicada na prática torna relevante o desempenho dessas organizações perante a sociedade, facilitando o processo de angariação de fundos econômicos (SANTOS; NEGRÃO; SABOYA, 2018).

Nessa perspectiva, os autores Carvalho e Paes (2022, p. 155, 156) descrevem o que consideram a principal instigação ocorrida para as Organizações da Sociedade Civil:

O principal desafio das OSCs está em manter, diariamente, as atividades da instituição, uma vez que dependem exclusivamente de recursos externos provenientes do setor privado, organizações internacionais, governo e pessoas físicas solidárias à causa. Esses recursos são imprescindíveis à manutenção e ao funcionamento das organizações e seus projetos, o que reforça a relevância de uma captação de recursos eficaz e de gestão para prestação de contas adequadas a fim de repassar a seus financiadores credibilidade e retorno social pelos recursos investidos.

Continuando na temática de desafios e dificuldades, Santos e Severo (2018) citam algumas problemáticas enfrentadas pelas OSCs em âmbito social. Estas adversidades de gestão e financeiras relacionadas a prestação de serviços, impasses em relacionamentos internos e externos e obstáculos impostos por outras situações podem ser sanados com a decisão de cooperar com empresas e governo, se adequando aos critérios solicitados para obter os benefícios que a atuação conjunta com outro setor pode provir.

### **2.3 Responsabilidade Socioambiental no terceiro setor**

Inquietações políticas e desassossegos sociais originados na última década fizeram com que a responsabilidade social empresarial fosse acionada em diversas ações. Dessa forma, as Organizações da Sociedade Civil, que estão inseridas no

terceiro setor, vêm desempenhando papéis que originalmente estariam atribuídas ao Estado, acolhendo demandas sociais e ambientais que o primeiro setor não tem tido a capacidade de sanar por si só (YADLAPALLI; RAHMAN; GUNASEKARAM, 2018).

As Organizações da Sociedade Civil são constituídas por equipes de trabalho voluntárias que não visam a obtenção de lucratividade pessoal e são financiadas pela captação de recursos externos (SILVA; VASCONCELOS; NORMANHA 2016). Pela concepção institucional, as entidades do terceiro setor são motivadas pelo compromisso com a responsabilidade social (BERLITZ *et al.*, 2020).

A adequação do contexto organizacional adaptado à realidade do terceiro setor propicia que a Responsabilidade Socioambiental (RSA) seja implementada, “já que o mesmo muitas vezes assume características físicas e comportamentais de empresas com finalidade lucrativa” (SILVA; COSTA; GÓMEZ, 2011, p. 79).

A cultura organizacional estabelece norteadores e princípios para que as premissas e políticas de responsabilidade socioambiental sejam desenvolvidas e, assim, evidencia-se a primordialidade de se compreender a cultura vigente para inserir iniciativas nas organizações. Conhecer as condutas, comportamentos e costumes facilita a adequação das ações de RSA no cenário e propicia o engajamento dos colaboradores (OLIVEIRA *et al.*, 2018).

Conforme Palmer e Flanagan (2016), a composição de objetivos, intenções e estratégias são elementos essenciais no planejamento e processos organizacionais relativos à sustentabilidade, principalmente quando agregados a práticas de responsabilidade socioambiental. Constituir essas atividades concomitantemente gera impactos edificantes nos aspectos sociais e ambientais que cooperam para elevar a qualidade de vida de uma nação (GUNAWAN *et al.*, 2020).

Segundo Barbieri *et al.* (2010), o terceiro setor está incluído no contexto dos movimentos sociais, atuando em prol da agregação de valor para as organizações nele inseridas de forma transparente e incorporando um senso cultural que amplifique o desenvolvimento sustentável e a responsabilidade socioambiental.

No âmbito das organizações que estão inseridas no terceiro setor, a dimensão financeira não é a única variável que compõe a sustentabilidade, mas sim, diversos fatores que, conjuntamente, estipulam a capacidade de impacto positivo das organizações e sua longevidade legítima (ARMANI, 2003).

No contexto dos sistemas de governança globais, as organizações inseridas no terceiro setor alcançaram um patamar de ter condições de interferir nas operações e

nas práticas socioambientais de empresas privadas, pois ocuparam lugares estratégicos que permitem que exijam juntamente dessas empresas, implementação de atividades e princípios que estejam alinhados com modelos sustentáveis, preservando recursos naturais e criando laços positivos com a sociedade (COSTA; RAMOS; PORTELA, 2014).

Nas ONGs, a sustentabilidade pode ser evidenciada pela conformidade entre aspectos que conseguem facilitar o desenvolvimento dessas organizações diante da dinâmica de mercado e que pode ser analisada analogicamente ao conceito de desenvolvimento sustentável para localidades e empresas com finalidade lucrativa. Dessa forma, torna-se imprescindível a busca pela sustentabilidade, já que a harmonia existente entre fatores institucionais direciona a organização para uma melhor posição perante o mercado (SILVA; COSTA; GÓMEZ, 2011, p. 77).

A sustentabilidade no terceiro setor engloba dois enfoques de categorias teóricas, de acordo com os estudos de Armani (2003), a atividade de gestão organizacional pode integrar o enfoque sistêmico e o enfoque gerencial, favorecendo a compreensão por parte da própria organização de seus processos e possibilita a melhoria de práticas de gestão.

O comportamento responsável socialmente torna as organizações em agentes de transformação atualizados e relevantes que estabelecem parcerias com o Estado e iniciativa privada para juntos, comporem uma sociedade mais justa socialmente e economicamente. (BIER; BASSAN, 2015).

Sob esse aspecto, Dias (2011) relata que inúmeras empresas estão consternadas da forma que se posicionam perante a sociedade e a relação que estabelecem com seus consumidores. Esses clientes percebem os projetos ambientais, assistenciais e sociais como diferenciais positivos, elevando e melhorando a imagem das empresas no mercado.

A inclusão da participação das OSCs cooperando com empresas contribui para que haja estímulos nas ações relacionadas à responsabilidade social, proporcionando benefícios que percorram caminhos prósperos para ambas as partes que se envolvem nessas participações socialmente afirmativas (AGUILERA *et al.*, 2007).

Diante do exposto, Austin e Seitanidi (2013) dizem que uma das soluções encontradas por OSCs para resolução de problemas complexos nos âmbitos em que atuam foi a de estabelecer colaborações com outros setores, sendo que esse tipo de

cooperação intersetorial está em expansão, procurando empresas que desejam encarregar-se de suas atividades de responsabilidade social com filantropias, como doações financeiras e de recursos não monetários para as OSCs.

Os recursos e demais auxílios dispostos por empresas às OSCs são significativos, principalmente, para despesas não previstas que eventualmente surgem, bem como para melhorar o atendimento aos beneficiários, visto que as contribuições entre essas categorias de instituição são vistas como uma via de mão dupla, onde as empresas fornecem insumos e as OSCs oferecem serviços sociais, ambientais ou comunitários (SANTOS; SEVERO, 2018).

Considerando sua essência, cultura e campo de atuação, as OSCs prezam por continuar exercendo sua visão socialmente responsável também perante seus doadores, aprovisionando as informações requisitadas, implementando ferramentas de gestão eficientes que auxiliem na legitimação dessas parcerias e aproximem a relação da OSCs com seus parceiros colaborativos (PUYVELDE *et al.*, 2012).

Atualmente, é notório o quanto que a escassez e exploração dos recursos naturais contribui para a degradação do meio ambiente, deteriorando os fatores econômicos, sociais e ambientais. Devido a esses motivos que as práticas responsávelmente sustentáveis proporcionam vantagens competitivas quando aplicadas pelas organizações, suscitando em considerável aumento de satisfação do seu público-alvo, decorrente melhoria da percepção da imagem perante o ambiente externo e incremento progressivo na qualidade de vida de seus colaboradores, acarretando o aperfeiçoamento de seus desempenhos (OLIVEIRA *et al.*, 2018).

A autora Fischer (2005), em sua interpretação, redige que as parcerias intersetoriais servem como apoio para as organizações do terceiro setor realizarem suas ações socioambientais, beneficiando a si mesmas, os parceiros e os eventuais beneficiários, tornando estratégica essas colaborações com empresas e setor público para concretizar atividades nesse âmbito.

Apesar das referidas similitudes entre empresas e organizações da sociedade civil, o enfoque da sustentabilidade merece abordagens diferenciadas em cada uma dessas organizações. É preciso considerar que as mesmas diferem-se desde a sua missão institucional e, por vezes, apresentam-se como antagônicas em seus objetivos, o que reforça a necessidade de tratar a sustentabilidade organizacional de forma específica para essas organizações do terceiro setor (SILVA; COSTA; GÓMEZ, 2011, p. 79-80).

Nesta conjuntura, é percebido que a relação entre OSCs e empresas, no momento em que resultam em ações de responsabilidade social, contribuem para ampliar o bem-estar de toda a sociedade, inclusive das organizações participantes, principalmente das iniciativas privadas que comprovam condutas corporativas auspiciosas (CHO; KELLY, 2014).

As Organizações Sem Fins Lucrativos se beneficiam das iniciativas de responsabilidade social realizadas pelas empresas, que por sua vez, desempenham um papel vital na transformação social, incentivando iniciativas filantrópicas em comunidades e investindo em infraestrutura para essas comunidades locais, além de ocasionar numa adequação cultural corporativa que vise incluir ações socialmente responsáveis perante seus stakeholders (AGUILERA *et al.*, 2007).

## **2.4 Agenda 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**

No final da década de 80, acontece uma delimitação relacionada a primordialidade de alicerçar as apreensões com o desenvolvimento econômico e o meio ambiente. Logo, a Organização das Nações Unidas desenvolve um comunicado em forma de relatório, no ano de 1987, denominado “Nosso Futuro Comum”, mais conhecido por “Relatório Brundtland”, que recomenda medidas para a propagação e ensinamento do desenvolvimento sustentável (BRUNDTLAND, 1991).

A finalidade fundamental da referência de progredir com o modelo de desenvolvimento sustentável está no alinhamento entre a expansão econômica abundante com a utilização consciente e conservação responsável dos recursos naturais, zelando pela segurança protetiva ambiental e social (SANTOS; WEBER, 2020).

O autor Elkington (2012) elaborou o conceito de tripé da sustentabilidade, conhecido por Triple Bottom Line, incluindo as dimensões dos aspectos ambientais, econômicos e sociais, que, conjuntamente, proporcionam o alcance da qualidade dos processos organizacionais. O conseguimento dessa sustentabilidade e o princípio que garante que as ações colocadas em prática na atualidade endossarão a possibilidade que as futuras gerações detenham de fins econômicos, ambientais e sociais para promoverem a prosperidade.

De acordo com a apresentação de Santos e Weber (2020, p. 248), o conceito de Desenvolvimento Sustentável foi concebido da seguinte forma:

Lançado pela ONU em 1987 a partir do Relatório Brundtland, este modelo de desenvolvimento busca equilibrar demandas sociais, econômicas e ambientais visando à sustentabilidade dos recursos naturais e do planeta. Nesta perspectiva de desenvolvimento as questões envolvidas ultrapassam a geração de riqueza e o foco no econômico. Envolve, entretanto, preocupação com a preservação dos recursos naturais, qualidade de vida, bem-estar e equidade social.

Este parecer descreve a noção de desenvolvimento sustentável como sendo “aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades” (CMMAD, 1988, p. 46)

No ano de 1992, na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), mais conhecida como Rio 92 e Cúpula da Terra, 179 países participantes acordaram a Agenda 21 Global, programa de ação que instituiu a tentativa de promover, em escala planetária, um padrão de desenvolvimento inovador, consolidando o conceito de Desenvolvimento Sustentável. Esta agenda serviu de instrumento que delineou e programou a construção de sociedades sustentáveis em diversas localidades, conciliando métodos de eficiência econômica, proteção ambiental e justiça social (CNUMAD, 1992).

Dessa forma, Barbieri e Cajazeira (2012), expressaram que o desenvolvimento sustentável realiza a ligação entre a questão ambiental e a social, propondo que as organizações iniciem a atuar em três frentes: a econômica, a social e ambiental, visando a aproximação com o conceito e as práticas de Responsabilidade Social Empresarial. Na visão destes autores, uma organização sustentável deve seguir critérios de equidade social, eficiência econômica e prudência ecológica para nortear suas atividades, aproximando as concepções de responsabilidade social e desenvolvimento sustentável.

Tristão e Tristão (2016) ao citar o documento Agenda 2030, dizem que ele logo no início, convoca todos os países membros da ONU para que busquem unir-se em prol do desenvolvimento sustentável, declarando a primordialidade da participação pública, assim como o envolvimento e fortalecimento das Organizações Não Governamentais nesse seguimento, descrevendo a necessidade de criar parcerias,

utilizando das experiências, capacidades e o saber-fazer que as ONGs possuem para implementação de iniciativas de desenvolvimento sustentável.

Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e 169 metas que estamos anunciando hoje demonstram a escala e a ambição desta nova Agenda universal. Eles se constroem sobre o legado dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio e concluirão o que estes não conseguiram alcançar. Eles buscam concretizar os direitos humanos de todos [...] são integrados e indivisíveis e equilibram as três dimensões do desenvolvimento sustentável: a econômica, a social e a ambiental (ONU, 2015).

Nesse contexto, Bertlitz *et al.* (2020) destaca que a designação das premissas que os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável embandeiraram, consolidadas pela ONU, estipulou 169 metas a serem alcançadas por todos os seus membros, com 254 indicadores de mensuração, visando a redução das desigualdades entre os países e enaltecendo o avanço global da melhoria do padrão de vida das pessoas.

A figura 1 exibida a seguir mostra os dezessete Objetivos de Desenvolvimento Sustentável que compõe a Agenda 2030.

**Figura 1 – Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**



Fonte: Elaborado pelo autor, adaptado de IBGE (2022).

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável são um apelo global à ação para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade. Estes são os objetivos para os quais as Nações Unidas estão contribuindo a fim de que possamos atingir a Agenda 2030 no Brasil. 1. Erradicação da pobreza; 2. Fome zero e agricultura sustentável; 3. Saúde e bem-estar; 4. Educação de qualidade; 5. Igualdade de gênero; 6. Água potável e saneamento; 7. Energia limpa e acessível; 8. Trabalho decente e crescimento econômico; 9. Indústria, inovação e infraestrutura; 10. Redução das desigualdades; 11. Cidades e comunidades sustentáveis; 12. Consumo e produção responsáveis; 13. Ação contra a mudança global do clima; 14. Vida na água; 15. Vida terrestre; 16. Paz, justiça e instituições eficazes; 17. Parcerias e meios de implementação (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2022b).

Desde que foi concebida, em 2015, a Agenda 2030 providenciou um modelo para compartilhar a prosperidade em um mundo sustentável, em um planeta saudável onde as pessoas possam viver produtivamente, vibrantes e pacíficas (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2019).

A obtenção dos objetivos estipulados na Agenda 2030 pode propiciar resultados grandiosos e vastos, calculando-se que possam gerar até doze trilhões de dólares no sistema econômico que seriam revertidos em investimentos para continuar alicerçando e estimulando o ampliamto dos ODS, acarretando benefícios intensificados e incrementados em todo o planeta (SCHÖNHERR; FINDLER; MARTINUZZI, 2017).

O alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável até o ano de 2030, para cumprir com o estipulado pela ONU, demanda que aconteça uma ampla conscientização por parte das organizações de todo o planeta terra para agirem estrategicamente alinhadas com as ações estabelecidas pelo Pacto Global da ONU (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2022a).

Para Lopez (2020), destaca-se a relevância das organizações vislumbrarem os ODS como oportunidades que afetam a estratégias de seus negócios, impactando nas dimensões econômicas, sociais e ambientais, tendo a oportunidade de realizar mudanças inspiradas pelas instituições que desenvolvem projetos com impactos globais.

O compromisso com a sustentabilidade tem crescido e se tornado uma incumbência nos negócios, impulsionando os motivos para que as organizações admitam os ODS e percebam as possibilidades favoráveis que esta conduta

representa nos indicadores de gestão e de negócios, repercutindo positivamente quando atribuídos as estratégias de RSC e atividades tecnológicas empresariais (PEDERSEN, 2018).

Schönherr, Findler e Martinuzzi (2017) organizam três benefícios que os ODS, quando conciliados com atividades de Responsabilidade Social Corporativa, produzem. Os autores argumentam que os ODS propiciam uma estrutura para a avaliação do desempenho em RSC, constituem um apanhado de questões de desenvolvimento sustentável direcionadas em interesses para a RSC e sugerem que estes objetivos comuns possibilitam o surgimento de parcerias entre organizações com interesses similares para tratar do desenvolvimento sustentável.

Portanto, nesse contexto, a implementação dos ODS fomenta condições prósperas para as organizações que optam por incluí-los em suas perspectivas de planejamento e operações, viabilizando o fornecimento de investimentos e incentivos que visem elaborar e publicar relatórios de como os ODS estão sendo implementados e acompanhados (ROSATI; FARIA, 2019).

Conforme Pedersen (2018), ao se alinhar as atividades de RSC com os ODS, presume-se que haja uma melhoria no alcance das metas e propósitos organizacionais, tornando-se crucial a participação por parte das lideranças para implementar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável satisfatoriamente em suas estratégias de negócio. Por conseguinte, se deparam com atitudes empresariais congruentes com o Pacto Global da Agenda 2030 mesmo que as pretensões dos ODS abranjam um público-alvo muitíssimo maior.

Fundamentando na definição dos ODS, o autor Scharamade (2017), em seus estudos, observou, ao examinar relatórios empresariais voltados à sustentabilidade, que poucas mencionavam a admissão e empenho com a Agenda 2030. Logo, percebeu que existe um aspecto desafiador ao procurar justificar os motivos benéficos de se implementar os ODS e vincular com as vantagens de ações de RSC, convertendo visivelmente a exigência de interligar o desenvolvimento sustentável com a responsabilidade social.

No intuito de melhor consolidar e explanar os ODS, o quadro abaixo enumera os ODS e identifica separadamente sua respectiva descrição.

**Quadro 1 - Descrição dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**

Objetivo de Desenvolvimento Sustentável	Descrição
Objetivo 1 – Erradicação da pobreza	Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares
Objetivo 2 – Fome zero e agricultura sustentável	Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável
Objetivo 3 – Saúde e bem-estar	Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades
Objetivo 4 – Educação de qualidade	Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos
Objetivo 5 – Igualdade de gênero	Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas
Objetivo 6 – Água potável e saneamento	Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos
Objetivo 7 – Energia limpa e acessível	Assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia para todos
Objetivo 8 – Trabalho decente e crescimento econômico	Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos
Objetivo 9 – Indústria, inovação e infraestrutura	Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação
Objetivo 10 – Redução das desigualdades	Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles
Objetivo 11 – Cidades e comunidades sustentáveis	Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis
Objetivo 12 – Consumo e produção responsáveis	Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis
Objetivo 13 – Ação contra a mudança global do clima	Tomar medidas urgentes para combater a mudança do clima e seus impactos
Objetivo 14 – Vida na água	Conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável
Objetivo 15 – Vida terrestre	Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a

	desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade
Objetivo 16 – Paz, justiça e instituições eficazes	Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis
Objetivo 17 – Parcerias e meios de implementação	Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável

Fonte: Elaborado pelo autor, adaptado de IBGE (2022).

Conforme declarado no portal Movimento ODS (2022), a Agenda 2030 para o Desenvolvimento sustentável fundamenta-se em cinco eixos de atuação, cinco pilares dos ODS. Os ODS compõe um plano de ação focado em fortalecer a paz universal, extirpando a pobreza em todas suas dimensões e formas. Logo, a implementação de parcerias globais através dos cinco pilares construídos, Parcerias, Paz, Pessoas, Planeta e Prosperidade (5P's), resumem bem o cerne do lema da Agenda 2030, sintetizada em “Não deixar ninguém para trás”.

**Figura 2 - Cinco P's da sustentabilidade**



Fonte: Movimento ODS (2021).

Considerando as definições descritas, de acordo com o Relatório Oficial “Transformando Nosso Mundo: Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2015), os ODS apresentam uma abordagem holística para entender e levantar problemas, gerar soluções que se correlacionem com situações cotidianas que todos podemos praticar, tendo mais responsabilidade individual e coletiva. Compreender como se relacionam entre si e quais os impactos que essa correlação ocasiona, identificando interdependências que nos auxiliem a verificar as causas originárias de cada situação problemática, proporcionando a construção de iniciativas e ações que visem sanar e emendar definitivamente essas causas. Nesse contexto, crescimento econômico, inclusão social e proteção ambiental, juntos, viabilizam a genuína sustentabilidade, o Desenvolvimento Sustentável.

O capítulo seguinte contém o detalhamento da metodologia empregada nesse trabalho de conclusão de curso, com a apresentação do delineamento da pesquisa e os métodos utilizados, contextualização da unidade de análise descrevendo as OSCs pesquisadas, as técnicas de coletas de dados exercidas e as técnicas de análise dos dados coletados.

### 3 METODOLOGIA

Neste capítulo, é apresentada a metodologia escolhida e aplicada para concretizar os objetivos propostos neste trabalho de conclusão. Com intuito de melhor organizá-lo, o presente capítulo está dividido em quatro tópicos, sendo eles: delineamento da pesquisa; unidade de análise; técnica de coleta de dados; análise de dados.

A seleção dos métodos e procedimentos empregados na pesquisa requer do pesquisador um posicionamento sobre a forma com que pretende construir conhecimento e também coerência com o que ele se propõe a fazê-lo (SILVA *et al.*, 2013, p. 34).

Portanto, a metodologia de um projeto de pesquisa define as técnicas e instrumentos de coleta, organização e análise dos dados. A definição dos procedimentos que serão escolhidos baseia-se no que foi estipulado anteriormente quanto aos objetivos e questão norteadora da pesquisa, almejando estar alinhado com esses parâmetros estabelecidos.

#### 3.1 Delineamento da pesquisa

Conforme Silva *et al* (2013), é primordial prezar pela garantia de que a pesquisa realizada possa ser validada e seja confiável, por isso, ao delinear a pesquisa, o pesquisador precisa decidir e planejar sobre quais métodos irá aderir e aplicar, como fará para coletar os dados e quem será o foco da pesquisa, expondo critérios científicos que estejam em concordância com o que se queria apurar.

Assim, considerando os objetivos propostos no presente trabalho, o paradigma da pesquisa aqui apresentado dispõe cunho qualitativo, pelo seu caráter descritivo, utilizando o método de estudo de caso como procedimento escolhido. Esta abordagem qualitativa descritiva tem intuito de levantar a maior quantidade de informações que sejam proveitosas e substanciais sobre os temas pesquisados, visando objetividade e deliberações de forma não direcionada.

“A formulação empiricamente bem fundamentada destes enunciados relacionados a sujeitos e a situações é um objetivo que pode ser alcançado com a pesquisa qualitativa.” (FLICK, 2009, p. 22).

Esse paradigma qualitativo, de acordo com Gil (2010), determina que as pessoas possuem uma importância vital na elaboração do conhecimento, devido ao conceito de que o mundo é formado pela consciência humana, e assim, representando sustentação na fenomenologia.

No entendimento de Flick (2009), a pesquisa qualitativa detém de uma relevância única quanto aos estudos voltados as relações sociais devido a sua pluralização das esferas de vida, que carece de uma perspectiva repaginada com aspectos sensíveis para a melhor compreensão dos estudos empíricos das questões.

Descrição dos aspectos essenciais que caracterizam a pesquisa qualitativa: (FLICK, 2009, p. 23):

Consistem na escolha adequada de métodos e teorias convenientes; no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas; nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento; e na variedade de abordagens e métodos.

Nessa linha, Yin (2016) retrata que a pesquisa qualitativa especifica atributos próprios, a possibilidade da utilização de fontes múltiplas de evidência, ao invés de se fundamentar em uma fonte singular, e a representação das perspectivas e opiniões dos sujeitos estudados.

As pesquisas descritivas dispõem de atributos característicos que acontecem, como a descrição de determinadas populações ou sujeitos e técnicas padronizadas de coleta de dados (GIL, 2010).

Este tipo de pesquisa, descritiva, especifica a finalidade de detalhar minuciosamente as descrições e comportamentos encontrados, fatos e situações percebidas e opiniões apresentadas, elaborando o mapeamento dos fenômenos estudados (SILVA *et al.*, 2013).

O pesquisador deve decidir o critério que irá delinear sua pesquisa tendo em vista que este método irá salientar quais serão os procedimentos a serem seguidos nas etapas de técnicas de coletas de dados e análise dos dados (Silva *et al.*, 2013).

Portanto, foi escolhido a estratégia de estudo de caso para ser aplicado neste trabalho por oferecer um parâmetro que possibilita chegar à compreensão de situações complexas. Logo, na visão de Yin (2010), o estudo de caso pode ser definido como uma apuração empírica que verificar determinado fenômeno contemporâneo que ocorra em seu habitat e contextos naturais.

Pretendendo pormenorizar as características de um estudo de caso, Yin (2010) elaborou uma lista de particularidades deste método, que serão descritas abaixo:

Estudar o “por que” e “como” certos fenômenos se sucedem; foco em eventos contemporâneos e processos ao longo do tempo; fenômeno em questão é averiguado em seu contexto natural; utiliza fontes de evidências abrangentes; aplica diversos métodos de coleta e análise de dados; coleta de dados flexível; não pretender controlar as experiências ou intervir na realidade, mas somente compreender o analisado.

Diante do exposto, o estudo de caso proposto neste trabalho busca respostas e dados acerca de um ambiente específico, no caso, as Organizações da Sociedade Civil: Centro de Educação Ambiental, Fundação O Pão dos Pobres de Santo Antônio, Instituto Misturaí e Net Impact.

### **3.2 Unidade de análise**

As quatro instituições escolhidas para fazerem parte desta pesquisa estão inseridas no terceiro setor da sociedade, são Organizações da Sociedade Civil, intituladas: Centro de Educação Ambiental, Fundação O Pão dos Pobres de Santo Antônio, Instituto Misturaí e Net Impact, resididas no município de Porto Alegre no Estado do Rio Grande do Sul, que buscam atuar de forma responsável perante os aspectos sociais e ambientais, e possuam certo conhecimento sobre a Agenda 2030 estabelecida pela ONU.

Estas unidades de análises foram escolhidas por estarem alinhadas com os pressupostos determinados no presente trabalho de pesquisa, exercendo as funções organizacionais referentes ao terceiro setor, contribuindo para a melhoria do bem-estar social, implementando eficientemente ações de responsabilidade socioambiental e práticas de desenvolvimento sustentável apoiando suas comunidades locais e atendendo seus objetivos internos.

Em pesquisas qualitativas, escolhe-se os entrevistados de acordo com a proximidade que eles, unidade de análise, abrangem acerca dos assuntos pesquisados. Outra forma de se denominar a unidade de análise é em participantes ou sujeitos. O presente estudo aplicou entrevistas com lideranças e representantes das respectivas OSCs convidadas, que constituem os sujeitos da pesquisa, que

foram selecionados por seus papéis hierárquicos e relevância perante a organização que fazem parte, além de seus conhecimentos e entendimentos dos assuntos pertinentes que permeiam essas organizações, propiciando a obtenção de compreensões e análises acuradas sobre o problema proposto.

Empenhando-se para realizar uma síntese da contextualização de cada uma das Organizações da Sociedade Civil participantes nessa pesquisa, reitera-se que todas estão localizadas no município de Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul, Brasil, em bairros distintos, surgindo com um significado essencialmente complementar na forma de operar, trabalhando conjuntamente com os outros setores a fim de proporcionar amparo e assessoramento para as comunidades mais carentes, haja visto que todos construímos em conjunto a sociedade que vivemos e, portanto, somos corresponsáveis pelas atitudes que manifestamos. Interessante observar que algumas das OSCs participantes deste trabalho de conclusão vem idealizando projetos e eventos em conjunto, dedicando-se a operar em prol do ecossistema do terceiro setor porto-alegrense, mesmo que o pesquisador não tivesse conhecimento prévio desta informação.

Deste modo, Castro e Pena (2014) acrescentam a fundamentalidade que tais organizações promovem a cidadania dentro das áreas que essas OSCs atuam, como no campo da saúde, da cultura, do meio ambiente, da atenção a crianças e adolescentes, da assistência social, dos cuidados com os idosos e minorias em geral.

Propondo proporcionar uma melhor compreensão das instituições participantes, a seguir, apresenta-se uma breve introdução que identifica cada uma das Organizações da Sociedade Civil averiguadas nessa pesquisa científica.

O Centro de Educação Ambiental é uma instituição situada no bairro Vila Pinto, comunidade Bom Jesus, fundado em 1996, provindo da iniciativa de um grupo de mulheres residentes na comunidade, lideradas por Marli Medeiros, definindo seu objetivo principal de promover a defesa e garantia de seus direitos, proporcionando alternativas que garantissem independência financeira, liberdade moral e qualidade de vida.

**Figura 3 - Logo Centro de Educação Ambiental**



Fonte: Site institucional do Centro de Educação Ambiental

“Nossa missão é gerar e promover oportunidades de crescimento pessoal e qualificação profissional através da conscientização ambiental e do desenvolvimento social para melhorar a qualidade de vida de nossa comunidade.” (CEA, 2022).

De acordo com seu site institucional (CEA, 2022), o CEA atua em três iniciativas principais: O Centro de Triagem da Vila Pinto (CTVP), o Centro Cultural Marli Medeiros (CEMME) e a escola Vovó Belinha. Ademais, complementando suas frentes de atuação, seus principais projetos são voltados a capacitação profissional de jovens aprendizes de forma teórica e prática, alfabetização na maior idade aliada com a inserção na cultura digital visando o desenvolvimento dos recicladores colaboradores da OSC, por exemplo, o Projeto Mãos Dadas que visa disseminar conhecimento, visão de mundo e amor, proporcionando a capacitação dos beneficiários para que galguem novos caminhos em suas vidas e a prática esportiva como instrumento educacional e capacitando a evolução pessoal e competências técnicas.

A Fundação O Pão dos Pobres de Santo Antônio constituída em 1895, entidade do terceiro setor, localizada no Bairro Cidade Baixa, presta atendimento socioassistencial a crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social, atua com as seguintes iniciativas, abrangendo a Educação Integral, Acolhimento Institucional, Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) e Centro de Educação Profissional – Aprendizagem Profissional (CEP), com carisma fundante, acompanhando os cenários dos tempos, tendo como missão potencializar o desenvolvimento integral de seus beneficiários de forma solidária, alicerçada por práticas socioassistenciais, detendo a visão de ser referência no Estado do Rio Grande do Sul como entidade do terceiro setor que presta

atendimento aos socialmente vulneráveis, carregando valores como ética, transparência, desenvolvimento integral, solidariedade, respeito à diversidade humana, princípios cristãos, responsabilidade social e ambiental, voluntariado (PÃO DOS POBRES, 2022).

**Figura 4** - Logo Fundação O Pão dos Pobres de Santo Antônio



Fonte: Site institucional da Fundação O Pão dos Pobres de Santo Antônio

Nessa pesquisa, enfatizou-se o setor de Aprendizagem Profissional da Fundação, que oferta cursos para seus beneficiários que os capacitem e qualifiquem profissionalmente, com uma estrutura preparada para melhor ministrar essas aulas, com uma equipe técnica multidisciplinar bem instruída para proporcionar a formação dos adolescentes e jovens, viabilizando sua inserção no mundo do trabalho, como cidadãos éticos e profissionais competentes. Dentro do setor, escolheu-se lideranças do curso de Gastronomia para realizar as entrevistas, que capacitam o público favorecido a se tornarem auxiliares de cozinha, aprenderem sobre culinária, empreendedorismo e gastronomia nacional e internacional.

O Instituto Misturaí é uma Organização da Sociedade Civil estabelecida no Bairro Santana, que se institucionalizou em abril de 2019, formando a sede social na Vila Planetário. A organização surgiu com um coletivo de pessoas que buscam possibilitar articulações, debates e inclusões de diferentes pessoas e atores para promover a mistura de mundo, enaltecendo o propósito de construir uma sociedade com mais equidade, conectando pessoas de diversas camadas sociais, buscando incentivar a alavancagem de uma sociedade mais próspera, inclusiva e sustentável para as pessoas. Apresentam como missão misturar grupos da sociedade civil heterogêneos, que dialogam pouco e desconhecem a realidade fora de seu contexto, objetivando promover o desenvolvimento, principalmente, dos menos favorecidos, através de alguns valores institucionais, como: acolhimento, diálogo, diversidade, solidariedade, sustentabilidade, união, direitos humanos e integração (MISTURAÍ, 2022).

**Figura 5 - Logo Instituto Misturaí**

Fonte: Site institucional do Instituto Misturaí

A Misturaí, atualmente, atua em alguns eixos: educação, esporte, cultura, sustentabilidade, empreendedorismo e geração de renda, saúde e assistência social), por intermédio da realização de seus projetos, sendo eles: Amparaí, frente de trabalho contra a fome, assistência social com distribuição de refeições, kits de higiene e utensílios domésticos; Costuraí, oficinas de costura para geração de renda; Estruturaí, construção de espaços comunitários para empoderar comunidades no município; Cozinhaí, produção de pizzas congeladas; Gurizadaí, reforço escolar e oficinas para as crianças da comunidade ; Desapegaí, venda de itens doados para a instituição; Regeneraí, regeneração e sustentabilidade.

A Net Impact é uma organização global criada por estudantes e profissionais, em São Francisco, Estados Unidos da América, que desenvolve projetos e iniciativas em benefício da sociedade, com mais de cem mil membros, nas principais escolas de administração do planeta. Em Porto Alegre, criou-se esse “*chapter*” em 2009, concebido a partir da aspiração de alguns jovens quererem estimular impactos positivos na cidade, proporcionando evolução das pessoas e meio ambiente, através da disseminação dos conhecimentos relacionados à sustentabilidade, gerando uma rede que beneficia o meio ambiente, as pessoas e, também, gera prosperidade financeira. Comunica que seus norteadores estratégicos são: missão, conectar agentes para transformar instituições e pessoas por meio da educação para sustentabilidade; visão, ser uma organização com gestão sustentável e manter-se referência em sustentabilidade; valores, transparência, sustentabilidade, empatia, visão sistêmica, colaboração, comprometimento (NET IMPACT, 2022).

**Figura 6 - Logo Net Impact Porto Alegre**



Fonte: Site institucional da Net Impact Porto Alegre

Tendo em vista que é uma OSC destinada a educação, pretendendo inspirar e conectar pessoas para construir uma sociedade mais sustentável conjuntamente, os projetos que idealiza ocorrem por iniciativa própria e por participação oriunda de demandas externas, havendo planejamento interno de como serão concretizadas as ações e execução desses projetos, considerando o planejamento estratégico da organização. A mobilização da rede de parceiros para execução dessas ações é fundamental, representando institucionalmente a organização se fazendo presente em eventos, apresentando palestras, conectando demais organizações, fomentando oportunidades e definindo dinâmicas e temas, fundamentados na Agenda 2030 da ONU e seus dezessete Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

### **3.3 Técnica de coleta de dados**

Para a realização da etapa de coleta de dados, no caso deste trabalho, as informações e elementos foram colhidos por meio de entrevistas presenciais e individuais, mediante a aplicação de um roteiro de entrevista semiestruturado contendo perguntas abertas, que pode ser encontrado no Apêndice A, com representantes e lideranças das Organizações da Sociedade Civil participantes deste estudo: Centro de Educação Ambiental, Fundação O Pão dos Pobres de Santo Antônio, Instituto Misturaí e Net Impact, objetivando identificar se essas organizações estão atendendo os objetivos propostos no trabalho e colher informações relevantes e oportunas para elaboração das análises, mediante a assinatura do Termo de Confidencialidade para Coleta de Informações da Instituição e do TCLE – Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

Entrevista é uma conversa entre o pesquisador e o pesquisado, possibilitando o desenvolvimento de exposição de informações e ideias de forma recíproca,

estabelecendo uma conversação com propósito definido sem alternativas de respostas objetivas, com intuito de guiar a conversa, gerando dados qualitativos, incentivando os participantes a darem respostas precisas.

Segundo Bardin (2011) destaca que a entrevista é um método de investigação específico que pode ser classificado como diretivo, fechado, ou não diretivo, aberto, que, no contexto da análise de conteúdo, a entrevista pode ser demasiadamente complexa.

Um roteiro de entrevista semiestruturada apoia a entrevista, seguindo uma lista de tópicos pré-estabelecidos que devem ser percorridos durante a conversa, possibilitando a inclusão de outros questionamentos durante a entrevista (HAIR, *et al.*, 2005).

O roteiro de entrevista é um instrumento de apoio para o entrevistador ter uma trajetória pré-definida, elaborados com questões abertas, sem que se ofereça alternativas desenvolvidas anteriormente, solicitando que o entrevistado detalhe e relate suas opiniões sobre as perguntas que forem sendo feitas, de forma qualitativa e descritiva (SILVA, *et al.*, 2013), e assim, coletar as informações pertinentes do entrevistado, estipulando um relacionamento que compartilhe de valores e crenças parecidas, para conseguir alcançar a prioridade de se aprofundar nos assuntos durante a interação e captar os conteúdos averiguados.

Como descrito por Yin (2010), em estudos de caso, existem princípios primordiais para a realização da coleta de dados na realização: utilização de várias fontes de evidências; criação de um banco de dados para o estudo de caso; encadeamento de evidências.

As entrevistas sucederam-se presencialmente, face a face, capturando as conversas por meio de aparelho celular com aplicativo de gravação, em visitas as localidades em que as OSCs estão situadas no município de Porto Alegre/RS para que, posteriormente, fossem transcritas. A seguir, descreve-se a forma de como os dados e informações foram colhidas nesta pesquisa.

Houve uma pesquisa prévia mapeando possíveis candidatas a participar do presente trabalho, Organizações da Sociedade Civil que se encaixassem nos pressupostos estabelecidos e demonstrassem, através de suas presenças digitais, estarem desempenhando ações alinhadas com a temática da pesquisa. Após essa etapa, optou-se por escolher as OSCs que previamente detinham algum tipo de relacionamento e interação prévia com o pesquisador. Em seguida, enviou-se e-

mails formais de convite e comunicados via aplicativo de mensagens instantâneas, agendando as entrevistas, combinando de realizá-las presencialmente em visita as dependências de cada OSC. Comunicou-se que as instituições precisariam autorizar a utilização de seu nome no corpo de trabalho, o que todas as OSCs participantes concordaram fazer, mediante a assinatura do Termo de Confidencialidade para Coleta de Informações da Instituição e os entrevistados o Termo de Confidencialidade Livre e Esclarecido para constarem como sujeitos da pesquisa, ambos disponibilizados nos Apêndices C e D, respectivamente.

A primeira visita realizou-se na sede do Instituto Misturaí, na data de 06/09/2022, às 10h30min, sendo que a entrevista teve a duração de trinta minutos no local em que se sucede a gestão administrativa e, em seguida, houve uma apresentação da sede da organização, caminhada em parte da comunidade que a OSC está inserida, na Vila Planetário e das dependências que determinados projetos ocorrem, com a condução das entrevistadas, contando histórias e detalhando as iniciativas que a Misturaí propõe e realiza. As entrevistadas agradeceram a oportunidade e ressaltaram a necessidade que a organização estava vivenciando, precisando urgentemente angariar recursos a fim de viabilizar o próximo ano das operações. Assim sendo, elas aceitaram o convite para participar da pesquisa não somente para contribuir com a geração de conhecimento, mas, também, visando promover a Misturaí e ampliar o alcance da OSC, trazendo benefícios para si mesma, ou seja, principalmente, para seus beneficiários.

A segunda entrevista, ocorrida no Centro de Educação Ambiental, aconteceu dia 21/09/2022, às 10h, local que o pesquisador já havia frequentado, por ter atuado como voluntário anteriormente. Houve reencontro com pessoas conhecidas e uma ótima recepção, realizando uma conversa informal precedente a entrevista em si, que, juntas, totalizaram a duração de uma hora, na sala de reuniões da organização. O CEA é uma organização bem conhecida pelo autor dessa pesquisa científica, vide que sua mãe atuou como alfabetizadora por vários anos, idealizando o Projeto Mãos Dadas, focado em alfabetizar e desenvolver adultos. A partir dessa proximidade, promove-se festas de fim de ano, com recolhimento de doações e elaboração de cestas natalinas que proporcionem uma ceia de Natal e ano novo para as famílias dos colaboradores da organização.

A Fundação O Pão dos Pobres foi a terceira OSC visitada, ocorrendo ambas as entrevistas com os entrevistados no dia 22/09/2022, às 10h, na área em que o

Centro de Aprendizagem Profissional está estabelecido, no setor de gastronomia. As entrevistas ocorreram em locais distintos, intercorrendo de uma caminhada guiada por um dos entrevistados para mostrar as dependências da Fundação e alguns dos locais relatados durante a entrevista. No Pão dos Pobres, o pesquisador também já conhecia os entrevistados por ter auxiliado na construção de um projeto social junto do setor de gastronomia, projeto esse que propiciou aos jovens alunos atividades e visitas a feiras gastronômicas.

Finalmente, para entrevistar as lideranças da Net Impact Porto Alegre, que ainda não dispõem de um espaço físico para gerir suas atividades, combinou-se um encontro, dia 26/09/2022, às 14h, em um café com ambiente propício para a realização da entrevista. Os entrevistados se mostraram bastante conhecedores dos temas abordados e dispostos a auxiliarem como podiam na provisão de informações. Importante salientar que o pesquisador detinha conhecimento da organização por intermédio de pesquisas e conhecimento de eventos em que houve a participação da OSC.

### **3.4 Técnicas de análise de dados**

Neste estágio essencial da metodologia de pesquisa, em que se utiliza técnicas de análise dos dados que serviram como base para as etapas predecessoras, buscando-se apurar e entendê-los, possibilitando a averiguação das respostas angariadas, organizando-as para chegar nas soluções do problema investigado.

Nesta pesquisa, procurou-se analisar como as Organizações da Sociedade Civil estão implementando em suas práticas de gestão os conceitos de Responsabilidade Socioambiental e como estão alcançando os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Portanto, foi utilizada a análise de conteúdo, técnica de análise de dados qualitativos amplamente implementada atualmente, adotada para analisar os textos e sons captados nas etapas anteriores.

O autor Yin (2010) descreve como a análise de dados qualitativos é dividida em três etapas distintas, sendo elas: redução dos dados, apresentação dos dados e, finalmente, conclusões e verificações.

Diante do exposto, Yin (2010) cita que, na primeira etapa, deve-se escolher, descartar e organizar os dados, estipulando que a análise inicia na delimitação do

projeto ao decidir um modelo teórico, para elaborar sumários dos dados e categorizá-los, destacando temas que surjam e definir tipologias e níveis.

Já na segunda etapa de apresentação dos dados, o mesmo autor lista alguns pontos que podem ser realizados: elaborar matrizes e tabelas, gráficos, ilustrações, redes, fluxogramas e mapas conceituais.

Para concluir as etapas estipuladas, Yin (2010) chega nas conclusões e verificações, que solicitam a organização das lições aprendidas, utilizando modelos e/ou metáforas, indicações de regularidades, padrões, explicações e fluxos causais e proposições ou hipóteses a serem testadas em futuros trabalhos de pesquisa científica.

A análise de conteúdo, sendo um método de investigação, demonstra atribuições de ser uma ferramenta ágil que retoma e se aperfeiçoa de acordo com as investigações que ocorrem, como um guia prático para a ação, constando procedimentos específicos para os processamentos dos dados científicos (MORAES, 1999).

A análise de conteúdo, na compreensão elaborada por Bardin (2011) se trata de um composto de instrumentos metodológicos que dispõem de sutilezas as quais se sofisticam constantemente, aplicáveis à conteúdos extremamente diversificados, que apresentam como fator comum entre estas técnicas a interpretação de textos e palavras de forma controlada, fundamentada na inferência e dedução.

Moraes (1999) explica que a metodologia de pesquisa, quando decide-se aplicar o método de análise de conteúdo, esse serve para “descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise conduzindo a descrições sistemáticas qualitativas [...] ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compressão de seus significados” (MORAES, 1999, p. 8).

Na análise de conteúdo, a autora Bardin (2011) expõe que a função primordial deste método empírico é o desvendar crítico. A autora propõe que existem três etapas a serem percorridas para a execução dessa análise, organizadas em: 1) pré-análise, 2) descrição analítica e 3) interpretação referencial.

Na primeira etapa de pré-análise ocorre a organização do material e é o momento de percepções do que foi angariado. Pretendeu-se operacionalizar as ideias e sistematizá-las, possibilitando o desenvolvimento assertivo das etapas que se sucederam, em um plano analítico. Com uma técnica de leitura flutuante, resulta na escolha dos documentos, hipóteses e objetivos dos indicadores propostos.

Descrição analítica é a segunda etapa descrita pela autora, em que acontece a análise e exploração do material. Esta etapa possui como objetivo a busca por sínteses e ideias discrepantes. O material que foi coletado constitui o corpo do estudo, onde os procedimentos são a codificação, a classificação e a categorização desses dados.

Entende-se interpretação referencial como o tratamento dos dados e resultados, inferência e interpretação. Busca-se instituir vínculos do material empírico coletado com o referencial teórico pesquisado, em que os resultados brutos são tratados para serem validados.

Já para o autor Moraes (1999), o processo de análise de conteúdo com foco em análises qualitativas, contém cinco etapas: preparação das informações, unitarização ou transformação do conteúdo em unidades, categorização ou classificação das unidades em categorias, descrição, interpretação.

Ao colocar a teoria em prática, o pesquisador considerou que teve condições de concretizar as etapas e hipóteses conjecturadas, considerando que após a etapa de coleta de dados, em que houve a gravação das entrevistas, todas essas interlocuções foram transcritas fidedignamente na íntegra, pelo próprio autor, propiciando a visualização das declarações colhidas, permitindo a elaboração de um quadro com a estrutura tabulada das respostas de cada entrevistado, segmentando em objetivos específicos e respectivas perguntas delineadas, propiciando a categorização das mesmas, chegando-se a nove categorias, as quais são: Ações de Responsabilidade Socioambiental; Processos gerenciais sustentáveis; Práticas a serem implementadas; Gestão interna adequada aos aspectos socioambientais; Conscientização sobre Responsabilidade Socioambiental; Entendimento dos beneficiários perante ações socioambientais; Conhecendo a Agenda 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável; Objetivos de Desenvolvimento Sustentável atendidos; Ampliação da adesão aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Finalmente, mostradas as etapas de metodologia aplicadas nessa pesquisa científica, o capítulo seguinte concentra-se em analisar os resultados obtidos através dos empenhos praticados. O capítulo de análise dos resultados apresenta a categorização delineada originada nos objetivos específicos da pesquisa e respostas dos sujeitos, visando responder aos questionamentos propostos.

## **4 ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Os dados coletados com base nas entrevistas realizadas com colaboradores das quatro Organizações da Sociedade Civil escolhidas são os insumos que alicerçam e fundamentam a análise de conteúdo dos resultados obtidos nessas interações, de acordo com a literatura dos autores abordados no capítulo de fundamentação teórica. As análises ocorreram conforme os conceitos e referências teóricas explanados destes mesmos autores, utilizando uma perspectiva qualitativa perante as informações angariadas, identificando quais, dentre as respostas de cada entrevistado, demonstraram possuir correlações com os enfoques das categorias elaboradas.

Esse trabalho está em concordância com a estratégia de pesquisa científica intitulada estudo de caso, pois está qualificado em três aspectos importantíssimos que formam o tripé informacional, característica da estratégia descrita. Os dados e informações das instituições pesquisados em sites e redes sociais institucionais de cada OSC participante, a coleta dos insumos oriundos dos relatos dos sujeitos via entrevistas e observações e pesquisas do pesquisador perante cada unidade de análise, informes do que viu e percebeu durante as visitas e entrevistas.

### **4.1 Categorização**

As categorias estabelecidas foram elaboradas considerando o objetivo geral e os objetivos específicos descritos no capítulo 1, subcapítulo 1.4, parametrizando as respostas coletadas dos entrevistados com as definições estipuladas em cada um dos objetivos, enunciadas no Apêndice A – Roteiro de Entrevista. Já a tabulação dessas categorias e respostas, no prosseguimento desta etapa, podem ser encontradas no Apêndice B – Tabulação das Respostas. A criação das categorias foi elaborada a partir do conceito descrito pela autora Bardin (2011), onde a categoria nesse contexto de análise é como uma classe que agrupa elementos que apresentam características similares, mencionando os critérios de categorização que ocorre com a classificação e agregação, formando pensamentos que refletem a realidade resumidamente em um período específico.

A seguir são apresentadas cada uma das categorias consolidadas, relacionando suas denominações com os objetivos da pesquisa e articulando a

interligação com as respostas dos sujeitos entrevistados, colaboradores das OSCs averiguadas. As interpretações concernentes as análises e aos resultados obtidos das respectivas categorias são apresentados através de análise de conteúdo, técnica escolhida no presente trabalho. A seguir, é apresentado o Quadro 2 contendo a especificação de cada objetivo específico e suas respectivas perguntas, detalhando as perguntas inseridas e relativizando com as categorias elaboradas a partir desses questionamentos

**Quadro 2 - Categorias das respostas**

<b>Objetivo Específico 1: Analisar quais as ações de Responsabilidade Socioambiental podem ser encontradas nas OSCs pesquisadas.</b>	
<b>Pergunta</b>	<b>Categoria</b>
Quais as ações e iniciativas de Responsabilidade Socioambiental a OSC realiza? Como Realiza?	Categoria 1: Ações de Responsabilidade Socioambiental
Quais são os processos gerenciais que a OSC faz em prol da sustentabilidade e Responsabilidade Socioambiental?	Categoria 2: Processos gerenciais sustentáveis
Quais outras práticas você considera que ainda podem ser implementadas?	Categoria 3: Práticas a serem implementadas
<b>Objetivo Específico 2: Identificar como as OSCs estão alinhadas com o propósito de gerir suas operações de forma socialmente e ambientalmente responsáveis.</b>	
<b>Pergunta</b>	<b>Categoria</b>
Como a OSC considera os aspectos sociais e ambientais em sua gestão operacional e processos internos?	Categoria 4: Gestão interna adequada aos aspectos socioambientais
De que formas a OSC procura conscientizar seus colaboradores com as práticas de Responsabilidade Socioambiental?	Categoria 5: Conscientização sobre Responsabilidade Socioambiental
Como a OSC trabalha a importância que seus beneficiários entendam a relevância das ações socioambientais?	Categoria 6: Entendimento dos beneficiários perante ações socioambientais
<b>Objetivo Específico 3: Identificar quais os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) as OSCs pesquisadas estão atendendo.</b>	
<b>Pergunta</b>	<b>Categoria</b>
Você e sua organização conhecem a Agenda 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável? Como ficaram sabendo?	Categoria 7: Conhecendo a Agenda 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

Quais os ODS você entende que a OSC está atendendo, trabalhando, atualmente?	Categoria 8: Objetivos de Desenvolvimento Sustentável atendidos
A OSC cogita desenvolver um planejamento para ampliar o atendimento de outros desses ODS? Por quais motivos?	Categoria 9: Ampliação da adesão aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os perfis dos oito entrevistados são diversos e indiferentes para a análise dos resultados, pois o intuito dos questionamentos ocorreu objetivando o contexto organizacional e institucional em cada OSC, e não sobre opiniões pessoais dos entrevistados. dois de cada Organização da Sociedade Civil participante da pesquisa, sem distinguir qualquer pressuposto de cargo, gênero, atribuições e questões demográficas estipulados pelo autor, tendo em vista que as próprias OSCs disponibilizaram os colaboradores que consideraram elegíveis a participarem das entrevistas. Em seguida, são listadas as categorias originadas com base nas perguntas elaboradas para o roteiro de entrevista, fundamentadas nos objetivos específicos dessa pesquisa científica.

#### 4.1.1 Categoria 1: Ações de Responsabilidade Socioambiental

Esta categoria foi estabelecida alicerçada pelo Objetivo Específico 1, “Analisar quais as ações de Responsabilidade Socioambiental podem ser encontradas nas OSCs pesquisadas”, apoiada na pergunta 1 do mesmo objetivo, “*Quais as ações e iniciativas de Responsabilidade Socioambiental a OSC realiza? Como Realiza?*”.

Em virtude dos perfis de atuação distintos e atribuições diversas dentro de cada OSC, os entrevistados referiram conhecimentos diversificados sobre a temática, contudo, estão cientes de que as OSCs em que colaboram realizam ações que contemplam as premissas sociais e ambientais como forma essencial de atuarem, entendendo que essas iniciativas permeiam as atividades das organizações, instruindo os colaboradores e beneficiários, cooperando com as comunidades em que estão inseridas com práticas sustentáveis, explanando suas percepções sobre o questionamento e identificando quais as ações que suas respectivas organizações colocam em prática.

De acordo com o entrevistado 3, gestor do Centro de Educação Ambiental, no seguinte trecho da resposta para a primeira pergunta:

*“[...] a principal estratégia que eu acredito do Centro de Educação Ambiental, mas que deveria se replicar por outras organizações que estão passando por muitas dificuldades, é buscar soluções tecnológicas e ambientais para os resíduos que são gerados na nossa cidade. Assim, a gente consegue então, gerar grana, gerar receita, gerar distribuição de renda para dentro da comunidade e gerar emprego, obviamente. E, ao mesmo tempo, gerar recursos para o desenvolvimento social dos projetos que a gente desenvolve aqui dentro.” (E3)*

Já na visão da entrevistada 1, colaboradora da Misturaí, é importante citar os projetos que a OSC realiza:

*“Então, acho que a gente tem o Amparaí, assistência em relação à fome, uma das questões, a gente tem o Regeneraí, bem da questão ambiental, a gente tem o Gurizadaí que é da questão da educação, acesso à educação, reforço escolar.” [...]tem o brechó, que é da moda sustentável de reutilização.” (E1)*

Representante da mesma OSC que a entrevistada acima, a vice-presidente do Instituto, entrevistada 2, comenta que:

*“Socioambiental, o Costuraí, geração de renda né, tem essa pegada aí de reutilizar materiais, como utilizar retalhos... Porque daí no Costuraí se reutiliza tudo né, vai se tendo reformas de roupas, materiais tipo persianas que se usa para bolsas.” (E2)*

Visando atualizar seu posicionamento organizacional, almejando retornar a um patamar de ser referência em sustentabilidade no município de Porto Alegre, a Net Impact resolveu se adaptar a sua nova realidade, firmando o objetivo de alcançar adequações de acordo com a atual situação da OSC. O entrevistado 8 cita que:

*“Então, nós nos vimos obrigados a repaginar a organização para entender o que que era o posicionamento daquele momento e, ali, muitas coisas surgiram em termos da gente entender transparência, da gente entender o que que era de fato sustentabilidade, a gente trabalhou muito forte aquele ano nessa linha de sustentabilidade, o que não é descolado da questão socioambiental, que são dois pilares significativos da sustentabilidade.” (E8)*

A entrevistada 4, liderança do Centro de Educação Ambiental, descreveu as iniciativas que ocorrem dentro do CEA, resumindo-as no relato abaixo:

*“Reaproveitamento de tudo né, de tudo que chega até esse lugar, a questão da separação correta dos resíduos sólidos, até porque é matéria-prima de um dos CNPJs, né, as visitas guiadas, as visitas guiadas internamente e externamente, as palestras e oficinas que a gente se dispõe a fazer nos espaços externos, a gente tem a estufa agroecológica, nós temos o armário solidário e nós temos a prática real da sustentabilidade diariamente dentro das instituições que compõem o CEA.” (E4)*

Esses trechos das respostas dos entrevistados à pergunta, corroboram com a validação da hipótese levantada na elaboração do objetivo específico, proveniente de uma indagação por parte do pesquisador conexa com a possibilidade de confirmar que as organizações do terceiro setor, assim como organizações públicas e privadas, implementam práticas e ações de caráter socioambiental pertinentes às melhores práticas de gestão atuais.

Contextualizando sobre a Responsabilidade Socioambiental, o Ministério do Meio Ambiente (BRASIL, 2017), afirma ser um compromisso que determinada organização detém perante suas tomadas de decisão, os impactos que advêm dessas atividades, suas conjunturas resultantes de sua postura ética e transparente, gerando desenvolvimento sustentável para o meio ambiente e sociedade.

Conforme os autores Vilela Jr e Demajorovic (2006) atestam, é notório que os funcionamentos organizacionais vêm se dedicando a promover e solucionar as diversas dificuldades encontradas nos âmbitos ambientais e sociais, concretizando atividades e execuções eticamente corretas, denominando essas práticas com a terminologia de Responsabilidade Socioambiental.

Considerando tais entendimentos, Palmer e Flanagan (2016) salientam que esse posicionamento, ocorrendo de forma respeitosa e íntegra, proporciona aumento significativo na qualidade de vida dos indivíduos e grupos, proveniente de iniciativas como a reutilização de recursos naturais, restringimento na produção de resíduos e fomento a projetos que promovam impactos positivos em comunidades e iniciativas sociais.

#### 4.1.2 Categoria 2: Processos gerenciais sustentáveis

Esta categoria foi determinada a partir do Objetivo Específico 1, “Analisar quais as ações de Responsabilidade Socioambiental podem ser encontradas nas OSCs pesquisadas”, e da pergunta 2 do mesmo objetivo, “Quais são os processos gerenciais que a OSC faz em prol da sustentabilidade e Responsabilidade Socioambiental?”.

Perceber quais os procedimentos de gestão e métodos administrativos são coordenados intencionando o equilíbrio do tripé que sustenta os aspectos sustentáveis em certa organização. Em geral, os entrevistados relataram que estão atentos em suprir as necessidades que o ambiente externo demanda, internalizando em seus processos gerenciais, individuais e coletivos, a importância de implementar iniciativas educativas que elucidem as primordialidades de se realizar uma gestão em benefício da sustentabilidade e RSA. Comentaram da necessidade de receber auxílio externo de pessoas capacitadas a auxiliarem e serem consultores voluntários (capital intelectual/recurso humano) para promover ações eficazes, captar essa mão de obra qualificada que esteja disposta a auxiliar em aprimorar os processos internos e gerenciar efetivamente as práticas de sustentabilidade, alinhando com os gestores a necessidade de atualização nessas áreas.

Nesse sentido, o relato do entrevistado 6 corrobora com a percepção de imprescindibilidade em construir uma rede de voluntários:

*“A gente tem alguns parceiros que a gente traz para dentro da Fundação para trabalhar isso com a gente mesmo né, conosco, os instrutores, sugestão dos gestores e também, automaticamente, passar isso para nossos jovens [...] sempre buscando parceiros para vir trabalhar isso com a gente aqui para estar nos atualizando essas questões ambientais.” (E6)*

Já o entrevistado 3 revelou o quão recente é a implantação de processos gerenciais, vide a transição institucional em que estão percorrendo no momento:

*“Alguma maneira a gente precisa então encontrar nesse novo modelo de processo organizacional para passar por essa transição [...] de tentar estudar o que a Marli Medeiros, a fundadora, antiga liderança desse projeto, da maneira que ela construiu esse projeto e quais são os novos modelos que a gente vai ter que começar a adotar para o CEA, para entender esses novos processos organizacionais que o mundo está exigindo do terceiro setor.” (E3)*

Frisou que as organizações inseridas no terceiro setor precisam, prementemente, se atualizarem e se adequarem às requisições externas.

*“Eu digo que outras organizações também deveriam se ligar nisso, mas a gente precisa parar e estudar muito o que que o mundo está exigindo hoje, qual é a demanda hoje do mundo, não só se tratando de questões sociais e ambientais, mas essencialmente de questões gerenciais.” (E3)*

Considerando tais concepções, a entrevistada 1 corroborou com o entendimento anterior, afirmando que:

*“Hoje, a Instituição pós-pandemia, ela tá se reformulando né, ela tá se estruturando com profissionais, começando por uma assistente social, porque a gente viu que não é só entregar roupas, não é só entregar um prato de alimento, a gente quer impactar na vida dessas pessoas né. Então, é importante a gente hoje estar potencializando esses projetos [...] hoje os nossos processos, assim, são em cada projeto, tá estruturando-o para que tenha um impacto na vida, tanto das crianças, quanto das pessoas que a gente tá atendendo hoje.” (E1)*

Evoluindo nesse raciocínio, citando novamente a fala do entrevistado 3, que vai ao encontro com a atual situação em que o terceiro setor se encontra.

*“Quando tu fala do conceito ESG, do Sistema B, é exatamente o diálogo, a dialética que o mundo está adotando hoje e, se a gente continuar como organização social, como terceiro setor, replicando, repetindo tudo aquilo que a gente faz há 30 anos, com certeza esse modelo de processo administrativo institucional, ele vai ficar abandonado, ele vai ficar para trás e os parceiros, os incentivadores, os patrocinadores, essa galera que está dialogando ao mesmo tempo com a bolsa de valores, quer estar escutando isso também dentro do terceiro setor”. (E3)*

Explanando uma perspectiva distinta das anteriores, o entrevistado 9, da Net Impact, demonstrou sua experiência pessoal e visão referente aos processos educacionais que precisam ocorrer com os colaboradores que cheguem para auxiliarem a OSC.

*“Eu mesmo, falando pessoalmente, eu cheguei muito querer entender mais a sustentabilidade e de me envolver mais com isso, e tinha todo um lado de aprendizado. E na linha do processo gerencial essa questão do acultramento, essa questão do onboarding é muito significativo. Olhando mais para o modo prático, a gente tinha uma espécie de levantamento que a gente fazia anualmente, onde a gente passava tudo, a gente nunca teve um trabalho de não conseguir evoluir em um prático, para ter indicadores específicos, até porque o que a gente trabalha é muito*

*qualitativo, o que é um pouco mais complicado de você ter esse tipo de controle, requer muita pesquisa, requer muita análise.” (E9)*

Ponderando as respostas descritas, é perceptível que as OSCs analisadas tornam evidente que seus processos gerenciais apresentam características sustentáveis, em harmonia com práticas de Responsabilidade Socioambiental, sanando o questionamento levantado na pergunta que originou a categoria vigente.

As organizações que optam por almejar alinhamento consciente com os paradigmas produtivos contemporâneos, aderindo às práticas de responsabilidade sociais e ambientais em seus contextos promovem o desenvolvimento sustentável, produzindo diversos impactos positivos para elas próprias, bem como para seu ambiente externo (SÁ *et al.*, 2013).

Sob esse aspecto, tais organizações que adotam eficientemente ações sustentáveis, mesmo as OSCs que não visam a geração de lucro em suas operações, são constituídas semelhantemente a uma organização da iniciativa privada, com estrutura organizacional que, assim como uma empresa, é fundamental estipular instrumentos gerenciais que balizem a mensuração e acompanhamento do alcance pelos objetivos planejados (SILVA; COSTA; GÓMEZ, 2011).

Contudo, mesmo que exista a necessidade de as organizações da sociedade civil praticarem execuções gerenciais em prol do cumprimento das metas estipuladas, para Armani (2003), essas práticas se mostram laboriosas e demandam empenho dos colaboradores para alicerçar o desenvolvimento dessas atividades de sustentabilidade nas organizações, exercendo a correta administração dos parâmetros que serão utilizados.

Fundamento por essas definições, novamente Armani (2003), em seu entendimento, explicita que as organizações fixadas no terceiro setor apresentam dois enfoques de categorias no ramo de sustentabilidade em seu funcionamento gerencial, possibilitando a integração do enfoque sistêmico ou do enfoque gerencial, respaldando os processos organizacionais compreendidos por essas teorias e viabilizando a melhoria das práticas administrativas.

#### 4.1.3 Categoria 3: Práticas a serem implementadas

Esta categoria foi definida com base no Objetivo Específico 1, “Analisar quais as ações de Responsabilidade Socioambiental podem ser encontradas nas OSCs pesquisadas”, e na pergunta 3 do mesmo objetivo, “*Quais outras práticas você considera que ainda podem ser implementadas?*”.

Almejou-se prospectar junto a esses colaboradores das OSCs pesquisadas suas opiniões gerais no que diz respeito a percepções e vislumbres que disponham. Relacionando as respostas, percebe-se que a busca por parceiros, capital intelectual humano que contribua com suas expertises, auxiliando as OSCs a efetivamente implementarem melhores processos em sua gestão, contribui para agregar valor nas ações realizadas. É uma dificuldade que o terceiro setor enfrenta, captação de recursos e intelectual para desenvolver os projetos, precisa-se de criatividade e criar modelos eficazes que consigam trazer esses recursos. Nota-se as diferentes perspectivas entre as OSCs, algumas com práticas pontuais e de acesso mais plausível, outras, almejando patamares superiores de alcance e atuação, galgam práticas que demandam maior atenção e soluções dos desafios encontrados. Nessa categoria optou-se por incluir respostas explicativas de todas as OSCs, intencionando contextualizar as perspectivas de todas as organizações.

A entrevistada 2, colaboradora do Instituto Misturaí, expõe a visão da organização, no intuito de continuar impactando positivamente dentro de outras comunidades para além de onde está situada, auxiliando as pessoas a lutarem por seus direitos.

*“Hoje, a gente tem vínculos com algumas comunidades nas quais hoje a gente ajudou essas comunidades a se revitalizar, né, ajudando a reconstruir as sedes comunitárias, as associações. [...] a buscar qualidade de vida pra essas comunidades.” (E2)*

O representante do CEA, entrevistado 3, informa as dificuldades que ocorrem no terceiro setor, de captação de recursos financeiros e intelectuais, insumos que oportunizam o crescimento sustentável da organização.

*“Tudo que a gente pensa de inovação, de adotar novas práticas, de adotar novos modelos de negócio, tudo o que a gente pensa dentro do terceiro setor, a gente precisa de dinheiro para fazer essas mudanças e não tem esse dinheiro para fazer essas mudanças. Então, a gente precisa*

*convencer primeiramente, ou seja, mudar essa dialética, mudar essa maneira de dialogar com o empresário, ou com o governo, ou com seja lá quem for, que vá é trazer esse recurso, que vai trazer esses investimentos na nossa visão de adaptação de negócio, para conseguir adotar, para conseguir então implementar essas novas práticas de negócio aqui dentro.” (E3)*

Exemplificando sua narrativa, o mesmo entrevistado evidencia a forma em que inseriu novas práticas:

*“Então a estratégia que eu adotei, entendendo que eu precisava mudar a prática de gestão dentro do CEA, foi a estratégia de captar não dinheiro mais, mas de captar, primeiramente, pessoas dispostas a colaborar com o seu poder intelectual e não com o seu poder financeiro [...] eu trouxe novos colaboradores para dentro do CEA, um engenheiro, um arquiteto, um empresário, cabeças novas pensando no CEA, porém, irmão, eu só consegui fazer isso porque eles não nos cobraram.” (E3)*

Na Fundação O Pão dos Pobres de Santo Antônio, a entrevistada 5 trouxe respostas mais objetivas, com procedimentos factíveis e tangíveis de serem aplicados, porém, que demandam dedicação e investimento.

*“Um sonho seria a gente conseguir usar na lavagem dos panos sabão vegano e embalagem de papelão, por exemplo, porque aí a gente não estaria usando o plástico que é mais difícil na decomposição [...] o sabão em barra ser mais usado do que o sabão líquido, as esponjas biodegradáveis.” (E5)*

Assim como a entrevistada 5, o entrevistado 6 relatou práticas que a OSC pode acoplar em sua operacionalidade:

*“A gente tem um recurso maravilhoso que é a água da chuva e a gente não está conseguindo captar, a gente até iniciou um projeto, mas não teve continuidade de usar essa água da chuva, a gente tem, inclusive, tem um reservatório para isso, lá separado, mas a gente não conseguiu dar segmento para estruturar isso, para ser reutilizado dentro das dependências da Fundação.” (E6)*

A entrevistada 4 salientou alguns objetivos que o CEA está engajado em conseguir implementar:

*“Tem duas ações assim, dois projetos que, para nós, está sendo o objetivo máximo, assim né, que é a questão da energia solar e a questão*

*do uso de cisternas [...] chegaria num ponto muito bom, né, do cumprimento da sustentabilidade e da preocupação socioambiental [...] uma prática importantíssima também, que é o reaproveitamento do orgânico.” (E4)*

Finalmente, os entrevistados da OSC Net Impact relataram situações que consideram relevantes de serem consideradas em seus planejamentos, e relembram que, antes da paralização das atividades da organização ocasionada pela pandemia do surto de COVID-19, nos anos de 2020 e 2021, a Net Impact já atuava com ações ligadas à sustentabilidade e resolução de questões ambientais e sociais, movimentos que, atualmente, se tornaram pauta a serem atendidas em todos os setores da sociedade. A entrevistada 7 disse que:

*“A gente precisa se alinhar com a nossa matriz dos Estados Unidos. Então, a gente tem que fazer uma análise aqui, de mercado, e ver como que a gente vai fazer esse meio de campo. [...] Então, a gente precisa atender essas demandas que são grandes, responder nossa matriz e o que que é o cenário de Porto Alegre, o que que eles estão pedindo, o que o mercado, entre aspas, precisa.” (E7)*

O entrevistado 8 descreveu uma situação que ocorreu na Net Impact e que percebe em outras Organizações da Sociedade Civil:

*“Talvez nesse tipo de organização precise ter, infelizmente, essa pessoa mais centralizadora, o que era contra o que eu acreditava até um tempo atrás [...] Então, até hoje, eu não consegui entender o modelo para OSC que não passe por isso, e eu falo até por outras organizações, talvez não seja aquelas com as quais tu te envolvereste, mas outras com as quais a gente tem contato, que sempre tem uma figura central, que ela é muito significativa, porque ela é a pessoa arquiteta que tem um conhecimento imenso. Então numa ideia de medida de futuro, talvez, isso que a gente relutou, a gente tem que segurar como uma fortaleza e trabalhar de uma maneira de entender como passar o bastão para outras pessoas que venham interessadas, que tenham um perfil talvez mais próximo, que tenham uma capacidade de assumir futuramente. Não que a gente venha sair da jogada, mas é que a gente tem que trabalhar uma espécie de linha de sucessão.” (E8)*

A pertinência de promover iniciativas e programas de Responsabilidade Socioambiental, criar políticas que proporcionem soluções para essas temáticas tão substanciais, proporciona que as oportunidades de implementação dessas pautas realmente ocorram de fato, com o compromisso de evoluir em nossos

comportamentos de forma ética e responsável em todos os setores da sociedade (BRASIL, 2017).

Como práticas a serem implantadas eficientemente, Puyvelde *et al.* (2012) aponta que as OSCs mantêm seus norteadores estratégicos visando o socialmente e ambientalmente responsável, estreitando relações com seus parceiros, almejando legitimar essas parcerias através da disponibilização de informações transparentes de suas operações, com ferramentas de gestão adequadas e manutenção de sua essência e respectiva cultura.

No entendimento de Silva, Costa e Gómez (2011), perspectivando as estratégias que uma OSC precisa criar no intuito de expandir suas atividades e aumentar o impacto positivo de suas iniciativas perante a harmonização ambiental, social e econômica das comunidades que são beneficiadas por sua atuação, as organizações carecem de adequarem-se a realidade de não terem como objetivo a geração de lucro financeiro, mas sim promover geração de valor e melhoria da condição de vida para os beneficiários.

As mudanças de atitudes e iniciativas perante as necessidades atuais são o que fazem com que exista a tomada de decisão, por parte das organizações, a implementarem práticas de Responsabilidade Socioambiental não somente nos planejamentos, mas sim, concretizá-las, transformar intenção em compromisso, cooperando e unindo dedicações em prol da estruturação dessas causas, como bem elucida o Programa Agenda Ambiental na Administração Pública (BRASIL, 2016).

#### 4.1.4 Categoria 4: Gestão interna adequada aos aspectos socioambientais

Esta categoria foi estabelecida através do Objetivo Específico 2, “Identificar como as OSCs estão alinhadas com o propósito de gerir suas operações de forma socialmente e ambientalmente responsáveis”, alicerçada pela pergunta 1 do mesmo objetivo, “*Como a OSC considera os aspectos sociais e ambientais em sua gestão operacional e processos internos?*”.

Nesse enquadramento, os entrevistados mencionaram as ações e projetos que suas organizações desempenham visando se alinharem com suas finalidades de existirem, materializando operacionalmente o gerenciamento em proveito de impactos positivos nas esferas ambientais e sociais, instruindo tanto os

colaboradores quanto os beneficiários no que se refere as melhores práticas de gerenciais.

A entrevistada 5, colaboradora da Fundação O Pão dos Pobres de Santo Antônio, citou exemplos que acontecem na aprendizagem educacional, setor de gastronomia:

*“Por exemplo com os nossos jovens, a gente, na cozinha, o que que a gente faz: a história da separação de lixo, desperdício de água, de sabão, de papel, de tudo, do alimento. A gente trabalha com eles, enfim, tentar o desperdício zero das coisas.” (E5)*

Os aspectos sociais e ambientais, de acordo com o relato da entrevistada 4, são essenciais para o CEA, sendo o que norteia a organização, conforme a fala a seguir:

*“A gente tem como atividade inicial e principal a questão da reciclagem e com a questão da reciclagem veio toda essa preocupação social com o público que viria trabalhar no CEA. Então, se a gente for avaliar, nos autoavaliar, eu acredito que a gente tem conseguido, assim, cumprir com a missão, com a visão e com os valores que foram pensados quando o CEA foi criado.” (E4)*

A entrevistada 1 listou algumas ações em nível prático e gerencial, realizadas na organização que, em seu entendimento, atrelam-se a gestão operacional interna exercida pela Misturaí.

*“Tem o Regeneraí que, por exemplo, a gente tem uma praça aqui próxima que, agora a gente até virou o [...] prefeito de praça. Então, a gente é [...] responsável pela praça, então a gente cuida muito a questão do nosso entorno né. Assim, no braço do Regeneraí, a gente tem a horta comunitária, então, o almoço que acontece ali com as crianças do Gurizadaí já tem a questão da horta ali, tem pessoas, a comunidade tá entendendo que a horta é comunitária. [...] A questão interna assim da equipe, a gente tem um código de ética, então acho que é isso, também pensar a questão social, é pensar internamente [...] a Misturaí cresceu muito rápido e vem se ajustando nos processos, mas ela tem isso, ela tem um relatório anual de transparência, a gente tenta sempre ter a questão da transparência então tem um controle.” (E1)*

Na visão do entrevistado 3, ele explana como o CEA engloba diversos aspectos, em termos gerenciais, diretamente atrelados ao cerne da pergunta realizada.

*“Um projeto que ele dialoga com todos com todos os setores e com todas as causas sociais, é incrível. Tu queres falar de meio ambiente? Vamos falar da reciclagem. Quer falar sobre problemas sociais, seja ele qualquer um, entra aqui no Centro Cultural que nós vamos conversar sobre ele, tem projeto para todas as questões, desde a alfabetização para a maioria, a do problema de violência doméstica, a da alimentação, a miserabilidade, tem assistente social, educador, tem tudo né. Ou tu queres falar de educação, educação infantil, vamos para Vovó belinha.” (E3)*

Conforme Borges e Costa (2018) destacam, o terceiro setor é reconhecidamente o grande agente transformador da sociedade no Brasil, desenvolvendo práticas que respondem criativamente aos problemas encontrados nas diversas localidades do país, articulando possibilidades de modificar positivamente o futuro da comunidade.

Esse reconhecimento da OSCs perante a sociedade ocorre quando suas pautas se mostram alinhadas com os princípios morais e padrões éticos percebidos como positivos pela sociedade, desenvolvendo uma identidade que demonstra confiabilidade, principalmente, quando ocorre o envolvimento social e ambiental vinculado com a gestão consciente (LIMA, 2007).

Por sua vez, Palmer e Flanagan (2016) citam que as práticas de responsabilidade socioambiental, quando incorporadas na essência das intenções e estratégias organizacionais, possibilitam um melhor planejamento dos processos sustentáveis nas instituições

Nesse sentido, Gunawan *et al.* (2020) explica que a cooperação nos trabalhos que objetivem o aumento do padrão e percepção da qualidade de vida das pessoas concebem impactos notáveis nos enfoques sociais e ambientais.

No entendimento dos autores Silva, Costa e Gómez (2011), as organizações inseridas no terceiro setor precisam se esmerar em proporcionar sua continuidade exercendo práticas que são essenciais para solidificar essa perpetuação, não somente incorporando a gestão eficiente no aspecto econômico, mas também, essencialmente, nas frentes de sustentabilidade sociais e ambientais, os verdadeiros motivos existenciais dessas organizações

O comportamento com viés socioambiental responsável demonstra que a organização está amadurecendo, infere que a conduta ética é um parâmetro principal em sua visão estratégica, possibilitando que seus stakeholders se certifiquem que a organização está incorporando práticas operacionais em sua

gestão de forma sustentável, fortificando esses laços de relacionamento nos âmbitos internos e externos (SUGANTHI, 2019).

#### 4.1.5 Categoria 5: Conscientização sobre Responsabilidade Socioambiental

Esta categoria foi prescrita mediante o Objetivo Específico 2, “Identificar como as OSCs estão alinhadas com o propósito de gerir suas operações de forma socialmente e ambientalmente responsáveis”, apoiada pela pergunta 2 do mesmo objetivo, “*De que formas a OSC procura conscientizar seus colaboradores com as práticas de Responsabilidade Socioambiental?*”.

Existe a compreensão que o ato de conscientizar depende da competência de quem exercerá essa atitude e a assimilação de quem receberá a instrução, para que, de forma concreta, exista a percepção do que se está ensinando. Buscou-se entender de que maneiras as OSCs agem perante o propósito de sensibilizar seus colaboradores a efetivamente praticarem as orientações sobre RSA, de modo a potencializar a importância da transparência e formação de credibilidade perante essas pessoas, educando-as nas temáticas que envolvem essas práticas por meio de muitas conversas e exemplificações, possibilitando, eventualmente, participação de parceiros que auxiliem na fortificação dessa conscientização.

No Centro de Educação Ambiental, em que a instrução das condutas nessa categoria são primordiais e ocorrem em todas as frentes, o entrevistado 3 exemplificou essas práticas.

*“Dentro dessa visão de desenvolvimento da criança, do adolescente e do próprio colaborador que passam por aqui, a gente também tem metodologias de fazer com que o André, que chegou hoje aqui, fique ligado em não misturar o resíduo na hora que ele for descartar lá embaixo ou aqui dentro que tem que ter as duas lixeiras, e isso a gente está começando agora, de uma maneira muito vívida, a fazer de novo, com essa consultoria socioambiental.” (E3)*

Essa liderança do CEA, entrevistado 3, reafirmou as orientações e instruções que ocorrem na OSC:

*“A gente constrói esse projeto, é um projeto de desenvolvimento socioambiental, está no nome mesmo dele, onde as consultoras lidam com o nosso público adulto, com a educação socioambiental do nosso*

*público adulto aqui dentro do CEA, já que com os beneficiários eles já passam por esse processo cotidianamente.” (E3)*

Diferentemente, a Net Impact apresentou relatos de experiências difíceis na conscientização de voluntários que colaboraram com a OSC, mas que serviram de aprendizado para adaptação em conduzir pessoas voluntárias no futuro, guiá-las no processo de aprendizado. O entrevistado 8 descreveu:

*“Um ponto que a gente chegou depois de várias pessoas, com as quais nos envolvemos, que elas têm disposição nesse momento de carreira assim, então elas estão ávidas a aprender questões, mas enfim, a gente tinha, por prática, anos atrás, a questão de ter esse onboarding, que eu mencionei anteriormente, e isso a gente já fez de diferentes formas [...] a intenção era muito de proporcionar às pessoas, primeiramente, um conteúdo para elas entenderem e se situarem. [...] esse onboarding é uma maneira e, da mesma forma, a gente atuar com uma certa proximidade das pessoas que entraram. É, justamente, conforme for desenvolvendo, especialmente em projetos, “brifar” muito bem as pessoas o que tem que ser feito, o que é a temática envolvida.” (E8)*

Levantando uma consideração extremamente relevante, o mesmo entrevistado teceu um comentário relacionado ao quão aprofundada precisa ser a análise e entendimento sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável para ser capaz de instruir e educar as pessoas.

*“Principalmente com a base dos ODSs, entender as metas, onde é que se encaixam [...] vamos a fundo sabe, isso não é simplesmente um selinho que irá num canto para, de repente, validar uma ação, não, existe uma preocupação por trás. Então esse é um senso que, talvez, a gente tinha para nós e que a gente tentava, e acho que fizemos isso, de passar adiante para as pessoas, como prática mesmo.” (E8)*

Sob esse aspecto, Tachizawa e Andrade (2012) elaboram que se percebe a notoriedade com que gestores contemporâneos agreguem em seus posicionamentos o alinhamento com a disseminação informativa e instrutiva de soluções para as questões do meio ambiente e das demandas sociais encontradas nas comunidades.

No intuito de proporcionar o engajamento por parte dos colaboradores nas temáticas associadas aos princípios de responsabilidade socioambiental, Oliveira *et al.* (2018) menciona a importância da consolidação de uma cultura organizacional que comunique assertivamente os norteadores estratégicos da organização, que

desenvolva a compreensão dessas iniciativas em suas políticas, facilitando o entendimento dos colaboradores sobre os modelos comportamentais que precisam se adequar.

O encargo que a responsabilidade social e o compromisso com questões ambientais envolve, a partir do entendimento de Santos e Weber (2020), demanda um empenho que englobe iniciativas e projetos que realmente visem galgar o patamar de desenvolvimento sustentável pleno, almejando obter impactos que proporcionem equitativamente o bem-estar, a segurança e a saúde da população que a organização tem contato, por intermédio da aplicação de estratégias que intensifiquem os efeitos positivos de suas operações.

As organizações que prezam por balizar suas atividades com responsabilidade e sustentabilidade, geram vantagens competitivas a si mesmas, sendo reconhecidas pelo seu entorno e gerando credibilidade e consolidação de sua imagem institucional perante seus stakeholders, viabilizando que os benefícios oriundos dessas práticas incrementem consideravelmente a percepção de bem-estar geral (OLIVEIRA *et al.*, 2018).

#### 4.1.6 Categoria 6: Entendimento dos beneficiários perante ações socioambientais

Esta categoria foi desenvolvida através do Objetivo Específico 2, “Identificar como as OSCs estão alinhadas com o propósito de gerir suas operações de forma socialmente e ambientalmente responsáveis”, e pela pergunta 2 do mesmo objetivo, “*Como a OSC trabalha a importância que seus beneficiários entendam a relevância das ações socioambientais?*”.

Fechando as perguntas do objetivo específico 3, os entrevistados apresentaram respostas consonantes nessa pergunta, relatando que compreendem a necessidade de se empenharem para que seus beneficiados compreendam a pertinência que os procedimentos socioambientais sustentam. A educação desses jovens, usufruidores das iniciativas das OSCs pesquisadas, busca ser iniciada logo quando são crianças, através dos ensinamentos que os educadores procuram inserir em suas consciências, a importância de se atentar com o meio ambiente e implementar noções de políticas públicas e visão de mundo

A entrevistada 5 foi sucinta e objetiva nessa resposta, no entanto, profundamente assertiva.

*“Eu acho que conversando, na prática, trazendo vivências também, histórias para que eles entendam toda essa importância de cuidar do meio ambiente e, enfim, do que a gente precisa cuidar para manter o mundo sadio, assim, como a gente puder.” (E5)*

O relato pronunciado pelo entrevistado 8, colaborador da Net Impact, ilustra situações em que se precisou instruir os favorecidos perante as atuações da organização.

*“Eu acho que, primeiramente, nessa linha de coerência, a gente conseguir atuar de uma maneira que se entenda o que que a gente está abordando e, tão logo, as correlações. [...] eu acho que passava muito por isso, de sensibilizar e entender as correlações e entender tão logo o impacto daquilo que a gente está fazendo.” (E8)*

A entrevistada 4, representante do CEA, evidenciou a importância de multiplicar os conhecimentos e educação para com os beneficiários e pessoas em geral, além de mencionar um evento que ocorreu, em parceria com outras OSCs, inclusive, o Instituto Misturaí.

*“A gente tem como prática, assim, fazer as reuniões bimestrais com os pais e responsáveis dos atendidos, tanto pra eles quanto pra comunidade, a gente faz ações conjuntas com outras instituições nesse sentido, e a gente fez inclusive, agora, fez não, ajudou né, na elaboração e na execução do primeiro Congresso Popular de Educação e Cidadania, que envolveu outras comunidades, outros bairros né, e um dos pontos que isso aconteceu foi aqui no CEA, onde a gente tratou de vários assuntos né, e o público principal era a comunidade, era envolver a comunidade, era envolver os usuários do CEA, envolver os usuários de outras instituições da comunidade, envolver as escolas.” (E4)*

No Instituto Misturaí, de acordo com as explicações das entrevistadas, a OSC busca acolher os beneficiários, conversar com essas pessoas com intenção de desenvolver ações e campanhas conjuntamente, através do diálogo e entendimento das necessidades que essas pessoas apresentam. Por exemplo. A entrevistada 2 relatou que os beneficiários compreendem a necessidade de expor suas dificuldades no intuito de sensibilizar e angariar doadores a auxiliarem a OSC e, por conseguinte, aos próprios assistidos.

*“A gente faz ações pra que não seja só a entrega da quentinha, mas que a pessoa também se sinta acolhida, entendeu? Então acho que tem isso*

*assim, [...] é uma ONG que está se formalizando e criando processos, mas sempre teve esse diálogo aberto do beneficiário vir aqui, falar, conversar.” (E2)*

*“Com a contratação da assistente social, é isso né. Dar esse, acolher melhor as pessoas né e dar esse entendimento de direitos para as pessoas para que eles tenham esses conhecimentos e, de alguma forma assim, impactar na vida deles, a gente vai conscientizando aos poucos né, sempre tendo essa troca. [...] A gente tem o Gurizadaí, que agora, tem a questão das reuniões com os pais, diálogo com o colégio, então os professores já deram um feedback né, de que as crianças que estão no reforço escolar, a diferença né, o desenvolvimento delas.” (E2)*

Conforme Tilt (2016), o esclarecimento por parte das organizações a seus usuários, favorecidos, sobre o quão indispensável são as atividades de responsabilidade social e ambiental vem se alastrando consideravelmente nos últimos anos.

A natureza das organizações da sociedade civil e a incorporação de peculiaridades específicas desse modelo de organização consistem em deter reconhecimento externo de sua ética e, coerentemente, confiabilidade. Planejando estrategicamente os projetos e quais as intenções que esses empreendem nas localidades em que essas ações são implementadas, consolidam a cooperação em assistir essa comunidade provendo melhores recursos sustentáveis e equitativos (JACOBI, 2003).

De acordo com Berlitz *et al.* (2020), nessa argumentação alusiva a essencialidade da ética, o autor declara que estar atento, comprometido e consciencioso perante as atitudes que impactam o ambiente e diretamente a vida das pessoas, são comportamentos primordiais dentro do conceito de Responsabilidade Socioambiental.

Nascimento (2007) clarifica que a idealização e conceituação de responsabilidade social, ambiental e socioambiental se principiam mediante a concepção da iminência e da celeridade que o desenvolvimento das providências que visem reprimir e mitigar as degradações ambientais e sociais ocorram efetivamente.

#### 4.1.7 Categoria 7: Conhecendo a Agenda 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

Esta categoria foi determinada por meio do Objetivo Específico 3, “Identificar quais os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) as OSCs pesquisadas estão atendendo”, em sua pergunta 1, “*Você e sua organização conhecem a Agenda 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável? Como ficaram sabendo?*”.

A maior parte dos entrevistados demonstrou saber sobre a Agenda 2030, que ouvem em palestras, recebem notificações digitais, participam de eventos sobre a temática de sustentabilidade e similares. Por serem colaboradores de organizações inseridas no terceiro setor, se assemelham muito com os norteadores estratégicos (missão, visão, valores) que essas organizações salientam como essência de suas existências, trabalhar em consonância com a construção de soluções para diversas problemáticas que o primeiro e segundo setor não apresentam soluções. Entrevistados que consideram que, tanto individualmente quanto organizacionalmente, conhecem e praticam em diversas frentes, em suas rotinas e atuações profissionais, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Os demais entrevistados relataram que conhecem superficialmente, porém, consideram importante intensificar os esforços para desenvolver essa área, conjuntamente com parceiros das OSCs, aprofundar esses conhecimentos e ações.

Na realidade da OSC Net Impact, que demonstrou ter experiência teórica e prática nesses aspectos relacionadas à Agenda 2030, os entrevistados demonstraram amplo conhecimento no que diz respeito aos ODS e exemplificaram algumas situações que respondem satisfatoriamente o questionamento constituído.

De acordo com o relato do entrevistado 8, que aparentou ser entusiasta dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável:

*“Um sonoro sim, agora. [...] a gente teve um momento, assim, uma virada muito significativa, acho que, talvez, no final do primeiro semestre de 2018, quando a gente começou a trabalhar os starts mais forte, quando a gente começou a correlacionar mais diretamente.” (E8)*

Continuando a explanação, o entrevistado 8 complementou:

*“Eu acho que o principal ponto que teve foi que a gente teve, em 2018, o anseio de promover um festival focado no que nós tínhamos de ações,*

*voltado aos ODSs aqui em Porto Alegre, tipo, não só a Net Impact, mas tudo que a gente soubesse que estava acontecendo, e a gente mapeou isso. Cara, dos 17 ODSs, todas as metas, o que que tinha, o que que não tinha, a gente chamou o pessoal da organização da Virada Sustentável para nos ajudar [...] a gente entendeu que, toda a ação, além da coerência que a gente já tinha preocupação, a gente já tinha um norteador, que eram as metas dentro dos ODSs.” (E8)*

Respondendo à pergunta, a entrevistada 7 formatou um paralelo entre o passado e o futuro de como a OSC abordará os ODS:

*“Em 2016, a Net Impact começou a trabalhar com ODS, e o que não tinha naquela época eram as metas específicas [...] a gente vai agora olhar para metas e tudo mais, para além do títulozinho, do quadradinho, antes, a gente fazia em relação ao quadradinho mesmo, e aí, no decorrer, acho que na metade de 2016, alguma coisa assim, saíram as metas específicas.” (E7)*

Na perspectiva do Centro de Educação Ambiental, o entrevistado 3, concedeu as seguintes informações:

*“Sim, a gente conhece. Intelectualmente falando, a gente tem uma equipe de coordenadores e de educadores bem desenvolvida, gente que passou por várias formações. [...] Então, os paradigmas que a ONU traz com os ODSs, eles são super vividos por nós aqui dentro, a gente está sabendo de tudo. A gente desenvolve, inclusive, várias metodologias das 17 ODSs e, de certa forma, a gente transcende através do plano de educação social aqui dentro do CEA.” (E3)*

Em síntese, o entrevistado 3 declarou que:

*“A gente é as 17 ODSs, sabe, o CEA é as 17 ODSs. Se tu pegares cada ODS que tem, é tudo o que a gente faz todo dia. Eu acordo aqui dentro do CEA fazendo e desenvolvendo os objetivos dos ODSs.” (E3)*

Essas respostas do entrevistado 3 validam-se ao observar o contexto histórico que a entrevistada 4 relatou:

*“Sim, conhecemos os objetivos e caminhamos. Surgimos e caminhamos junto com os objetivos. Inclusive, a gente brinca que a Marli (idealizadora do CEA), ela criou um dos objetivos né, porque ela sempre mencionou, inclusive é a grande justificativa dela de criar uma unidade de reciclagem, de transformar a comercialização do que, para alguns, é resto, para nós, ele era trabalho e renda. Então, ela lá em 1995, quando surgiu o CEA, quando foi criado o CEA, ela dizia “que o lixo era capaz de erradicar a*

*fome”, e erradicar a fome é o primeiro objetivo que aparece ali. Então é muito interessante, muito impactante pra gente, porque ela usou essa frase quando ela fundou o CEA, quando a reciclagem começou a existir na comunidade e na vida das pessoas.” (E4)*

A entrevistada 5, colaboradora da Fundação O Pão dos Pobres de Santo Antônio, contou sobre sua longa experiência, tanto pessoal quanto profissional:

*“eu conheço porque eu acompanho há muito tempo, antes de entrar no terceiro setor, já como gastrônoma e frequentadora de feiras orgânicas, agroecológicas, de conhecer o Instituto Lixo Zero, tudo isso eu conheço por tudo isso. A Virada Sustentável, eu trabalho também com esses lugares, já trabalhei ou trabalho, então eu conheço por tudo isso assim, foi entrando nesse mundo do zero plástico, sem sacola na feira, assim que eu fui conhecendo os ODS. A Fundação eu acredito que também conhece.” (E5)*

Já no Instituto Misturaí, a entrevistada 1 demonstrou conhecer um pouco mais superficialmente a temática, contudo, o suficiente para responder adequadamente à pergunta.

*“Eu sei por ser famosa, eu sei um pouco também porque eu fiz Administração Pública, então tinha uma parte do terceiro setor que a gente tá sempre vendo, e a gente recebe as vezes, é muita informação, mas a gente recebe uns e-mails né, e teve agora acho que até um do governo que veio sobre uma pesquisa e falando sobre os ODSs [...] a gente vai em palestras e coisas que sempre falam sobre a Agenda de 2030 assim, então, eu diria que a gente tem conhecimento. Em nosso relatório a gente cita os ODSs.” (E1)*

Tristão e Tristão (2016) ao se referir ao relatório originado com a Agenda 2030, os autores apontam que logo em seu começo, esse parecer comunica o quão imprescindível é a participação de todos os países que compõe as Nações Unidas, designando que a interseção entre os setores da sociedade se tornar fundamental para fortalecer essas organizações e propiciar parcerias que componham concomitantemente a união a favor do desenvolvimento sustentável.

Pretendendo a propagação do desenvolvimento sustentável universalmente, extirpando a pobreza do planeta, mitigando a desigualdade ambiental e otimizando a preservação do meio ambiente, consolidou-se essa ação global, no ano de 2015, que estabeleceu os 17 ODS a serem alcançados até 2030, com a presença de representantes de diversos grupos importante da sociedade civil, apresentando

diretrizes que visam a propensão do crescimento econômico atrelado a inclusão social e sustentabilidade ambiental (ZANTEN; TULDER, 2018).

O desenvolvimento sustentável apresenta três dimensões que, de acordo com a ONU (2015), estão na dimensão econômica, na social e na ambiental. O anúncio dessa agenda universal surge com a ambição de providenciar que esses aspectos sejam equilibrados na direção de viabilizar direitos humanos a todos. Logo, a construção e definição dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, complementados com suas 169 metas visa a obtenção dessas aspirações.

No momento em que teve surgimento, a Agenda 2030 vem servindo de parâmetro que disponibiliza princípios e proposições a fim de gerar prosperidade, saúde e paz entre as pessoas em nosso mundo (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2019).

#### 4.1.8 Categoria 8: Objetivos De Desenvolvimento Sustentável atendidos

Esta categoria foi formada a partir do Objetivo Específico 3, “Identificar quais os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) as OSCs pesquisadas estão atendendo”, em sua pergunta 2, “*Quais os ODS você entende que a OSC está atendendo, trabalhando, atualmente?*”.

Os entrevistados relataram haver conhecimento em saber quais são os pontos fortes e fracos que os projetos e iniciativas de suas OSCs demonstram factualmente. Contudo, não conseguiram correlacionar precisamente com o ODS específico que determinada ação engloba. Considera-se substancial inserir relatos de representantes de todas as OSCs analisadas. Majoritariamente, os entrevistados demonstraram desconhecer a denominação do título de cada ODS, porém, compreendem a significação da ideia que os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável apresentam, as formas que cada uma das OSCs vem atendendo os ODS, com exceção da Net Impact da OSC Net Impact, que já trabalhou e pretende atuar com projetos que promovam a Agenda 2030.

A entrevistada 7 relatou alguns dos ODS que considera que a Net Impact já atendeu em projetos passados:

*“O 4 é o nosso core business, entre aspas. Agricultura e fome zero que é o 2 [...] fome zero a gente já trabalhou, que é o 2, o 3, que é a saúde, 4 é*

*o nosso “core business”, já trabalhamos o 5, o 6 foi trabalhado lá em 2016”. (E7)*

O entrevistado 8 dessa OSC evidenciou e enumerou os ODS que considerou já terem trabalhado:

*“O 5 já foi trabalhado, a gente já trabalhou o 12, a gente já trabalhou o 11, a gente já trabalhou até o 13 ali na linha de saúde, alguma coisa. A gente tentou trabalhar alguma coisa na linha do 16, mas ali é bem complexo porque tem muita coisa, é paz, é instituições eficazes e agente, sem dúvida, tem uma relação com o 17, porque é como fazer acontecer. Mas, talvez hoje, bom, se tudo der certo, a gente tem uma ação voltada para o 12, na Virada Sustentável e o 4 como “core business”. O 6, de certa forma trabalhou também, quando a gente foi para a linha de plástico.” (E8)*

Nesse quesito, os representantes do CEA, entrevistados 3 e 4, também demonstraram amplo conhecimento em relação as formas que sua organização atende os ODS presentemente. O entrevistado 3 expressou:

*“Vamos falar de saúde, de alimentação, de meio ambiente, de educação social, de desenvolvimento ambiental, de logística reversa, cara, é como eu te disse, o complexo Centro de Educação Ambiental, ele lida com o racismo, de discussão de gênero, tudo. [...] a gente está trabalhando os ODSs e, transcendendo os ODSs o tempo inteiro no CEA, dentro do CEA e fora do CEA.” (E3)*

A entrevistada 4 enumerou cada um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, descrevendo como entende que o CEA coloca em prática os 17 ODS. Pela razão de ser uma resposta extensa, sugere-se constatar a explicação completa, que se encontra no Apêndice B, Quadro 10.

Na Fundação O Pão dos Pobres de Santo Antônio, ambos entrevistados aparentaram moderado senso de conexão entre as os ODS e as iniciativas que ocorrem na OSC.

A entrevistada 5, que já detinha conhecimento da Agenda 2030, falou que:

*“Erradicação da pobreza, eu não sei direito o nome tá, nem nenhum número direitinho. Erradicação da pobreza e desigualdade [...] deve ter alguma coisa no meio ambiente que atende também [...] não sei. Sinceramente, eu consigo ver a da desigualdade, sustentabilidade, eu consigo ver isso assim, e essa da erradicação da pobreza né.” (E5)*

O entrevistado 6 ressaltou a atuação que a Fundação O Pão dos Pobres tem perante a reciclagem de resíduos:

*“A preocupação com os descartes, a gente tem a preocupação com a reciclagem, que dá para melhorar, a gente tem aí né a preocupação com nosso meio ambiente, por exemplo, a gente, há alguns anos, tinha caldeira à lenha e foi mudada, a gente já está com a de placas solares. Então quer dizer, todos os detalhes na Fundação, ela vem tendo essas preocupações que ela tenta fazer. Está mudando né, não emitir gases sem necessidade em excesso na natureza.” (E6)*

Finalmente, as representantes da OSC Misturaí, entrevistadas 1 e 2, foram sucintas em suas respostas, conseguindo encontrar exemplos nos projetos que a organização idealiza:

*“Acho que a questão da fome é a principal, a da fome, a da desigualdade, agora não me lembro de todos né, mas sei que a questão da fome, da desigualdade, do acesso à educação e à cultura né... Ah, a questão da sustentabilidade né, pelo braço forte que a gente tem do Regeneraí, da educação ambiental”. [...] “Ah, geração de renda com o Costuraí né, da desigualdade, acho que são os principais, assim... Por ser liderado por mulheres, da cultura da gente ter assim, até os colaboradores sobre gênero.” (E1)*

*“Gênero e diversidade, esse é um ponto forte da Misturaí também.” (E2)*

A ONU, ao descrever os aspectos e princípios que os ODS consolidaram, enalteceu consideravelmente o intento de atingir a melhoria no padrão de vida da população mundial, sancionando intenções com propósitos claros a serem obtidos por todos os países que compõe seu quadro de membros, ambicionando a mitigação das desigualdades entre as nações e impulsionando a ascensão global. (BERLITZ *et al.*, 2020).

Na perspectiva do exposto pelas Organização das Nações Unidas (2022), o alcance da implementação da Agenda 2030 no Brasil, da execução efetiva dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, pretende contribuir com a eliminação da pobreza e escassez existentes, privação de acesso a condições de que as pessoas tenham oportunidades de proporcionarem a si mesmas prosperidade e paz, amparando umas as outras, ao clima e ao meio ambiente.

Considerando tais perspectivas, o autor Lopez (2020) expressa que os ODS são excelentes oportunidades estratégicas para as organizações entenderem essas

perspectivas como formas de efetivamente desenvolver impactos positivos nos projetos em que idealizam, se diferenciando comparativamente com aquelas que não buscam atender e acoplar essas premissas em seus norteadores.

A definição de indicadores e formas de como os ODS serão colocados em prática é uma atitude vital, atualmente, para que os stakeholders que permeiam a organização possam ter disponibilizadas essas informações, através de comunicações institucionais e relatórios, gerando conhecimento e oportunizando o fomento de investimentos em prol do alcance das metas através de mensurações e acompanhamentos periódicos de progressos (ROSATI; FARIA, 2019).

#### 4.1.9 Categoria 9: Ampliação da adesão aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

Esta categoria foi estabelecida do Objetivo Específico 3, “Identificar quais os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) as OSCs pesquisadas estão atendendo”, fundamentada em sua pergunta 3, “*A OSC cogita desenvolver um planejamento para ampliar o atendimento de outros desses ODS? Por quais motivos?*”.

Ao elaborar a derradeira indagação do roteiro de entrevista, delineou-se a elucidação de qual o nível de pretensão que as OSCs no município de Porto Alegre/RS ainda pretendem continuar abrangendo esses objetivos e avançando em direção a corroborar com o conseguimento da Agenda 2030.

As OSCs prezam em focar na viabilização de suas operações em curto e médio prazo, ter condições de seguir atuando efetivamente, continuando o atendimento a seus beneficiários, sem incluir em seus planejamentos o acolhimento de outros ODS. É de se ponderar a questão de que a ampliação do atendimento dos ODS traria diversos benefícios para as OSCs. Identificar quais os ODS e metas a organização já atende, pretendendo conseguir comunicar externamente de forma clara e eficiente esse diferencial que gera para a OSC, proporcionando aumento da credibilidade perante o macroambiente, suscitando maiores captações de recursos, ampliação da quantidade de beneficiários atendidos, contribuindo com o ampliamiento do desenvolvimento sustentável, dentre vários outros quesitos relacionados aos assuntos e temáticas abrangidos.

Ambas as entrevistadas 1 e 2 do Instituto Misturaí narraram suas opiniões:

*“A gente continua pensando na questão do Amparaí né, Gurizadaí, Regeneraí, acho que são nossos principais projetos, tem o Costuraí também mas acho que eu responderia esses...É, a gente vive tudo a curto prazo então, a longo prazo, eu não diria que a gente vai estender para mais um ODS. A gente vai ver o que que a gente tem e, desses que a gente tem, dos projetos, qual vai ser nosso principal foco”. (E1)*

*“É bem isso mesmo né, a gente precisa reformular e planejar a instituição para que ela mantenha os projetos, para que esses projetos se tornem sustentáveis né, essa é uma prioridade pra 2023”. (E2)*

O representante do Centro de Educação Ambiental, entrevistado 3, comentou sua visão sobre o questionamento de ampliar o atendimento aos ODS.

*“A gente pretende, eu acho que a palavra não é ampliar, eu acho que a palavra é potencializar o que a gente já faz aqui dentro né, lidando com os objetivos dos ODSs. Mas por que que eu digo que ampliar não, porque tem muita organização social espalhada por aí, como as que tu conheces também e tem várias outras, algumas fecharam e de repente a gente consegue fazer elas ressurgirem.” (E3)*

O entrevistado retratou preocupações com os verdadeiros motivos de se ter a incumbência ao colocar em prática os ODS, da importância de se ter ética, seriedade e caráter ao trabalhar no terceiro setor. Com isso, o entrevistado 3 relatou que:

*“A essência do terceiro setor, pelo que é a responsabilidade das ODS, qual é o verdadeiro objetivo das ONGs dentro do Brasil, e ganhar dinheiro não é o nosso objetivo. O nosso objetivo é fazer com que o negócio seja sustentável e para isso a gente precisa de dinheiro para dar comida na boca da criança, para dar a tecnologia, para trazer o acesso, para trazer a reciclagem, para conscientizar o Brasil que a gente precisa ter essa sustentabilidade, mas fazer caixa dentro do terceiro setor pode ser um caminho muito perigoso e não é isso que a gente está querendo dentro do CEA.” (E3)*

Dentro do panorama em que a Fundação O Pão dos Pobres de Santo Antônio exerce suas atividades, o entrevistado 6 resumiu seu ponto de vista, relatou seu entendimento diante das perspectivas futuras da organização:

*“Eu acho que sim né, porque eu acho que a gente tem potencial para isso, a gente tem espaço para isso, a Fundação tem esse papel aí fora né, nós temos que saber que as pessoas nos veem como formadores de jovens, de adolescentes e também, junto nesse pacote, também como*

*formadores de opinião em relação a essas preocupações com o meio ambiente [...] buscar mais recursos para a gente estar desempenhando esse papel aí junto com a sociedade, melhorar e abrir mais o nosso leque junto com nosso público, não só interno como externo também né, porque, como eu disse, a gente tem um grande papel com a sociedade já que são 127 anos que a Fundação tem.” (E6)*

Finalmente, os colaboradores da Net Impact, entrevistados 7 e 8, descrevem um cenário com algumas incertezas, expondo que a OSC precisa se engajar a agir a fim de se reaproximar de antigos parceiros, conectar novamente com essas organizações, focando melhor no que querem realizar, vide que a Agenda 2030 é muito vasta. O entrevistado 8, resume que:

*“A gente está tentando entender o ambiente de momento. A organização passou por dois anos de inatividade, nós passamos dois anos afastados, e muitos dos nossos parceiros de antigamente já não atuam, então estão atuando numa linha em que ainda estamos descobrindo. Então assim, não é que eu estou te deixando sem resposta, mas é porque, realmente, a gente ainda está procurando entender isso. [...] a gente consegue fazer uma leitura melhor de cenário, consegue fazer uma leitura melhor de quem nós podemos envolver, de como a gente capta recurso para sustentar [...] talvez futuramente seja interessante realmente ampliar, mas, nesse momento, acredito que é um pouco mais voltada a restringir mesmo.” (E8)*

Segundo os autores Santos e Weber (2020), o Relatório Brundtland, de 1987, “Nosso Futuro Comum”, clarifica que o conceito de desenvolvimento sustentável concebeu-se com o propósito de elucidar a necessidade de se atender as prerrogativas da época sem ocasionar adversidades para que as futuras gerações obtenham condições de se sustentarem, apresentando premissas que estabeleceram o modelo de equilíbrio entre o tripé sustentável, almejando que nós consigamos proporcionar um futuro com mais dignidade e qualidade para a existência de nossos descendentes.

As organizações que pretendem ser sustentáveis precisam seguir certas orientações em suas atividades, conforme Barbieri e Cajazeira (2012) descrevem, conectando o desenvolvimento sustentável em suas alçadas ambiental, com prevenções ecológicas, econômica, em eficiência administrativa e dignidade social, almejando conformidade com os conceitos de práticas responsáveis e sustentáveis.

Com o intuito de concretizar o cumprimento da Agenda 2030, utilizando dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável como ferramenta propulsora do alcance

desse desígnio, é notória a demanda de que o planeta como um todo aja em conjunto e se conscientize das responsabilidades individuais, organizacionais e societárias que requerem alinhamentos estratégicos do que se estabeleceu no Pacto Global da ONU, propiciando amadurecimento célere e, essencialmente, duradouro. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2022).

Em suma, a partir desses entendimentos, Sá *et al.* (2013) detalha os efeitos benéficos que a implementação de práticas e adesão ao movimento que atua em prol da geração de impactos positivos, engajados em impulsionar e alavancar a responsabilidade socioambiental, incrementado essa abordagem quanto aos seus conceitos e atributos, estruturando os pilares do desenvolvimento sustentável, em consonância com os paradigmas produtivos e de consumo consciente.

No próximo item, apresenta-se um reconhecimento dos ODS atendidos, ou não, pelas OSCs, objetivando clarear a visualização e proporcionar um entendimento compreensível das análises descritas na categorização.

#### 4.2 Atendimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável pelas OSCs

Neste item, elaborou-se o Quadro 3, item em que se apresenta a ilustração e enumeração de cada Objetivo de Desenvolvimento Sustentável, relacionando a adesão de cada ODS com cada OSC pesquisada que, a partir da interpretação das respostas dos entrevistados e coleta de informações disponíveis nos canais digitais das organizações, apontou em qual estágio está determinado ODS que a organização atende em suas atividades, ou não atende, já atendeu, atende parcialmente, pretende atender ou está em elaboração de atender.

**Quadro 3 - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável nas OSCs**

<b>Objetivos de Desenvolvimento Sustentável</b>	<b>CENTRO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL</b>	<b>INSTITUTO MISTURAI</b>	<b>PÃO DOS POBRES</b>	<b>NET IMPACT</b>
ODS 1 – Erradicação da pobreza	ATENDE	ATENDE	ATENDE	NÃO
ODS 2 – Fome zero e agricultura sustentável	ATENDE	ATENDE	ATENDE	JÁ ATENDEU
ODS 3 – Saúde e bem-estar	ATENDE	ATENDE	ATENDE	JÁ ATENDEU

ODS 4 – Educação de qualidade	ATENDE	ATENDE	ATENDE	ATENDE
ODS 5 – Igualdade de gênero	ATENDE	ATENDE	ATENDE INDIRETAMENTE	JÁ ATENDEU
ODS 6 – Água potável e saneamento	JÁ ATENDEU	NÃO	NÃO	JÁ ATENDEU
ODS 7 – Energia limpa e acessível	PRETENDE ATENDER	NÃO	EM ELABORAÇÃO	NÃO
ODS 8 – Trabalho decente e crescimento econômico	ATENDE	ATENDE	ATENDE	ATENDE
ODS 9 – Indústria, inovação e infraestrutura	EM ELABORAÇÃO	ATENDE PARCIALMENTE	ATENDE INDIRETAMENTE	ATENDE
ODS 10 – Redução das desigualdades	ATENDE	ATENDE	ATENDE	NÃO
ODS 11 – Cidades e comunidades sustentáveis	ATENDE	ATENDE	ATENDE PARCIALMENTE	ATENDE
ODS 12 – Consumo e produção responsáveis	ATENDE	ATENDE	ATENDE	EM ELABORAÇÃO / JÁ ATENDEU
ODS 13 – Ação contra a mudança global do clima	ATENDE	NÃO	NÃO	ATENDE
ODS 14 – Vida na água	ATENDE INDIRETAMENTE	NÃO	NÃO	NÃO
ODS 15 – Vida terrestre	ATENDE INDIRETAMENTE	NÃO	ATENDE PARCIALMENTE	NÃO
ODS 16 – Paz, justiça e instituições eficazes	ATENDE	ATENDE INDIRETAMENTE	ATENDE PARCIALMENTE	EM ELABORAÇÃO
ODS 17 – Parcerias e meios de implementação	ATENDE	ATENDE	ATENDE	ATENDE

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nas quatro Organizações da Sociedade Civil estudadas, identificou-se que os ODS que atualmente estão sendo mais atendidos em seus projetos e iniciativas são

o ODS 4, educação de qualidade, o ODS 8, Trabalho decente e crescimento econômico e o ODS 17, Parcerias e meios de implementação, os quais são atendidos plenamente por todas as OSCs estudadas.

Em seguida, se verificou que os ODS com maior aparecimento nas OSCs são o ODS 11, Cidades e comunidades sustentáveis, em que 3 OSCs atendem e 1 atende parcialmente, o ODS 12, Consumo e produção responsáveis, em que também 3 OSCs atendem e 1 está em elaboração de atender novamente, o ODS 2, Fome zero e agricultura sustentável e o ODS 3, Saúde e bem-estar, os quais 3 OSCs atendem atualmente e 1 já atendeu em outros momentos e os ODS, e os ODS 1 e 10, respectivamente Erradicação da pobreza e Redução das desigualdades, que 3 OSCs estão atendendo.

Posteriormente, os ODS atendidos por duas OSCs são o ODS 5, Igualdade de gênero, além de uma OSC já ter atendido e uma atende indiretamente, e ODS 13, Ação contra a mudança global do clima.

Percebeu que nos ODS 7, 9 e 16, somente uma OSC os atende na atualidade. Além desta constatação, no ODS 7, Energia limpa e acessível, uma OSC pretende atender e uma está em elaboração de atender. Com relação ao ODS 9, Indústria, inovação e infraestrutura, uma OSC está em elaboração de atender, uma atende parcialmente e uma atende indiretamente. Já em relação ao ODS 16, uma OSC está em elaboração de atender, uma atende parcialmente e uma atende indiretamente

Finalmente, os ODS com menor aderência às práticas e alinhamento com as ações exercidas pelas OSCs pesquisadas são o ODS 6, Água potável e saneamento, em que duas OSCs já atenderam e duas não atendem, o ODS 14, Vida na água, onde três não atendem e somente uma atende indiretamente e, por fim, o ODS 15, Vida terrestre, em que uma atende indiretamente, uma parcialmente e duas não atendem.

Evidenciando os resultados desta pesquisa científica, entende-se que a implementação organizacional e aprimoramento de práticas responsávelmente sustentáveis não ocorrerá em curto prazo, contudo, tendo-as mapeadas e destrinchadas, estipulando objetivos e metas a serem acompanhados e mensurados, as organizações vislumbram horizontes prósperos a serem seguidos, fundamentados em planos globais que proporcionam coesão e objetividade no agregamento do desenvolvimento ambiental e social.

No próximo capítulo, concluindo a formulação do presente estudo, serão apresentadas as Considerações Finais consideradas pelo autor, visando sintetizar a contextualização de todo o trabalho de conclusão, com seu embasamento teórico e evidenciando os principais resultados originados pela pesquisa a partir dos objetivos geral e específicos, contribuições e recomendações pertinentes, sugestões para novos estudos científicos e limitações reconhecidas nessa pesquisa.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As demandas mercadológicas originaram o surgimento da Responsabilidade Socioambiental no segundo setor, fazendo com que as organizações da iniciativa privada se adaptassem à realidade de alcançar um equilíbrio entre geração de lucro e impactos positivos na sociedade. A RSA permeia todas as organizações da sociedade, privilegiando aquelas que buscam se converter em socialmente responsáveis, se adequando aos novos prismas sustentáveis, condutas e posturas contemporâneas, praticando ações e iniciativas claras e específicas que proporcionem o bem-estar para todos, preservando a sociedade e o meio ambiente, prezando pela concretização do propósito de gerar impacto positivo nos aspectos social e ambiental, com responsabilidade, considerando a opinião de todos os stakeholders nas tomadas de decisão, se comprometendo a agir transparentemente.

A Responsabilidade Socioambiental deve estar inserida nos norteadores estratégicos da organização, são práticas que abrangem uma postura de legítimo engajamento com causas ambientais e sociais, acoplando em sua estrutura um modelo de gestão que propõe uma vinculação de forma ética e transparente com a sociedade, beneficiando tanto os stakeholders que transpassam a organização quanto a comunidade local e global, visando implementar com seriedade e eficiência o desenvolvimento das ações e políticas ligadas ao objetivo de solidificar a sustentabilidade.

A elaboração dessa pesquisa científica teve como âmago e essência a análise de como a Responsabilidade Socioambiental vem sendo colocada em prática pelas Organizações da Sociedade Civil, limitando a abrangência da pesquisa ao município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, incumbindo a identificação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável nessas organizações. A perspectiva primordial de se colocar em prática, no conceito de RSA, é a relevância de se implementar os processos e iniciativas mirando o longo prazo, continuamente e progressivamente desenvolver a cidadania para que haja o avanço da sustentabilidade nas esferas setoriais.

O cerne do presente trabalho foi analisar quais são as ações de RSA as OSCs, Centro de Educação Ambiental, Fundação O Pão dos Pobres de Santo Antônio, Instituto Misturaí e Net Impact, na cidade de Porto Alegre/RS, vem realizando de forma efetiva.

Para se alcançar integralmente o objetivo geral, estipulou-se três objetivos específicos que conduziram a estruturação dos instrumentos de coleta de dados, sendo eles: Analisar quais as ações de Responsabilidade Socioambiental podem ser encontradas nas Organizações da Sociedade Civil pesquisadas; Identificar como as OSCs estão alinhadas com o propósito de gerir suas operações de forma socialmente e ambientalmente responsáveis; Identificar quais os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) as OSCs pesquisadas estão atendendo, respaldando a elaboração das nove categorias que auxiliaram na interpretação analítica e qualitativa desta pesquisa. Através dos insumos coletados a partir das entrevistas presenciais possibilitou-se elucidar os questionamentos que as perguntas traziam, conhecendo com maior assertividade as realidades das OSCs pesquisadas, com os elementos e esclarecimentos proferidos pelos oito entrevistados, esses, lideranças e colaboradores das OSCs pesquisadas. Com base no exposto, a explanação dos resultados angariados em cada um dos três objetivos específicos demanda reflexões individualizadas.

Quanto ao primeiro objetivo específico, *“Analisar quais as ações de Responsabilidade Socioambiental podem ser encontradas nas Organizações da Sociedade Civil pesquisadas”*, entendeu-se que a análise das ações e iniciativas que as OSCs participantes da pesquisa estão conseguindo colocar em prática dão de suma importância, estabelecendo objetivos e metas que movam as instituições a adotarem as melhores práticas conhecidas para implementação da Responsabilidade Socioambiental e do Desenvolvimento Sustentável, que visem reduzir o consumo dos recursos ambientais e culturais, mitigando as desigualdades sociais, promovendo compreensão perante as diferenças, gerando impactos positivos sociais e ambientais, para que as próximas gerações usufruam dos resultados gerados.

Esse objetivo foi atendido plenamente, pois evidenciou que cada uma das organizações pesquisadas, mesmo apresentando diferentes concepções e segmentos de atuação, implementam ações e praticam a Responsabilidade Socioambiental em seus projetos e rotinas. Seus colaboradores e lideranças demonstraram deter de conhecimentos amplos sobre a temática, sabendo especificar em quais frentes suas OSCs estão essencialmente atuando na geração de benefícios socioambientais, algo bastante evidente ao se pesquisar e observar cada uma das organizações, tanto remotamente quanto presencialmente, percebendo que

seus processos gerenciais acoplam práticas sustentáveis, suprindo as demandas do macroambiente e ambiente interno em instruir à responsabilidade individual de cada pessoa perante a sustentabilidade em prol do bem-comum. Nesse aspecto de instrução, a captação de profissionais consultores externos foi ressaltada como vital para a proporcionar a elucidação e promoção de ações eficazes, mesmo que ainda seja uma dificuldade encontrada pelos gestores das OSCs.

No segundo objetivo específico, *“Identificar como as OSCs estão alinhadas com o propósito de gerir suas operações de forma socialmente e ambientalmente responsáveis”*, apresentou-se questionamentos que instigassem a sensibilização das Organizações da Sociedade Civil demonstrarem de que forma estão alinhadas com os preceitos sustentáveis e justos, promovendo e enaltecendo a expansão da qualidade de vida e preservação ambiental.

Esse objetivo foi alcançado na medida que os entrevistados relataram que a gestão interna de suas OSCs se adequa à razão existencial das organizações do terceiro setor, expondo as práticas socioambientais que impactam positivamente nos projetos desempenhados operacionalmente, na capacitação dos colaboradores e educação frente a seus beneficiários, enaltecendo o quão fundamental é instruir e conscientizar todos os stakeholders das organizações para que esses entendam sobre os conceitos de Responsabilidade Socioambiental, sustentabilidade e demais assuntos abrangidos na presente pesquisa.

Por fim, o terceiro objetivo específico *“Identificar quais os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) as OSCs pesquisadas estão atendendo”* apresentou perguntas relacionadas à Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas. O contexto do desenvolvimento sustentável consolida o alcance de patamares civilizatórios ascendentes nos aspectos ambientais, sociais e econômicos, através da intenção de se obter célebres e essenciais valores humanos. Nesse objetivo, a partir dos retornos da pesquisa, demonstrou-se a importância de se promover o conhecimento da Agenda 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, visto que, mesmo no cenário em que todas as OSCs pesquisadas atendam parcialmente ou predominantemente os ODS, e os entrevistados tenham a essência do desenvolvimento sustentável em suas características pessoas e profissionais, alguns sujeitos apresentaram conhecimentos superficiais referentes as perguntas proferidas, relatando conhecer os ODS, porém,

não especificando em quais que a OSC se encaixa nem a denominação de cada ODS.

Diante desses resultados, a pesquisa se demonstra relevante, contribuindo para o enriquecimento da literatura respeitante à Responsabilidade Socioambiental, divulgando os achados obtidos dentro das organizações do terceiro setor e formas de promover a implementação do Desenvolvimento Sustentável em suas estratégias gerenciais. Sendo assim, o presente trabalho de conclusão de curso se manifesta significativa ao realizar plenamente o objetivo geral desta pesquisa, de analisar quais são as ações de Responsabilidade Socioambiental que as Organizações da Sociedade Civil, Centro de Educação Ambiental, Fundação O Pão dos Pobres de Santo Antônio, Instituto Misturaí e Net Impact, na cidade de Porto Alegre, vem realizando de forma efetiva. A partir dos resultados encontrados propiciou-se a possibilidade de responder à questão problema desse trabalho, encontrando explicações para a problemática consolidada. Frente às reflexões geradas a partir deste estudo, conclui-se a relevância de se destacar que, no município de Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, as Organizações da Sociedade Civil participantes estão conseguindo implementar de forma efetiva ações de Responsabilidade Socioambiental, tendo consciência da importância de tais iniciativas e interesse em qualificar, otimizar e até amplificar essas medidas.

As ações de RSA realizadas legitimamente no contexto em que as OSCs pesquisadas estão inseridas proporcionam diversos benefícios, gerando soluções para as comunidades e auxiliando na construção do bem-estar coletivo, se manifestando com coerência no que se refere a essência das pautas consolidadas pela Agenda 2030, promovendo ações que ocorram em diversos lugares entre diversas pessoas para gerar uma considerável melhoria no mundo para as gerações futuras, se alinhando com o lema da Agenda 2030 e dos ODS da ONU “Não deixar ninguém para trás” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2022). A integração das dimensões econômica, social e ambiental requer consciência e organização imprescindíveis por parte dos governos, setor privado e sociedade civil, que, colaborando coletivamente, devem buscar sanar e cumprir as orientações estipuladas, fortalecendo os pilares sustentáveis descritos nos ODS, pessoas, planeta, prosperidade, paz e parcerias.

Possivelmente, este estudo possa vir a ser útil contribuindo para auxiliar outras pessoas envolvidas com práticas relacionadas ao contexto pesquisado, os entrevistados, demais colaboradores das OSCs e seus beneficiários, stakeholders, investidores, gestores, alunos e pessoas em geral, a desenvolverem uma compreensão perante essa abordagem contemporânea deliberada neste trabalho.

Comprova-se perceptível o quanto as OSCs vem conseguindo acoplar em sua gestão os conceitos gerenciais que a iniciativa privada e o Estado já implementam. A necessidade de formatar uma estrutura que seja sustentável nos tripés econômico, ambiental e social, precisando conseguir implementar essas ações e mensurar seu desenvolvimento ao longo do tempo, chegando à elucidação dessas perspectivas para os próximos anos, interpretando o contexto de como esse desenvolvimento sustentável afetará as OSCs em seus ramos de atuação e os beneficiários das propostas exercidas por elas. Logo, é primordial atender e colocar em prática o desenvolvimento sustentável, seguindo as diretrizes que os ODS consolidaram, para se ter um norteamento de como fazer isso. A lição aprendida da experiência vivenciada até então é a de que devemos evitar causar deteriorações ao nosso planeta, fortalecer nossas relações interpessoais, agir colaborativamente para sanar as dificuldades encontradas e atuar em prol de um direcionamento mais humano, responsabilmente atrelado ao guarnecimento de nossa natureza, tratando com cautela, zelo e amparo nossa fauna, flora e habitat natural.

Ressalta-se a importância fundamental dos estudos identificados e analisados no decorrer do trabalho e a relevância dos temas abordados. As organizações precisam evoluir, garantir sua sobrevivência e continuidade de forma sustentável, gerindo suas operações com as melhores práticas adquiridas por meio de aprendizados com os demais setores da sociedade, otimizando seus processos operacionais, captando recursos financeiros, bem como recursos humanos de parceiros e voluntários que colaborem intelectualmente com seus conhecimentos e competências, em prol de expandir o alcance e impacto positivo dessas OSCs nos cenários e locais em que estão inseridas.

Sugere-se que as OSCs utilizem ferramentas para mapear, acompanhar e mensurar os ODS em suas operações, observando o progresso relacionado à sua maturidade organizacional, o qual pode ser utilizado pelas organizações estudadas. A partir das minhas pesquisas, me deparei com uma ferramenta denominada *SDG Action Manager*, elaborado pelo B Lab e Pacto Global das Nações Unidas, um

software online e gratuito de gerenciamento e acompanhamento das práticas e impactos dos ODS para a comunidade global, o qual capacita as organizações a medirem significativamente seu progresso perante os objetivos globais.

No que diz respeito a novas pesquisas nesta área, reafirmando o que se mencionou na justificativa, de ser um campo profícuo, o autor considera relevante a continuidade dos estudos nessa área, visando a identificação, implementação e mensuração desses conceitos nas organizações contemporâneas. Percebendo que a teoria que auxiliou na fundamentação desta pesquisa pode ser valorizada e enriquecida com mais consideração perante investigações e novos estudos científicos, sugere-se que sejam realizados estudos com algumas sugestões de melhorias propostas.

Para tal intuito, em ter complementação neste estudo, indica-se para pesquisas futuras que investiguem e identifiquem as influências das práticas de RSA em ambientes organizacionais, indica-se mesclar abordagens qualitativas com quantitativas, integralizando as análises obtidas, a fim de inferir com maior precisão e assertividade a identificação dos objetivos propostos. Igualmente, como sugestão referente aos temas de sustentabilidade e ODS, considera-se conveniente mapear previamente organizações que promovam a Agenda 2030 e já atendam os ODS, no intuito de compreender melhor suas atuações e iniciativas, analisando os achados e disponibilizando os resultados à organizações que ainda não tiveram condições de se estruturarem nessas temáticas, a fim de proporcionar um intercâmbio informacional que corrobore com o senso de solidariedade e promoção de uma sociedade com mais igualdade e equidade.

Declara-se importantíssimo a notoriedade de se compreender o propósito de evidenciar como o administrador pode efetivamente contribuir com o progresso dos empenhos e ponderações que auxiliem a modificar o cenário do meio ambiente e sociedade atualmente, favorecendo o desenvolvimento da área de RSA nas OSCs e em organizações dos setores público e privado, enaltecendo o quão fundamental é incorporar a aplicabilidade dessas práticas de gestão organizacionais e desses conceitos. Logo, planejando e programando processos eficientes que facilitem a inserção das melhores práticas relacionadas à RSA, conceitos de sustentabilidade e inclusão social fazem com que esse estudo seja pertinente, tanto para o autor, que obteve grande contribuição em sua formação, realização acadêmica e profissional ao elaborar essa pesquisa teórica e prática, quanto para pessoas administradoras

na contemporaneidade, que pretendam se capacitarem em atuar nas conexões com o terceiro setor, colaborando em projetos sociais e voluntariado, ampliando a visão concernente aos conceitos atrelados à sustentabilidade.

Trabalhar com ética, compromisso e transparência em prol do desenvolvimento sustentável traduz a intenção e cometimento do referido propósito imprescindível que as organizações modernas precisam buscar, se alinhando com as atuais melhores práticas responsavelmente conectadas aos aspectos sociais e ambientais na sociedade, implementando essas ações e galgando crescimentos e descobertas de novos horizontes que proporcionem condições para que as gerações que estão por vir tenham como viver de modo próspero e saudável.

## REFERÊNCIAS

AGUILERA, R. V.; RUPP, E. E.; WLLIANS, C. A.; GANAPATHI, J. **Putting the S back in corporate social responsibility: a multilevel theory of social change in organizations**. *Academy of Management Review*, [S.l.], v 32, n. 3, p. 836-863, 2007.

ANESE, V.; COSTA, C.; COELHO, E. A. **Impacto Social das Ações de uma Organização sem Fins Lucrativos**. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, v. 12, n. 1, p. 61-75, 2018.

ARMANI, D. **O Desenvolvimento Institucional como condição de sustentabilidade das ONG no Brasil**. *In: Câmara, C. (Org.) Aids e Sustentabilidade: sobre as ações das Organizações da Sociedade Civil*. Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

ASHLEY, Patricia Almeida. **Ética e responsabilidade social nos negócios**. 2. Ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR ISO 16001: Responsabilidade Social: Sistema da Gestão: Requisitos**. Associação Brasileira de Normas Técnicas. ABNT 2012.

AUSTIN, J. E.; SEITANDI, M. M. **Collaborative value creation? A review of partnering between nonprofits and businesses part I: value creation spectrum and collaboration stages**. *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly*, [S.l.], v. 41, n. 5, p. 726-758, 2012.

BARBIERI, J. C.; CAJAZEIRA, J. E. R. **Responsabilidade social empresarial e empresa sustentável: da teoria à prática**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

BARBIERI, J. C.; VASCONCELOS, I. F. G.; ANDREASSI, T.; VASCONCELOS, F. **Inovação e Sustentabilidade: Novos Modelos e Proposições**. *In: Revista RAE*, FGV, 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERLITZ, A.; FROEHLICH, C.; ZANANDREA, G.; NODARI, C. H. **Responsabilidade Socioambiental Empresarial sob a Perspectiva de Alunos do Curso de Administração da Universidade Feevale**. *Revista de Administração IMED*, Passo Fundo, v. 10, n. 1, p. 86-105, out. 2020.

BIER, F.; BASSAN, D. S. **Responsabilidade social e ambiental: um estudo de caso em uma empresa de tecnologia em Porto Alegre**. Colóquio, v. 12, n. 1, p. 149-164, 2015.

BIGNÉ, E.; CHUMPITAZ, R.; ANDREU, L.; SWAEN, V. **Percepción de la Responsabilidad Social Corporativa: un análisis cross-cultural**. Universia Business Review, 5(1), 14-27, 2005.

BORGES, N. M. F.; COSTA, A. F.; CLAUDIO, R. A. Z. A. **O Terceiro Setor: um estudo empírico em gestão, controle e captação de recursos**. Facit Business and Technology Journal, v. 1, n. 5, 2018.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente **Curso de capacitação sustentabilidade na administração pública**. Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental, Departamento de Desenvolvimento, Produção e Consumo Sustentáveis. Brasília, DF, 2017.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Agenda Ambiental na Administração Pública (A3P). **Como implementar a A3P**, 2ª ed. Brasília, 2016.

BRUNDTLAND, Gro Harlem. **Nosso futuro comum: comissão mundial sobre meio ambiente e desenvolvimento, 1987**. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.

CARVALHO, A. C. C.; PAES, A. P. **Captação de recursos e práticas gerenciais em Organizações da Sociedade Civil do município de Lucas do Rio verde**. SINERGIA, Rio Grande, v. 26, n. 1, p. 155-171, jan./jun. 2022

CASTRO, V. C.; PENA, H. W. A. **Responsabilidade Socioambiental e as ONGs: Estudo de Caso do Instituto Capital Social da Amazônia**. Projeto de Bancos Comunitários. 2014.

CEA CENTRO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL. **Site institucional**, Porto Alegre. 2022. Disponível em: <<https://www.ceabomjesus.org>>. Acesso em: 18 mai. 2022.

CHO, M.; KELLY, K. S. **Corporate donor-charitable organization partners: a coorientation study of relationship types**. Nonprofitand Voluntary Sector Quarterly, [S.l.], v. 43, n. 4, p. 693-715, 2014.

CMMAD. **Comissão Mundial sobre meio Ambiente e Desenvolvimento. Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: FGV, 1988.

CNUMAD. **Conferência das nações unidas sobre meio ambiente e desenvolvimento, Agenda 21**. Rio de Janeiro, 1992.

COSTA, M.; RAMOS, A.; PORTELA, S. **A influência das organizações do terceiro setor na responsabilidade social e ambiental das empresas do polo industrial de Manaus**. Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão, v. 13, n. 1, p. 14-27, 2014.

CURADO, I. B. **Responsabilidade legal, responsabilidade social e compromisso social: uma questão de autoridade?** Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, Brasília, DF, Brasil, 27, 2003.

DIAS, R. **Gestão ambiental: responsabilidade social e sustentabilidade**. São Paulo: Atlas. 2011.

ELKINGTON, J. **Sustentabilidade, canibais com garfo e faca**. São Paulo: M. Books do Brasil. 2012.

ESTIGARA, A.; PEREIRA, R.; LEWIS, S. A. L. B. **Responsabilidade Social e Incentivos Fiscais**. Editora GEN - Atlas. 2009.

FISCHER, R. M. **Estado, mercado e terceiro setor: uma análise conceitual das parcerias intersetoriais**. Revista de Administração-RAUSP, v. 40, n. 1, p. 5-18, 2005.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre. Artmed, 2009.

FONSECA, L. P.; MADRUGA, L. R.; MAZZA, V. M.; TEIXEIRA, M. G.; STRECK, M. G. **Cooperativismo e sustentabilidade: um estudo sobre a produção científica**. In: Revista de Gestão e Organizações Cooperativas - RGC, 12-22, 2014.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GUNAWAN, J.; PERMATASARI, P.; TILT, C. **Sustainable development goal disclosures: do they support responsible consumption and production**. *Journal of Cleaner Production*, 246, 118989, 2020.

HAIR JR., J.; BABIN, B.; MONEY, A. H.; SAMOUEL, P. **Fundamentos de Métodos de Pesquisa em Administração**. 1ª Ed. Porto Alegre: Bookman, P. 211-235, 2005.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Indicadores Brasileiros para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. 2022. Disponível em: <<https://odsbrasil.gov.br/>>. Acesso em: 20 out. 2022.

JACOBI, P. **Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade**. Cadernos de Pesquisa, v. 118, n. 3, p. 189-205, 2003.

KAPPEL, L. B.; VALADÃO JÚNIOR, V. M. **O impacto das ações governamentais nas práticas de responsabilidade socioambientais das empresas**. Administração de Empresas em Revista, [S.l.], v. 1, n. 7, p. 208-226, dez. 2012.

LIMA, A. M., **Instrumentos de Reporte de Sustentabilidade: Triple Bottom Line**. Foz do Iguaçu: UFSM, 2007.

LOPEZ, B. **Connecting business and sustainable development goals in Spain**. *Marketing Intelligence & Planning*, 27, 360-383, 2020.

LOURENÇO, I. C.; BRANCO, M. C. **Determinants of corporate sustainability performance in emerging markets: the Brazilian case**. *Journal of Business Ethics*, 71(3), 245-60, 2013.

MEDEIROS, A. A. S. **O desafio da captação de recursos no terceiro setor: o caso da instituição Casa do Pobre**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

MISTURAI. **Site institucional**, Porto Alegre. 2022. Disponível em: <<https://misturai.com>>. Acesso em: 18 mai. 2022.

MORAES, R. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOVIMENTO ODS. **Os 5P's da Sustentabilidade**. 2021. Disponível em: <<https://movimentoods.org.br/os-5-ps-da-sustentabilidade/>>. Acesso em: 27 out. 2022.

MURARO, P.; LIMA, J. E. S. **Terceiro setor, qualidade ética e riqueza das organizações**. Rev. FAE, Curitiba, v.6, n.1, p.79-88, jan./abr. 2003.

NASCIMENTO, L. F. **Quando a gestão social e a gestão ambiental se encontram**. Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, Brasília, DF, Brasil, 31, 2007.

NET IMPACT PORTO ALEGRE. **Site institucional**, Porto Alegre. 2022. Disponível em: <<https://www.netimpactpoa.org>>. Acesso em: 19 mai. 2022.

OLIVEIRA, G. T.; SILVA, R. M.; CARDOSO, A. P.; OLIVEIRA, M. S.; CASTRO, R. M.; PINTO, A. J. A. **Sustentabilidade como vantagem competitiva nas organizações: um levantamento da responsabilidade das empresas.** Revista Brasileira de Administração Científica, v.9, n.1, p.127-136, 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **How your company can advance each of the SDGs,** 2022a. Disponível em: <<https://www.unglobalcompact.org/sdgs/17-global-goals>>. Acesso em: 23 mai. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.** In: UN. Brasília, DF, Brasil, 2022b. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 18 jun. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **The Sustainable Development Goals Report, 2019.** Disponível em: <https://brasilnaagenda2030.files.wordpress.com/2019/09/the-sustainable-development-goals-report-2019.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Transformando Nosso Mundo: Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável,** 2015. Disponível em: <<https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/agenda2030-pt-br.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2022.

PALMER, T. B.; FLANAGAN, D. J. **The sustainable company: looking at goals for people, planet and profits.** *Journal of Business Strategy*, 37, 28-38, 2016.

PÃO DOS POBRES. **Site institucional,** Porto Alegre. 2022. Disponível em: <<https://www.paodospobres.org.br>>. Acesso em: 19 mai. 2022.

PEDERSEN, C. S. **The UN sustainable development goals are a great gift to business!** *Procedia CIRP*, 69, 21-24, 2018.

POZO, H.; TACHIZAWA, T. **Responsabilidade social corporativa e marketing social: um estudo exploratório em empresas para o fortalecimento do turismo na região da baixada santista (São Paulo/BR).** *Pasos - Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, v. 10, n. 3, p. 357–368, 2012.

PUYVELDE, S. V.; CAERS, R.; BOLS, C. D.; JEGERS, M. **The governance of nonprofit organizations: integrating agency theory with stakeholder and stewardship theories.** *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly*, v. 41, n. 3, p. 431-451, 2012.

ROSATI, F.; FARIA, L. G. D. **Addressing the SDGs in sustainability reports: the relationship with institutional factors.** *Journal of Cleaner Production*, 215, 1312-1326, 2019.

RUEDIGER, M. A.; JANNUZZI, P. M.; MEIRELLES, B.; PIMENTEL, J. **Políticas públicas para o desenvolvimento sustentável: dos mínimos sociais dos objetivos de desenvolvimento do milênio à agenda multissetorial e integrada de desenvolvimento sustentável.** Rio de Janeiro: FGV-DAPP, 2018.

SÁ, M.; GONÇALVES, E. B.; BITTARELLO, K.; LAPOLLI, E. M. **Responsabilidade socioambiental: um desafio para a micro e pequena empresa.** SEGET, 2013.

SALAMON, L. M. **Putting the Civil Society Sector on the Economic Map of the World**, in *Annals of Public and Cooperative Economics*, vol. 81, n. 2, p. 167-210, 2010.

SANTOS, G. F. D.; WEBER, A. L. **Desenvolvimento Sustentável e Responsabilidade Social Empresarial: Uma Análise entre a Teoria e a Prática.** *Desenvolvimento em Questão*, v. 18, n. 51, p. 247-267, 2020.

SANTOS, J.; SEVERO, E. A. **Responsabilidade social das empresas para as práticas das organizações da sociedade civil em cidades do norte do rio grande do sul.** *Revista Ciências Administrativas*, 24(2), 2018.

SANTOS, Y. C.; NEGRÃO, K. R. M.; SABOYA, S. M. P. **Estratégias para Captação de Recursos no Terceiro Setor: um estudo multicaso aplicado na APAE Belém e APAE Barcarena.** *Revista de Administração e Contabilidade-RAC*, v. 5, n. 10, p. 175-213, 2018.

SCHARAMADE, W. **Investing in the UN sustainable development goals: opportunities for companies and investors.** *Journal of Applied Corporate Finance*, 29(2), 87-99, 2017.

SCHÖNHERR, N.; FINDLER, F.; MARTINUZZI, A. **Exploring the interface of CSR and the sustainable development goals.** *Transnational Corporations*, 24(3), 33-47, 2017.

SDG INDEX. **Sustainable Development Report.** 2022. Disponível em: <https://www.sdgindex.org/>. Acesso em: 28 out. 2022.

SEMENTE. **Responsabilidade social empresarial: qual é o futuro?** [S. l.], 07 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.sementenegocios.com.br/blog/futuro-da-responsabilidade-social-empresarial>>. Acesso em: 16 abr. 2022.

SILVA, E. P. C.; VASCONCELOS, S. S.; NORMANHA, M. A. F. **Organizações do Terceiro Setor: Desafios na captação de recursos para sua gestão.** Qualis Sumaré-Revista Acadêmica Eletrônica, v. 6, n. 2, 2016.

SILVA, L. V.; MACHADO, L.; SACCOL, A.; AZEVEDO, D. **Metodologia de pesquisa em Administração – uma abordagem prática.** Editora Unisinos. 2013.

SILVA, M. E.; COSTA, A. C. V.; GÓMEZ, C. R. P. **Sustentabilidade no Terceiro Setor: o desafio de harmonizar as dimensões da sustentabilidade em uma ONG.** Reuna, v. 16, n. 3, p. 75-92, 2011.

SUGANTHI, L. **Examining the relationship between corporate social responsibility, performance, employees' pro-environmental behavior at work with green practices as mediator.** Journal of Cleaner Production, 232, 739-750, 2019.

TACHIZAWA, T.; ANDRADE, R. O. B. **Gestão socioambiental: estratégias na nova era da sustentabilidade.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

TAVARES, E. D. **Responsabilidade Socioambiental: 2012 e o Desenvolvimento Sustentável.** Aracaju: AESE, 2012.

THORLAKSON, T.; ZEGHER, J. F.; LAMBIN, E. F. **Companies contribution to sustainability through global supply chains.** Proceedings of the National Academy of Sciences, 115(9), 2072-2077, 2018.

TILT, C. A. **Corporate social responsibility research: the importance of context.** International Journal of Corporate Social Responsibility, v. 1, n. 1, p. 2, 2016.

TRISTÃO, V. T. V.; TRISTÃO, J. A. M. **A contribuição das ONGs para a educação ambiental: uma avaliação da percepção dos stakeholders.** *Ambiente & Sociedade*, vol. XIX, núm. 3, jul./set., 2016, pp. 47-66, 2016.

VALADÃO JUNIOR, V. M.; OLIVEIRA, A. C. M. **Responsabilidade socioambiental e integração: O caso Cargill Agrícola S/A – complexo industrial de Uberlândia – MG.** Alcance, 17(1), 34-47, 2010.

VALENCIA, S.; SIMON, D.; CROESE, S.; NORDQVIST, J.; OLOKO, M.; SHARMA, T.; BUCK, N. T.; VERSACE, I. **Adapting the Sustainable Development Goals and the New Urban Agenda to the city level: Initial reflections from a comparative research project.** International Journal 16 of Urban Sustainable Development, 11(1), 4–23, 2019.

VERONEZE, S.; SCHMIDT, O.; MAGRO, C. B. D. M.; MAZZIONI, S. **Responsabilidade Social Corporativa e Adesão aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. Revista de Administração IMED, Passo Fundo, vol. 11, n. 1, p. 113-137, janeiro-junho, 2021.

VILELA JÚNIOR, A.; DEMAJOROVIC, J. **Modelos e ferramentas de gestão ambiental: desafios e perspectivas para as organizações**. São Paulo: Senac, 2006.

YADLAPALLI, A.; RAHMAN, S.; GUNASEKARAN, A. **Socially responsible governance mechanisms for manufacturing firms n apparel supply chains**. International Journal of Production Economics, [S. l], v. 196, p. 135-149, fev. 2018.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

YIN, R. K. **Pesquisa Qualitativa: do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

ZANTEN, J. A. V.; TULDER, R. V. **Multinational Enterprises and the Sustainable Development Goals: An Institutional Approach to Corporate Engagement**. Journal of International Business Policy, 1, 208-233. 2018.

ZHAO, L.; DU, J. **Certification of environmental corporate social responsibility activities in differentiated duopoly market**. Mathematical Problems in Engineering. v. 2017, p. 1-7, 2017.

## APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

**OBJETIVO GERAL** – Analisar quais são as ações de Responsabilidade Socioambiental que as Organizações da Sociedade Civil resididas em Porto Alegre/RS, vem realizando de forma efetiva, e quais Objetivos de Desenvolvimento Sustentável estão atendendo.

VARIÁVEL	PERGUNTAS
<p>Responsabilidade Socioambiental (RSA)</p> <p>OBJETIVO ESPECÍFICO 1 – Analisar quais as ações de Responsabilidade Socioambiental podem ser encontradas nas OSCs pesquisadas.</p>	<p>Pergunta 1 – Quais as ações e iniciativas de Responsabilidade Socioambiental a OSC realiza? Como Realiza?</p> <hr/> <p>Pergunta 2 – Quais são os processos gerenciais que a OSC faz em prol da sustentabilidade e Responsabilidade Socioambiental?</p> <hr/> <p>Pergunta 3 – Quais outras práticas você considera que ainda podem ser implementadas?</p>
<p>Organizações da Sociedade Civil (OSCs) com RSA</p> <p>OBJETIVO ESPECÍFICO 2 – Identificar como as OSCs estão alinhadas com o propósito de gerir suas operações de forma socialmente e ambientalmente responsáveis.</p>	<p>Pergunta 4 – Como a OSC considera os aspectos sociais e ambientais em sua gestão operacional e processos internos?</p> <hr/> <p>Pergunta 5 – De que formas a OSC procura conscientizar seus colaboradores com as práticas de Responsabilidade Socioambiental?</p> <hr/> <p>Pergunta 6 – Como a OSC trabalha a importância que seus beneficiários entendam a relevância das ações socioambientais?</p>
<p>Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS e DS)</p> <p>OBJETIVO ESPECÍFICO 3 – Identificar quais os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) as OSCs pesquisadas estão atendendo.</p>	<p>Pergunta 7 – Você e sua organização conhecem a Agenda 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável? Como ficaram sabendo?</p> <hr/> <p>Pergunta 8 – Quais os ODS você entende que a OSC está atendendo, trabalhando, atualmente?</p> <hr/> <p>Pergunta 9 – A OSC cogita desenvolver um planejamento para ampliar o atendimento de outros desses ODS? Por quais motivos?</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

## APÊNDICE B – TABULAÇÃO DAS RESPOSTAS

**Quadro 4** - Tabulação das Respostas – Perguntas Abertas – Pergunta 1

<b>Pergunta 1 - Quais as ações e iniciativas de Responsabilidade Socioambiental a OSC realiza? Como Realiza?</b>
<p>Entrevistada 1: (1) É, a gente tem uns braços né, não sei se a responsabilidade socioambiental pega tanto a assistência quanto o ambiental, né, pega todos né.</p> <p>Então, acho que a gente tem o Amparaí, assistência em relação à fome, uma das questões, a gente tem o Regeneraí, bem da questão ambiental, a gente tem o Gurizadaí que é da questão da educação, acesso à educação, reforço escolar, e o que mais...</p> <p>(3) Aha, dos principais eu acho que é isso. Tem os eixos ali dos projetos... Ah, e tem o brechó, que é da moda sustentável de reutilização. A gente tem um brechó, a gente tanto distribui ali no Amparaí para o pessoal em situação de rua, mas também, a gente revende as roupas né, a preço bem popular, assim, para reverter. E aí são roupas usadas englobando a questão de sustentabilidade e geração de renda.</p>
<p>Entrevistada 2: (2) Socioambiental, o Costuraí, geração de renda né, tem essa pegada aí de reutilizar materiais, como utilizar retalhos... Porque daí no Costuraí se reutiliza tudo né, vai se tendo reformas de roupas, materiais tipo persianas que se usa para bolsas, né, então eu acho que o Costuraí também entra nessa.</p>
<p>Entrevistado 3: A estratégia, né André, eu costumo dizer que, infelizmente, a gente não está inventando a roda, a gente está só copiando o que as antigas lideranças e a fundadora desse projeto já fazem há quase 30 anos aqui dentro da Bom Jesus, que é estudar e perceber a riqueza que existe e o potencial que existe através daquilo que muita gente ainda chama de lixo. Então, sem mais delongas, sabe, a principal estratégia que eu acredito do Centro de Educação Ambiental, mas que deveria se replicar por outras organizações que estão passando por muitas dificuldades, é buscar soluções tecnológicas e ambientais para os resíduos que são gerados na nossa cidade. Assim, a gente consegue então, gerar grana, gerar receita, gerar distribuição de renda para dentro da comunidade e gerar emprego, obviamente. E, ao mesmo tempo, gerar recursos para o desenvolvimento social dos projetos que a gente desenvolve aqui dentro.</p>
<p>Entrevistada 4: A gente teria várias ações assim para mencionar. Então, a gente tem a adoção da separação correta do lixo gerado dentro das instituições, até porque a gente tem uma atividade, um CNPJ que é, justamente, a triagem, a separação e a comercialização desse resíduo sólido para reverter em renda para essas pessoas né, então é de praxe assim, então, a todo momento, todos os dias, a gente insiste nessa questão da separação correta dentro dos espaços institucionais ali, porque todo o resíduo que é gerado, o resíduo sólido que é gerado nesses espaços são encaminhados para a unidade de triagem. Isso vira renda para aquelas pessoas ali que são colegas, inclusive, dos colaboradores dos outros CNPJs. Então, é um ciclo bem legal assim da gente perceber, sabe, porque o que se gera ali de resíduo, ele não some, ele é encaminhado para um grupo que pertence ao CEA para se transformar num meio de sobrevivência dessas pessoas né.</p>

Outra prática que a gente poderia citar aqui é a questão do resíduo têxtil né. Resíduo têxtil é uma grande problemática hoje em dia para o mundo inteiro, e nós temos a prática envolvendo resíduo têxtil, é justamente a gente ter, dentro da instituição, porque nós recebemos muita doação de resíduo têxtil, roupa né, nós temos uma prática muito interessante que é o armário solidário. Então, toda roupa que chega, de alguma forma, na instituição, ela é, obviamente, avaliada para ver as condições desse resíduo, dessa roupa, e deixamos a disposição da comunidade para que possam acessar essa roupa, então ela se enquadraria muito em uma prática de responsabilidade socioambiental, porque tu tá ali, além de cooperando com a comunidade, com as pessoas, tu tá evitando que este resíduo seja encaminhado para o aterro sanitário e seja mais um a contaminar o solo. Nós temos também, além da questão das visitas guiadas para alcançar maior número de pessoas para conhecerem e para poder ser um multiplicador dessa nossa intenção, a gente também oferece oficinas, palestras para fora dos portões né, então nós somos palestrantes que ficamos à disposição de empresas, de escolas, com essa intenção de multiplicar esta informação, então, além de trazer o público para dentro da instituição, para que conheçam essas nossas atividades, nós também nos oferecemos para fazer isso em universidades, em escolas, com a intenção real de multiplicar, multiplicas informação, multiplicar conhecimento, multiplicar visibilidade, então, acho que se enquadra muito nessa questão da responsabilidade socioambiental. Acredito que eu até mencionei aqui o que te passei, mencionei reaproveitamento, e o reaproveitamento é de tudo né, de tudo que chega até esse lugar, a questão da separação correta dos resíduos sólidos, até porque é matéria-prima de um dos CNPJs, né, as visitas guiadas, as visitas guiadas internamente e externamente, as palestras e oficinas que a gente se dispõe a fazer nos espaços externos, a gente tem a estufa agroecológica, nós temos o armário solidário e nós temos a prática real da sustentabilidade diariamente dentro da instituições que compõem o CEA, justamente porque um dos CNPJs sobrevive dos resíduos sólidos né, e da intenção de, socialmente, cooperar com o desenvolvimento das pessoas que sobrevivem da separação do resíduo sólido.

Entrevistada 5: Vê se entra isso, né, eu acho que a separação de lixo? O que eu observo, além das lixeiras nos caminhos, nas áreas úteis e corredores do O Pão dos Pobres, o nosso refeitório também tem separação do lixo seco e orgânico. Nas áreas comuns, tem aquela separação entre vidro, plástico, orgânico, etc. E a nossa horta, a gente tem uma horta, e eu sou instrutora e educadora de gastronomia, a gente tem uma horta que a cozinha institucional que a central do O Pão dos Pobres tem acesso e a gente, no curso de gastronomia também. O que eu sei é isso.

Entrevistado 6: Olha, a gente aqui dentro da Fundação, especificamente na nossa área que é bem direta ao curso de gastronomia, a gente se preocupa bastante com isso né, com essa parte ambiental. Desde quando a gente começa com nossos jovens, nossos alunos, e é em todos os cursos de modo geral e bastante no nosso, na gastronomia, a questão da preocupação com o meio ambiente, com o que que a gente vai, que que a gente faz né, com os nossos dejetos, onde é que a gente vai descartar, os cuidados que a gente tem né, de não estar colocando muitas coisas em locais errados. Vamos dizer, que nem eu uso o palavreado para eles entenderem assim não colocar as coisas no lugar errado né, ter a consciência de fazer a reciclagem. Por exemplo, nós temos uma horta aqui que a gente trabalha com ela, que a gente vai lá, a gente tenta fazer com postagem, a

gente tenta não colocar nada que não seja próprio daquele lugar lá, por vários motivos. Dentro das nossas dependências, no modo geral da Fundação, a gente tem essa preocupação né, o pessoal, as pessoas entram aqui veem que tem os contêineres de reciclagem, então a gente está, eu acho que, não sei se seria essa a resposta, mas a gente tem bastante preocupação e tenta educar os nossos jovens né, é o futuro né, eles são o nosso futuro, então a gente tem que estar tentando educar eles a se preocupar com esse tipo de coisa que, hoje em dia, está muito em alta e realmente isso vai nos fazer muita falta num futuro muito próximo que está vindo aí. Então sim, a gente tem bastante preocupação com isso, acho que a gente tenta fazer um papel legal com eles aqui. acredito que estamos conseguindo, devagarinho.

Entrevistada 7: Primeiro, aquilo que a gente comentou antes, é com uma visão bem do ano de 2019 (A OSC pausou as atividades durante a pandemia). As nossas ações eram muito pautadas em trabalhar com outras organizações, porque não é aquela visão corporativa de responsabilidade social ou socioambiental, mas era da forma que nós atuávamos, com outras organizações, fazendo aquelas trocas que a gente comentou antes e atuação acho que dá para dizer bastante em termos de educação, de conteúdo, de divulgação. Em 2014, se não me engano, a organização teve um projeto que foi realizado com a AESUL, que era um projeto que não vou lembrar o nome agora. Outro que a Net Impact também foi bem atuante foi o Oasis, projeto que geralmente, é mutirão onde eles trabalham com alguma revitalização de espaço, alguma coisa assim, tem ações educativas junto, de envolvimento da comunidade local. São bem focados em comunidades locais específicas, focado em “problemas específicos”.

Entrevistado 8: Eu acho que um ponto relevante de trazer, antes de mais nada, existem diferentes perspectivas do trabalho focado no socioambiental. A Net Impact, nós, você deve saber, pela pesquisa que fez, que nós temos uma chancela de uma ONG internacional, então, em virtude disso, a gente procura trabalhar dentro das diretrizes deles e nos encaixar na nossa realidade local. Nisso, o nosso foco é trabalhar justamente com a educação, e não ter propriamente ações que elas possam ser entendidas como assistencialistas, que não é, na nossa interpretação, vou tomar liberdade de falar pela entrevistada 1 também, a gente não enxerga isso como um problema, até para certas situações é uma solução paliativa, mas a gente não atua dessa maneira. Entretanto, por vezes, como a entrevistada 1 trouxe, situações onde alguma outra organização parceira nos procura, ou a gente divulga, ou a gente capta pessoas para trabalhar conjuntamente, ou então a gente consegue cocriar algum tipo de ação que entre numa linha daquilo que a Net Impact faz, que nossa linha de atuação foi já muito dentro de promover workshops, como palestras, promover cursos, mas assim, o que eu posso te dizer, como organização, olhando para o ponto de vista organizacional e até a trazendo uma bagagem um pouco pessoal dos dois entrevistados é o seguinte: quando nós assumimos como diretores, isso foi no ano de 2018, a gente estava num momento onde a visão da ONG se encerrava, ela tinha uma perspectiva de se tornar uma referência em sustentabilidade dentro de Porto Alegre até aquele ano. Então, a gente tinha que renovar e ver o que fazer, e a gente pegou e resolveu olhar de cabo a rabo porque, assim, nós somos uma organização que capta pessoas para trabalhar de maneira voluntária, e isso tem um turnover muito grande. Então, as pessoas que, lá no início, galgaram esse posicionamento, não são as mesmas que estavam naquele

momento, inclusive, não são as mesmas que estão hoje. Então, nós nos vimos obrigados a repaginar a organização para entender o que que era o posicionamento daquele momento e, ali, muitas coisas surgiram em termos da gente entender transparência, da gente entender o que que era de fato sustentabilidade, a gente trabalhou muito forte aquele ano nessa linha de sustentabilidade, o que não é descolado da questão socioambiental, que são dois pilares significativos da sustentabilidade. Então, hoje, a forma de atuar, talvez entrando um pouco mais na linha da tua pergunta, é essa correlação do que a organização prega em uma questão de coerência em relação a forma que ela age, a gente não se envolve com ações que estejam desprendidas daquilo que a gente acredita. Não é uma resposta direta a tua pergunta, mas tem uma correlação.

Fonte: Elaborado pelo autor.

### Quadro 5 - Tabulação das Respostas – Perguntas Abertas – Pergunta 2

#### **Pergunta 2 - Quais são os processos gerenciais que a OSC faz em prol da sustentabilidade e Responsabilidade Socioambiental?**

Entrevistada 1: Os processos? Não entendi agora.

Entrevistada 2: Como funcionam os processos internos? Bom, nossos processos... Na realidade, assim, durante a pandemia, a gente fez as coisas acontecerem né, porque era um momento que a gente tinha que tá acolhendo também né, a gente se colocou disponível a isso, não fechar as portas e tá atendendo as pessoas que seriam mais atingidas, que seriam os moradores em situação de rua. Então, a gente foi fazendo as coisas acontecerem. Na realidade, hoje, a Instituição pós-pandemia, ela tá se reformulando né, ela tá se estruturando com profissionais, começando por uma assistente social, porque a gente viu que não é só entregar roupas, não é só entregar um prato de alimento, a gente quer impactar na vida dessas pessoas né. Então, é importante a gente hoje estar potencializando esses projetos, como o Gurizadaí, que é um atendimento que a gente começou antes da pandemia com as crianças, mas, durante a pandemia, a gente teve que potencializar mais esse projeto com educação porque foi até um pedido de socorro dos pais porque eles tinham muitas dificuldades de atender as crianças naquela questão que, né, se dizia que todo mundo tinha uma internet, mas não né, essa não é a realidade. E que todo mundo tinha dinheiro pra tá lá, os pais, pra impressão das folhas né pras atividades escolares. Então, hoje a gente foi, hoje os nossos processos, assim, são em cada projeto, tá estruturando ele para que tenha um impacto na vida, tanto das crianças, quanto das pessoas que a gente tá atendendo hoje, né. Então, hoje, a Misturaí tá se reformulando.

Entrevistado 3: Então, falar em processo para o CEA é algo super recente. Falar em processo para o CEA é super recente. A gente está passando por aquilo que eu chamo de transição institucional e está aí... Eu tenho até que tomar cuidado para não ficar parecendo muito, como é que se diz, prepotente né, quando eu digo que outras organizações também deveriam se ligar nisso, mas a gente precisa parar e estudar muito o que que o mundo está exigindo hoje, qual é a demanda hoje do mundo, não só se tratando de questões sociais e ambientais, mas essencialmente de questões gerenciais. Quando tu fala do conceito ESG, do Sistema B, é exatamente o diálogo, a dialética que o mundo está adotando hoje e, se a gente continuar como organização social, como terceiro setor,

replicando, repetindo tudo aquilo que a gente faz há 30 anos, com certeza esse modelo de processo administrativo institucional, ele vai ficar abandonado, ele vai ficar para trás e os parceiros, os incentivadores, os patrocinadores, essa galera que está dialogando ao mesmo tempo com a bolsa de valores, quer estar escutando isso também dentro do terceiro setor. De uma forma que eu acho até meio injusta, pelo modelo geográfico aonde as instituições se encontram e pelo modelo intelectual e educacional que as instituições sociais do Brasil, essencialmente falando, o nível que aqui a nossa galera está é bem injusto o patrocinador, o empresário nos exigir esse tipo de entendimento, mas de alguma maneira a gente precisa então encontrar nesse novo modelo de processo organizacional para passar por essa transição, que eu estou te dizendo, que o CEA particularmente está passando, de tentar estudar o que a Marli Medeiros, a fundadora, antiga liderança desse projeto, da maneira que ela construiu esse projeto e quais são os novos modelos que a gente vai ter que começar a adotar para o CEA, para entender esses novos processos organizacionais que o mundo está exigindo do terceiro setor.

Entrevistada 4: Bom, eu tô entendendo aqui, como processos gerenciais, nesse sentido, algumas ações, né, algumas práticas assim, em relação e em prol da sustentabilidade, do gerenciamento, e da responsabilidade socioambiental. Se for isso, é dessa forma que eu interpretei e irei te responder, tá bom? Então, os nossos CNPJs ali, eles têm três fins específicos, as atividades elas tem fins específicos. Nós temos a escola de educação infantil que é direcionada para crianças né, para a atividade da educação infantil, nós temos o centro cultural, que é aquele atendimento todo ali, a crianças, jovens, idosos e comunidade com atendimentos diversos, desde o atendimento extracurricular até o atendimento da comunidade em relação à psicóloga, assistente social, e temos, então, o centro de triagem, que é o carro chefe de tudo isso, que é a parte da reciclagem. Então, as práticas mesmo em relação aos processos e ações que a gente utiliza em questão da sustentabilidade e da responsabilidade socioambiental, elas são muito mais induzidas pelo Centro de Triagem (Centro de Triagem da Vila Pinto – CTVP) ao Centro Cultural e a Vovó Belinha, porque o Centro de Triagem, ele é uma atividade que é a sustentabilidade pura, né, que é a questão da prática socioambiental todos os dias. Então, eu identifico assim, que eu vou conseguir te passar algum retorno pensando muito mais no CEMME (Centro Cultural Marli Medeiros) e na escola de identificação infantil e no CEA, né, claro, tudo é CEA, mas muito mais nesse sentido.

Entrevistada 5: Bah, essa daí eu não sei se sei responder. Na parte da gastronomia... Repete a pergunta que agora eu lá trazer para cá isso. Então, aqui na gastronomia, a gente tenta não ter desperdício de alimento. Então a gente tenta usar integralmente tudo. Se uma receita vai só gema do ovo, a clara vira outra coisa, as cascas dos vegetais aqui nas minhas aulas, eu ensino que viram chips, então a gente põe no forno tempera e põe no forno para comer, então aqui nos alimentos a gente faz isso. Outra coisa é evitar o consumo de descartáveis aqui na cozinha, seria isso. Eu não sei se entra a separação de lixo também, na nossa cozinha é separado entre lixo seco e orgânico.

Entrevistado 6: Bom, a gente, aqui, nós tentamos cuidar dessa área sim, com nossos parceiros. A gente tem alguns parceiros que a gente traz para dentro da Fundação para trabalhar isso com a gente mesmo né, conosco, os instrutores, sugestão dos gestores e também, automaticamente, passar isso para nossos jovens. Então seguidamente a gente está sempre atrás de parceiros,

sempre buscando parceiros para vir trabalhar isso com a gente aqui para estar nos atualizando essas questões ambientais. Tanto no modo geral de descarte, de cuidados que a gente tem que ter, de modo geral, então eu acho que, basicamente, isso a gente está sempre atrás de parcerias né, para a gente sempre estar mantendo o nosso lugar, pelo menos no nosso canto aqui, em nosso ambiente né, dentro das normalidades que exigem hoje em dia e que a gente tem que, realmente, se preocupar. Nossos gestores, a nossa coordenação tá sempre em cima disso, sempre buscando essa parte para nos manter sempre atualizados nessa área aí.

Entrevistada 7: 1) Acho que já acabou comentando um pouquinho antes, mas em termos de processos gerenciais, acho que isso é uma coisa interessante de comentar. Em 2018, a gente recebeu um feedback de que a Net Impact era uma organização, uma ONG, muito organizada, que a gente tinha as coisas, naquele momento, que é o que a gente está tentando retomar aos poucos, né, ver como é que a gente vai se organizar e tal, já que, nesse atual momento, são somente duas pessoas, mas... Me perdi na resposta.

3) Concordo cem por cento com o que o entrevistado 2 falou e eu lembrei o que ia falar. No passado, a gente teve essa visão, teve esse feedback de ser muito profissional, só que é a gente não via dessa forma. Nós que estávamos em cargo de direção, nós tínhamos uma terceira pessoa, e a gente trabalhava muito entrosados entre nós. Então, o que acontecia era que as pessoas entravam, elas tinham uma ideia um pouco assistencialista, aquilo que o entrevistado 1 falou, elas queriam fazer alguma coisa e ficavam muito esperando receber isso, tipo uma ideia de receber o socioambiental, de que eu vou receber a sustentabilidade. E isso é uma coisa que tu não tens como entregar. Para além do anseio pessoal, as pessoas precisam entender que aquela chancela que o entrevistado 1 falou, que a gente tem lá dos Estados Unidos, nós somos um escritório profissional. Então, são profissionais que tem interesse em se desenvolver com sustentabilidade, só que a gente não tem como entregar isso. É uma coisa que se juntará com o anseio pessoal e começar a entender que precisa participar de tudo aquilo que a gente está participando para que, digamos, conseguir se desenvolver nisso. Então, eu vejo a responsabilidade social da Net Impact, não é bom falar que é o core business, mas eu acho que é o que nós somos, é a essência. Então, é muito difícil criar isso, porque até a forma como a gente tem esse beneficiamento interno, fora de como a gente se organizava e a gente está tentando se organizar de novo, ele vai te trazer isso. A gente vai ver como que a gente vai fazer a sustentabilidade acontecer, mas, quando as coisas começam a acontecer, elas são relacionadas ao assunto, então, cabe desenvolver aquilo ou não, mas eu acho que, no geral, as pessoas se desenvolviam. A evolução é muito qualitativa, é complicado tu mensurar o quanto tu cresceu individualmente em relação a isso, a não ser que, tu mesmo entre com o próprio indicador, por exemplo, eu vou medir isso dessa forma.

5) Era algo mais ao natural. E, também tem uma outra coisa, uma outra questão. Antes, o entrevistado 2 falou, dentro de missão, visão, valores, dentro daquela estratégia organizacional que precisou ser revista em 2018, e a principal delas era a ser referência, e nós éramos referência. Naquele momento, a gente tinha como dizer que “nós somos referência em sustentabilidade em Porto Alegre”. Nós éramos a única? Não, mas a gente era referência, foi um ano em que a gente fez cursos, um ano em que a gente deu muita palestra, a gente deu entrevista em rádio, em TV, tipo

assim, a gente apareceu muito naquele ano. Então, as pessoas chegavam na gente e diziam assim, tipo, procurei no Google, como tu né, por sustentabilidade e tal e eu achei vocês, vi que vocês estavam no evento tal, falaram tal coisa. Então, assim, as coisas vinham meio ao natural, então é difícil dizer que a gente tinha um processo específico para isso até porque a gente batia a cabeça em relação a isso né, como é que a gente vai ser procurado, como é que a gente vai fazer, tinha que ser ao natural.

7) Até porque é mais focado no anseio pessoal e não focado na formação, porque, se fosse focado na formação da pessoa, em que ela chega com todo esse background dela e dizer, tá OK, a gente tem que fazer tal coisa então vamos sentar e organizar de tal forma, não teria uma diretoria. Eu era a mais aleatória, engenheira ambiental, mas tinha quem gostasse de gestão, tinha publicitária e eu. Eu acho que a gente conseguiu trabalhar bem justamente porque existia essa questão de gestão profissional e eu já tinha experiência de Net Impact, de algum tempo, eu já tinha participado de projetos, e por isso que a gente deu um pouquinho mais de velocidade né, mas, mesmo assim, mesmo a gente fazendo um planejamento bem no início do ano, nós éramos quatro pessoas na Net Impact e nós fizemos um planejamento.

Entrevistado 8: 2) Deixa eu falar um pouco e, de repente, eu resgato um ponto em que eu queria chegar. A gente tem, como trouxe antes, essa questão de reorganizar a organização, com perdão da redundância e, sempre quando a gente trazia pessoas novas, dada a necessidade, assim, muito se tinha em uma linha de alinhamento mesmo. De uma maneira majoritária, não sei se de repente não apareceu nas demais organizações nas quais tu tiveste contato, a gente tem um envolvimento, pelo menos naquelas que trabalham de uma maneira voluntária, as pessoas se envolvem com sustentabilidade muito numa linha de atender um anseio pessoal, e isso que a gente consegue tentar chegar a um caminho do meio, de anseio pessoal da pessoa com aquilo que realmente é uma necessidade da sociedade também, enfim, mas as pessoas até entenderem, porque muitas delas chegam tipo em uma linha de... E eu mesmo, falando pessoalmente, eu cheguei muito querer entender mais a sustentabilidade e de me envolver mais com isso, e tinha todo um lado de aprendizado. E na linha do processo gerencial essa questão do acultramento, essa questão do onboarding é muito significativo. Olhando mais para o modo prático, a gente tinha uma espécie de levantamento que a gente fazia anualmente, onde a gente passava tudo, a gente nunca teve um trabalho de não conseguir evoluir em um prático, para ter indicadores específicos, até porque o que a gente trabalha é muito qualitativo, o que é um pouco mais complicado de você ter esse tipo de controle, requer muita pesquisa, requer muita análise. E até por causa dessa questão que eu te comentei antes, do turnover, a gente não consegue sustentar muita coisa ou fica muito centrado nas pessoas que estão nos cargos de comando, de direção, enfim. Nesse sentido, a gente, ainda assim conseguia, anualmente, parar e um olhar todas as ações que nós tivemos. A gente chegou a fazer, em alguns momentos, alguns mapas de amplitude das nossas ações, de stakeholders que foram alcançados e, com isso, tivemos insumos para que, posteriormente, a gente conseguisse construir relações com esses stakeholders e promover ações conjuntas. Não é propriamente um processo gerencial, mas não deixa de ser um tipo de medida ou estrutura que a gente tem para gerenciar a organização e promover as ações dela.

4) É, tem uma situação porque, esse feedback que a entrevista 1 comentou, ele veio para nós em um momento que a gente fez, em 2018, onde a gente tinha, individualmente, abordado cada voluntário e voluntária que nós tínhamos naquele instante para ter uma troca, justamente, recolher informações, como se fosse uma pesquisa de clima, ter feedback. E a gente, de certa forma, também, já conseguir perceber se as expectativas e necessidades daquelas pessoas estavam sendo atendidas. Eu acho que, naquele momento ali, se a gente trouxer como resultado, já faz um certo tempo né, mas era perceptível que a maior parte das pessoas estava satisfeita assim, ainda que tivessem críticas que eram, construtivas, a maior parte delas tinha aprendido, tinha se engajado, tinha atendido esse anseio pessoal que eu falei anteriormente. Ao mesmo tempo, talvez tenha desenvolvido uma capacidade que não percebia em si próprio, e isso foi muito gritante. E aí na linha, já que a questão era dentro de processos gerenciais, não deixa de ser também essa questão de entender clima, de entender algumas coisas, mas assim, talvez, para ficar um pouco mais evidente dentro da tua pergunta, a gente não tem um modelo né, conforme as necessidades vão surgindo e as coisas vão sendo apontadas, a gente vai vendo a maneira exata de como atuar, algo mais orgânico talvez.

6) Tem muita coisa que a gente acabou aprendendo que era meio em uma linha de tentativa e erro. Então tinham coisas que surgiam necessidades, situações que a gente se... Até porque, vamos lá, a gente está alongando a resposta, mas é importante trazer também, eu falei que eu era prolixo. Em 2017, a Net Impact passou por um momento de ruptura em que muita gente que fazia parte acabou saindo e eu, por exemplo, eu tinha 4 meses de Net Impact e assumi um cargo de direção, a entrevistada 1 já estava a mais tempo, mas também não era tanto tempo assim né. A outra colaboradora que assumiu conosco também entrou juntamente comigo, então pessoas novas, a gente ia ter essa ruptura naturalmente, como disse, era um ano também de repaginação da organização, então, muita coisa a gente foi aprendendo ao longo do processo e situações que a gente não imaginava que foram surgindo e que a gente tinha que tomar uma medida, uma decisão, rapidamente. Então, algumas coisas, a gente não teve um tempo para, não, a gente vai planejar e aí aqui... A gente até tentou fazer movimentos assim, mas muitas vezes, por exemplo, você planeja o primeiro semestre, você tem um corpo de pessoas, você tem um determinado número de recursos que no, segundo semestre, vira por completo. Então é difícil ter, pelo menos no nosso, na nossa forma de atuar, como a gente está ainda hoje, é difícil você ter um processo padrão.

8) A gente, inclusive, fez um no ano posterior, a gente fez movimentos assim, mas, de novo, o tempo muda muito rápido, entende, porque, isso talvez seja a maior dificuldade de trabalhar com OSC, assim, o quanto tu podes contar com recurso humano mesmo, o que nos leva a alguns aprendizados. Hoje, a gente já procura trabalhar de outra forma, ou tem a perspectiva de trabalhar de outra forma, talvez, com pessoas que atuem pontualmente, em vez da gente precisar delas frequentemente para algumas medidas de background já traz uma outra perspectiva, uma outra forma de atuar e talvez, dessa maneira, a gente consiga avançar em ter um modelo mesmo.

Fonte: Elaborado pelo autor.

**Pergunta 3 - Quais outras práticas você considera que ainda podem ser implementadas?**

Entrevistada 1: Não respondeu.

Entrevistada 2: A Misturaí, ela, na pandemia, quando a gente começou a entregar quentinhas no centro da cidade, a gente viu que tinha muita gente fazendo isso, então, a gente começou a ir pras comunidades. E hoje, a gente tem vínculos com algumas comunidades nas quais hoje a gente ajudou essas comunidades a se revitalizar, né, ajudando a reconstruir as sedes comunitárias, as associações. Então, hoje, a Misturaí, ela vê esse papel assim, ela se orgulha desse papel de tá dentro das comunidades né, atuando e ajudando essas lideranças que, principalmente, são mulheres, a buscar qualidade de vida pra essas comunidades. Então hoje, a Misturaí, ela quer impactar mais e avançar mais dentro de outras comunidades pra ajudar as pessoas a lutar pelos seus direitos, né.

Entrevistado 3: Então, é diferente de um negócio, diferente de uma empresa. Apesar de que o negócio social do terceiro setor é caminhar de uma maneira muito similar quando a gente está falando, e aí peculiarmente do CEA né, particularmente do CEA, a gente caminha de uma maneira, quando a gente fala em reciclagem, de uma maneira muito parecida com um setor empresarial. É um produto, é produção e comercialização, ponto, e receita né e pagamento do pessoal. Mas, o terceiro setor ele tem uma, e aí eu não quero falar sobre o CEA, eu quero falar das outras organizações sociais que eu conheço e, essencialmente, André, das organizações sociais que fecharam nesses últimos 4 anos dentro de Porto Alegre, do por que que fecharam né, do porquê, quais eram os seus recursos, o que eles estavam pensando de mundo, qual era a sua visão de mundo nesse atual cenário que a gente está vivendo hoje, e aí que está o X da questão, da diferença do terceiro setor para o segundo setor, para o setor empresarial, para o setor privado, que é: o setor privado, quando ele enxerga a dificuldade e as problemáticas que ele precisa trazer, os novos recursos que ele precisa trazer e adotar para dentro da sua empresa, ele tem capital para fazer isso, porque ele entende que esse capital é um investimento para dentro do seu próprio negócio, pra ideia da sustentabilidade, da sua própria inovação. O terceiro setor, irmão, tudo que a gente pensa de inovação, de adotar novas práticas, de adotar novos modelos de negócio, tudo o que a gente pensa dentro do terceiro setor, a gente precisa de dinheiro para fazer essas mudanças e não tem esse dinheiro para fazer essas mudanças. Então, a gente precisa convencer primeiramente, ou seja, mudar essa dialética, mudar essa maneira de dialogar com o empresário, ou com o governo, ou com seja lá quem for, que vá é trazer esse recurso, que vai trazer esses investimentos na nossa visão de adaptação de negócio, para conseguir adotar, para conseguir então implementar essas novas práticas de negócio aqui dentro. Eu trago um exemplo para ti super fácil, dentro dos 3 novos projetos que a gente está tocando aqui, de transformação de resíduo, de inclusão de tecnologia dentro do CEA, eu trouxe novos colaboradores para dentro do CEA, um engenheiro, um arquiteto, um empresário, cabeças novas pensando no CEA, porém, irmão, eu só consegui fazer isso porque eles não nos cobraram. Então a gente consegue mudar as práticas do CEA, a gente consegue mudar as práticas do terceiro setor, estamos exatamente nesse momento de transição, como eu já te disse, graças a esses senhores, esses parceiros e parceiras, que também tem mulheres dentro dessa consultoria, que trazem a visão de modelo e prática empresarial para dentro do terceiro setor, mas a

gente só consegue fazer isso porque estão fazendo de graça. Então eles vêm, trazem essas novas práticas, aprendem, estão nos ensinando os novos modelos de ESG, de Sistema B, tudo aqui para dentro, mas por que é de graça, se eu tivesse que pagar, quanto custaria a consultoria de um engenheiro de experiência de 30 anos na Petrobras, para esse cara nos ensinar as novas práticas de gestão para dentro do nosso negócio? Então, o terceiro setor, ele enfrenta sempre essas dificuldades, não só de captação de recurso, mas de captação intelectual, de captação humana também, todo o projeto que se desenvolve, ele primeiramente se desenvolve graças a pessoas, o dinheiro é importante sim, ele tem que vir e ele vai vir, mas se não tiver pessoas pensando em como mudar essa prática, esse modelo, essa nova maneira de captar recurso, nada vai acontecer. Então a estratégia que eu adotei, entendendo que eu precisava mudar a prática de gestão dentro do CEA, foi a estratégia de captar não dinheiro mais, mas de captar, primeiramente, pessoas dispostas a colaborar com o seu poder intelectual e não com o seu poder financeiro, que em algum momento vão se encontrar e vai ser muito parecido, a mesma coisa.

Entrevistada 4: Tem duas ações assim, dois projetos que, para nós, está sendo o objetivo máximo, assim né, que é a questão da energia solar e a questão do uso de cisternas. Então, são duas práticas que a gente está engajado em projetos e editais pra gente tentar trazer para a instituição, porque eu acredito que chegaria num ponto, não diria o máximo assim, o perfeito né, mas chegaria num ponto muito bom, né, do cumprimento da sustentabilidade e da preocupação socioambiental. Então acho que esses dois exemplos seriam importantes de constar como práticas que ainda não foram implementadas, mas que são de mega importância pro CEA. Tem uma prática importantíssima também, que é o reaproveitamento do orgânico, nós não temos ainda essa prática, é extremamente importante né. A gente sabe que tem instituições hoje que já estão transformando o seu orgânico em gás de cozinha, então, também é uma prática sustentável e socioambiental do qual a gente tá correndo atrás pra trazer pro CEA também.

Entrevistada 5: Aqui? É, não pensei nisso, eu estava pensando muito na Fundação... Ah, um sonho seria a gente conseguir usar na lavagem dos panos sabão vegano e embalagem de papelão, por exemplo, porque aí a gente não estaria usando o plástico que é mais difícil na decomposição né. Deixa eu pensar numa outra coisa, o sabão em barra ser mais usado do que o sabão líquido, as esponjas biodegradáveis, fazer isso tudo é um é um sonho muito grande né, as esponjas também são outras coisas que poluem bastante, sacos plásticos, pois na cozinha tem muita coisa com saco plástico, onde a gente tem que guardar e depois logo já tirar, enfim, o que mais aqui dentro da cozinha... Economia de água é mais difícil porque a gente lava a mão toda hora, mas eu acho que é por aí ótimo.

Entrevistado 6: Eu acho que, mesmo que a gente faça bastante coisa, eu acho que a gente precisa melhorar muitas coisas aqui dentro. Eu acho que usar, eu sempre falo para eles, a gente tem um recurso maravilhoso que é a água da chuva e a gente não está conseguindo captar, a gente até iniciou um projeto, mas não teve continuidade de usar essa água da chuva, a gente tem, inclusive, tem um reservatório para isso, lá separado, mas a gente não conseguiu dar segmento para estruturar isso, para ser reutilizado dentro das dependências da Fundação. Até mesmo a nossa horta a gente procura, a gente está sempre atrás de parceiros, mas a gente tem esse déficit, um pouco de

déficit dentro da nossa horta ali para dar uma melhorada nisso né. É nós tínhamos uma pessoa que cuidava muito da horta e a gente acabou perdendo essa pessoa por algumas situações e, hoje em dia, a gente sente falta de ter a alguém que nos ajude a dar um rumo melhor no que a gente faz lá na horta. A gente tem um belo potencial ali para trabalhar e a gente poderia estar usando melhor aquele espaço ali né, só isso são duas coisas. E no modo geral né, dentro da Fundação, acho que a parte que eu acho que também a gente ainda tem que melhorar um pouco, a gente tem, mas tem que melhorar um pouco mais, é sobre a nossa reciclagem aqui dentro né, acho que na nossa reciclagem, no modo geral, que a gente tem aí, são mais de 700 jovens circulando aqui dentro, então quer dizer, por mais que a gente tente, acho que a gente pode ainda melhorar mais isso aí né, conscientizar mais eles ainda. Então acho que são ações assim mais pontuais mesmo que acho que a gente pode estar buscando para melhorar mais o que a gente já tem.

Entrevistada 7: 2) Mas eu acho que, em 2018 né, tudo bem, era eu a líder, a gente teve um colaborador que foi empurrado, mas ele melhorou bastante, ele evoluiu bastante. Tinha uma coisa que era que eu estava muito atrelado a um projeto específico. Eu já tinha atuado com ele há dois anos, a gente teve o prêmio Impact at Work, aquele projeto que eu comentei antes e, como eu tinha feito todos contatos, todo aquele estudo, estava muito em mim. Como eu fui para a diretoria isso precisava passar, e a gente foi tentado a empurrar a pessoa, tipo: vai. Não funcionou muito, eu acho. O desenvolvimento pessoal dele, eu acho que sim, mas em termos organizacionais, para a organização, não, porque ele saiu.

4) Quando eu entrei em 2016 a Net Impact tinha muita gente, tinha uma estrutura bem forte, ela tinha um RH, ela tinha as diretorias, tinha mais ramificações e tinha gente para isso. Só que o que aconteceu, o pessoal foi perdendo o interesse e foi saindo e, no que foram saindo, se perdeu tudo. E aí, quando a gente assumiu, era terra devastada.

6) Embora eu tenha dado, em 2017, lucro para a Net Impact. Não, mas, falando sério, na questão de pessoas é aquilo que o entrevistado 2 comentou antes, a gente foi em dois extremos e agora a nossa ideia é, digamos, isso é muito cedo né, a gente está voltando, está se colocando, mas a nossa ideia é achar um meio termo, que a gente vai ter essas pessoas, em termos de diretoria que funcionem como referência, vai ter um outro meio, uma espécie gerencial e, por último, a gente tem demandas pontuais, até o momento.

8) E, para além disso, a gente precisa se alinhar com a nossa matriz dos Estados Unidos. Então, a gente tem que fazer uma análise aqui, de mercado, e ver como que a gente vai fazer esse meio de campo, porque daí tem outra coisa, nós já fomos referências mundiais em termos de escritório com essa visão profissional, em segundo lugar, na realidade. Hoje, a gente é o único escritório no Brasil. Antes, tinha em São Paulo e Rio de Janeiro, mas não existem mais. Na América Latina, tem três profissionais nós, no Uruguai e em Lima, talvez na América Central. Então, a gente precisa atender essas demandas que são grandes, responder nossa matriz e o que que é o cenário de Porto Alegre, o que que eles estão pedindo, o que o mercado, entre outras, precisa.

Entrevistado 8: 1) De certa forma, a gente entrou um pouco nessa resposta né. O que eu acho hoje assim, a gente tentou, vamos lá, trazer uma perspectiva bem individual assim, e aí eu já não sei se eu falo pela entrevistada 1 nesse momento. A minha saída da Net Impact em 2019 foi muito porque

as coisas ficavam centradas em mim. Quando essa mocinha (entrevistada 1) estava comigo, as coisas ficavam centradas em nós. As pessoas tinham a nós como referência, é uma coisa que eventualmente acontece nas organizações principalmente nas menores né, aquela coisa de mito do fundador, da fundadora, que é a pessoa que dá a última palavra né. Então, tu que estudas gestão e trabalha com isso inclusive, deve ver, eventualmente, esse tipo de situação. E a minha saída foi tipo numa linha de, sabe aquela história da vaca leiteira, já ouviu falar? Então eu me sentia a vaca leiteira da Net Impact, eu pulei do penhasco para ver se o pessoal tomava as regras e, tudo bem, veio a pandemia e a pandemia, vamos concordar que foi devastador em muitos sentidos e desanimador inclusive, mas o pessoal não tomou as rédeas. Então assim, o que que isso acaba virando um aprendizado, que talvez nesse tipo de organização precise ter, infelizmente, essa pessoa mais centralizadora, o que era contra o que eu acreditava até um tempo atrás, mas, hoje, né, a vida te dá uns tapas na cara para algum momento tu aprender. Então, até hoje, eu não consegui entender o modelo para OSC que não passe por isso, e eu falo até por outras organizações, talvez não seja aquelas com as quais tu te envolveste, mas outras com as quais a gente tem contato, que sempre tem uma figura central, que ela é muito significativa, porque ela é a pessoa arquiteta que tem um conhecimento imenso. Então numa ideia de medida de futuro, talvez, isso que a gente relutou, a gente tem que segurar como uma fortaleza e trabalhar de uma maneira de entender como passar o bastão para outras pessoas que venham interessadas, que tenham um perfil talvez mais próximo, que tenham uma capacidade de assumir futuramente. Não que a gente venha sair da jogada, mas é que a gente tem que trabalhar uma espécie de linha de sucessão.

3) Eu vejo algumas, não sei se são equívocos, mas algumas coisas que se fosse fazer hoje, faria diferente, mas assim, nisso que eu estou falando, já houve tentativas. Agora, claro, a gente aprende, às vezes, um ou outro detalhe que são coisas com as quais a gente tem que fazer diferente. Nessa questão de desenvolvimento, porque, como a gente trouxe antes, passa por uma linha de desenvolvimento individual das pessoas

5) As relações desgastam, ou seja, mesmo quando havia, talvez, um modelo um pouco mais estruturado, isso fez com que as relações se desgastassem ao ponto de que simplesmente todo mundo saiu. Então, ou seja, de novo, a gente tem que achar um meio termo das coisas porque uma estrutura muito engessada não funciona, ao mesmo tempo que, algo desestruturado, a gente não consegue atuar numa linha de subsistência, porque eu acho que hoje, talvez, não me recordo agora se vais entrar nesse questionamento, mas hoje talvez seja nossa maior dificuldade, como a gente trabalha a questão da subsistência. O que por um lado, voltando a tua pergunta, é importante. Hoje, a gente não tem uma determinação de como fazer esse trabalho visando, vamos lá, como a gente consegue captação de recursos e tudo mais, mas são coisas que a gente já tem um pouco mais de atenção hoje, quando a gente pensar alguma ideia de projeto, a gente já tem que pensar em uma fonte de recursos dele. Coisas que talvez, lá no início, como a gente chegou meio, sei lá, cru, não era tanto a nossa preocupação.

7) E tem uma coisa só, eu acho que assim, até pegando um gancho disso que a entrevistada 1 trouxe agora da questão do resultado positivo em 2017, a Net Impact, dá para se dizer assim, agora um insight que eu tive respondendo aqui que me dei conta, eu acho que a gente passou, como

organização, por um momento em que a Net Impact foi, de certa forma, pioneira, porque tinham assuntos que a Net Impact trabalhava como OSC, como ONG, enfim, que no mercado não tinham outros players que falavam. O que, com o passar dos anos, outras empresas se deram conta que era um valor e, hoje, por exemplo, a gente fala em ESG, que até um tempo atrás não era falado. As empresas têm se dado conta que tem que atuar a favor do ESG, ainda que tenham várias ressalvas, quando a gente encerrar aqui a entrevistada 1 pode falar mais. Ainda que tenha seus problemas envolvidos, ainda assim, já, de certa forma, está se atentando que esses temas são valores com os quais tem que se trabalhar, se dar conta né, e isso fez com que se gerasse um mercado nisso. Então, hoje por exemplo, a Net Impact, de certa forma, com algumas coisas, se a gente trouxesse, por exemplo, o modelo de atuação no passado, a gente ia competir com algumas empresas de consultoria, o que é um problema, porque, dado toda questão estrutural que a gente tem, a gente não ia ter potencial competitivo. Então, isso, talvez, é o que a gente vai ter que achar no futuro, agora, em termos de meio termo, tipo, uma análise até mesmo mercadológica, porque, por mais que nós sejamos OSC, a gente tem uma necessidade, como eu falei, de subsistência.

Fonte: Elaborado pelo autor.

#### **Quadro 7 - Tabulação das Respostas – Perguntas Abertas – Pergunta 4**

##### **Pergunta 4 - Como a OSC considera os aspectos sociais e ambientais em sua gestão operacional e processos internos?**

Entrevistada 1: Olha, da questão ambiental tu diz de interna, né? Raquel: Internamente, né. Ah, acho que a gente faz algumas ações... Não sei se tu quer ações específicas assim. Por exemplo, a gente tem um evento Planetário Cultura, que teve agora. Então, a gente tem ações de sustentabilidade de vender as canecas, sabe. E, aqui, a gente utiliza canecas, assim, então, a gente cuida dessa parte ambiental de não gerar mais lixo assim né. A gente tem o Regeneraí que, por exemplo, a gente tem uma praça aqui próxima que, agora a gente até virou o chefe, se chama Prefeito de Praça. Então, a gente é responsável né, a Mara, que é a presidente, é a responsável pela praça, então a gente cuida muito a questão do nosso entorno né. Assim, no braço do Regeneraí, a gente tem a horta comunitária, então, o almoço que acontece ali com as crianças do Gurizadaí já tem a questão da horta ali, tem pessoas, a comunidade tá entendendo que a horta é comunitária. O pessoal vai lá pega, limpa, então a gente tem essa questão. E do acesso à cultura a gente tem a Geloteca, que aí tem os livros aqui, que as pessoas em situação de rua podem pegar os livros, devolver, qualquer pessoa que queira né, não é só pras pessoas em situação de rua assim, mas, acho que interno, seria isso assim. A gente tem também a questão do óleo com o Regeneraí, a gente recebe aqui os óleos de cozinha, então esse braço, principalmente da sustentabilidade né, é forte, assim. Das quentinhas a gente sempre tenta utilizar as embalagens que não geram tanto lixo assim, mas as vezes, pela questão de preço, não consegue... A gente gostaria de utilizar um material super sustentável, mas a questão de preço tá bem difícil assim, e acho que questão de coisas seria isso assim, de mais de sustentabilidade assim que a gente tenta, a gente tenta gerar o menos lixo possível. A questão interna assim da equipe, a gente tem um código de ética, então acho que é isso, também pensar a questão social, é pensar internamente né, nós como equipe tudo, então

é isso que a mana falou, a gente cresceu, a Misturaí cresceu muito rápido e vem se ajustando nos processos, mas ela tem isso, ela tem um relatório anual de transparência, a gente tenta sempre ter a questão da transparência então tem um controle assim.

Entrevistada 2: Não respondeu.

Entrevistado 3: Perfeito. Mais uma vez né, falar do Centro de Educação Ambiental é diferente, cara, querendo ou não, a Marli criou um projeto que ele dialoga com todos com todos os setores e com todas as causas sociais, é incrível. Tu quer falar de meio ambiente? Vamos falar da reciclagem. Quer falar sobre problemas sociais, seja ele qualquer um, entra aqui no Centro Cultural que nós vamos conversar sobre ele, tem projeto para todas as questões, desde a alfabetização para a maioria, a do problema de violência doméstica, a da alimentação, a miserabilidade, tem assistente social, educador, tem tudo né. Ou tu quer falar de educação, educação infantil, vamos para Vovó Belinha, pode ser. Que nem é... eu não vou fugir da resposta tá, mas só para te mostrar o quão completo é o complexo Centro de Educação Ambiental, porque o nosso novo parceiro agora, na verdade, a gente se orgulha de ter um parceiro desses aqui dentro porque, de alguma forma, chegou aqui, mas a gente tem aqui como um parceiro um dos maiores produtores do agronegócio do mundo que é a SLC Agrícola. Então assim, imagina, a SLC está aqui! De que maneira o sistema agrícola poderia colaborar aqui para o Centro de Educação Ambiental a não ser dinheiro? Eu mostrei para esses caras que tem como, que não precisava eles virem aqui fazer uma doação de dinheiro. De certa forma, vai coincidir sim com dinheiro, mas eu disse para esses caras: preciso que vocês venham aqui e nos ensinem a plantar e a colher. Então, a gente cria um projeto chamado Agroecologia Periférica, primeira estufa agroecológica do Brasil dentro de uma comunidade de periferia, estamos plantando alface, hortaliça, morango, uma série de produtos, e o que mais nos assusta é ver que tem criança que não sabia que o alface vinha debaixo da terra, que morango vinha debaixo da terra, é muito doido isso para nós que é super corriqueiro, que chega a ser idiota, com todo o respeito, mas é bom, para a gente não perder aquilo que eu chamo de sensibilidade humana, do que a gente estava conversando aqui anteriormente, da fragmentação social e econômica que a gente vive tão forte hoje no Brasil e de como ela conversa com a fragmentação intelectual ao mesmo tempo, ao ponto de a gente começar a criar uma estufa aqui dentro da comunidade da Bom Jesus e a única coisa que vinha na cabeça das crianças era pensar que aquilo ali iria se tornar uma quadra de futebol. "Ah é uma quadra, ah não sei o quê, o que que nós vamos jogar aí dentro?" Não, nós vamos começar a plantar comida dentro da Bom Jesus. É revolucionário isso, isso é inovação. Então é por isso que eu digo que é tão atípico falar sobre os projetos do CEA porque já está na essência da nossa criança e do nosso adolescente falar sobre educação social e ambiental ao mesmo tempo. É imprescindível deixar passar aqui dentro da educação social a nossa criança e nosso adolescente a não reciclar, não separar o plástico do orgânico, o que eu sei que é completamente diferente dentro de outras organizações sociais, que não tem nem separação de lixo, estão botando ainda, em 2022, tudo dentro da mesma lixeira, indo para aterros sanitários lá. Então o CEA, eu não preciso me alongar muito nessa resposta porque o CEA é, em corpo e alma, a educação socioambiental, a gente é isso, a gente nasceu no meio do lixo, literalmente, eu nasci no meio do lixo, então a gente aprendeu a reciclar desde a nossa essência.

Entrevistada 4: Bom, a gente considera aquilo que eu te falei em respostas anteriores. A gente tem como atividade inicial e principal a questão da reciclagem e com a questão da reciclagem veio toda essa preocupação social com o público que viria trabalhar no CEA. Então, se a gente for avaliar, nos autoavaliar, eu acredito que a gente tem conseguido, assim, cumprir com a missão, com a visão e com os valores que foram pensados quando o CEA foi criado, né, porque os aspectos, tanto os sociais quanto ambientais eles são, nessa questão, eles são, para nós, essenciais, né, não tem outra palavra para dizer, porque é o que nos norteia, é o que nos norteia, pelo fato da gente ter a unidade de triagem ali, as questões socioambientais, elas são naturalmente exercidas. Obviamente não é perfeito, ainda tem coisas a se melhorar, até porque são vinte e cinco anos fazendo a mesma coisa, a mesma atividade, então, por vezes, a gente cai até num padrão de... não é mesmo, mas num padrão assim que parece que não evolui. Então, nesse sentido, acho que a gente tem algumas coisas que a gente pode melhorar bastante ainda, como eu te coloquei lá nas anteriores, mas, se a gente for fazer mesmo essa autoavaliação, acho que eu considero boa assim, não ótima, para, justamente, não ficar contraditório com essa questão de ter coisas a melhorar, mas acredito que a gente está num bom caminho, que a gente exerce os aspectos, tanto os sociais quanto os ambientais de forma muito responsável, de forma muito transparente, né, e de forma muito... Acho que é isso, não saberia te dizer mais coisas assim sobre essa percepção de auto avaliação.

Entrevistada 5: Então, seria de novo a separação de lixo? É que é isso né, eu não sei muito assim. O que que eu reparo é que a gente faz a separação lixo, eu reparo também que a gente, por exemplo, se precisa fazer impressão de folhas, a gente tenta fazer frente verso para não usar mais folhas, entraria isso, mas eu não sei muito, é o que eu vejo assim né, eu não sei muito disso. Por exemplo com os nossos jovens, a gente, na cozinha, o que que a gente faz: a história da separação de lixo, desperdício de água, de sabão, de papel, de tudo, do alimento. A gente trabalha com eles, enfim, tentar o desperdício zero das coisas.

Entrevistado 6: Olha, eu acho que eles, a Fundação, está sempre muito preocupada com isso, essa questão socioambiental né, eu acho que a gente tem muito isso em nosso dia a dia, sempre buscando fazer o melhor, trabalhar melhor nessa área e estar sempre atrás de recursos para a gente poder botar em prática tudo isso né, porque a gente sabe que, infelizmente, tem gente que diz: “ah não, mas é fácil de tu resolver”, mas não é tão fácil assim né. Tudo depende de recursos, depende de parceiros, então a Fundação, ela hoje, a gente vê que ela se empenha muito nesta área de estar atrás de recursos para estar melhorando essa parte socioambiental, porque é uma das coisas que a gente precisa né, melhorar e trabalhar bastante em cima disso, tenho certeza disso.

Entrevistada 7: Eu acho que vem muito ao natural. É complicado dizer isso, mas a gente já fez uma discussão, agora, até recentemente, de que a gente vai precisar pensar, por exemplo, em termos de diversidade. Tipo, tá, ok, a gente vai falar de responsabilidade socioambiental, mas assim, tipo, a gente está fazendo aquilo que a gente prega? Se a gente está falando de diversidade, nós não falamos, no passado, de questões raciais e, nós somos uma organização, neste momento, só de pessoas brancas. Que eu tenha memória, duas pessoas negras fizeram parte da Net Impact. Então, como a gente vai falar sobre isso sem ter alguém que fale? Na questão de PcD (Pessoa com deficiência) também, então assim, para praticar a questão socioambiental, a gente precisa também

ver em demanda externa o que vai precisar para daí se organizar em relação a isso.

Entrevistado 8: É, acho que tem uma linha muito forte de coerência que é, naquilo que eu falei anteriormente, de a gente ter tido um momento de reorganização, muito foi feito em termos de entender o que são os valores vigentes e sempre ter essa correlação, daquilo que a gente está se envolvendo, aquilo que a gente está fazendo, aquilo que a gente está comunicando, o quanto está coerente com aquilo que a gente prega. Majoritariamente é isso, a forma que a gente tem de internalizar o socioambiental como valor é tendo ele como valor da organização, isso refletido tão logo nas ações. O que é algo que, verdade seja dita, qualquer organização deveria ter né. E aí, acho que, da mesma forma, as parcerias que a gente faz, todos os stakeholders com os quais a gente se envolve, a gente tem um cuidado. A gente tinha e, agora, a ideia é fazer mais forte ainda. A gente está falando sobre uma questão ambiental específica, sei lá, emissões, que é uma coisa da Semana do Meio Ambiente em 2019, ok, agora a gente vai olhar isso, com quem a gente vai trabalhar para sermos coerentes. Eu acho que coerência resume muito bem, acho que essa tua pergunta pode ser respondida com coerência, a gente tem que ser coerente.

Fonte: Elaborado pelo autor.

#### **Quadro 8 - Tabulação das Respostas – Perguntas Abertas – Pergunta 5**

##### **Pergunta 5 - De que formas a OSC procura conscientizar seus colaboradores com as práticas de Responsabilidade Socioambiental?**

Entrevistada 1: Um pouquinho já foi respondido, mas, acho que a questão da transparência...

Entrevistada 2: Sim, é, isso a gente sempre se preocupou né, porque a gente tem que respeitar esse doador né. Nós não temos nenhum convênio ainda com grandes empresas, a gente tem editais pequenos que a gente ganha durante o ano né, então a gente né, a gente tem que respeitar esse doador né, porque a gente vive com a plataforma do Apoia.se né, que as doações são a partir de um real que as pessoas depositam ali mensalmente, que é isso que nos ajuda hoje a manter a ONG, né. Assim, então, a gente procura sempre né ter esse respeito com esse colaborador, independentemente do valor que ele colocou ali, porque ele acredita no nosso trabalho, então, a Misturái se preocupa muito com isso né, a gente tá sempre reformulando, e buscando, e conscientizando a importância das anotações, a importância da divulgação, a importância da prestação de contas com essas pessoas, porque a gente, é isso que eu falei né, a gente tem que respeitar essas pessoas que acreditam, ter credibilidade no nosso trabalho né. Então, isso a gente tá sempre, nas reuniões de equipe que a gente tem, sempre potencializando essa importância da transparência.

Entrevistado 3: Ótimo! Eu te respondi isso um pouco na primeira pergunta, mas não vamos maquiá né, não vamos viver no mundo de Alice no País das Maravilhas, não vamos romantizar essa história porque a gente recebe também o tempo inteiro gente nova, gente viciada, gente com os hábitos inconscientes que o mercado e que a vida adota, que a falta de educação mesmo nos traz. Então, dentro dessa visão de desenvolvimento da criança, do adolescente e do próprio colaborador que passam por aqui, a gente também tem metodologias de fazer com que o André, que chegou hoje

aqui, fique ligado em não misturar o resíduo na hora que ele for descartar lá embaixo ou aqui dentro que tem que ter as duas lixeiras, e isso a gente está começando agora, de uma maneira muito vívida, a fazer de novo, com essa consultoria socioambiental que, como eu te falei antes ali, que faz parte de um projeto em parceria com a Renner, de que maneira eu comecei a perceber então que, OK, nossas criancinhas e adolescentes já estão caminhando, já estão aprendendo, mas aí eu vejo os adultos fazendo errado. De que maneira eu lido com isso, com o cara que está completamente mal habituado? E tu sabe que é muito mais difícil tu mudar um hábito do que tu educares uma criança de um ano. Tu mudar um hábito de uma pessoa de cinquenta anos é muito mais difícil do que tu educares uma criança de cinco. E aí, então, a gente constrói esse projeto, é um projeto de desenvolvimento socioambiental, está no nome mesmo dele, aonde as consultoras Alessandra e Inês lidam com o nosso público adulto, com a educação socioambiental do nosso público adulto aqui dentro do CEA, já que com os beneficiários eles já passam por esse processo cotidianamente.

Entrevistada 4: Mais uma vez, a gente nasceu com esta intenção, então, tudo que a gestão hoje pensa em cumprimento da responsabilidade social é o que a gente passa para os nossos colaboradores. A instituição, ela respira isso, então a gente lida com a parte da assistência social, com a parte da educação e com a parte do meio ambiente, né, então são coisas, pra nós, muito natural passar essa imagem para nossos colaboradores e eles serem multiplicadores disso, tanto que, nas oficinas, nas palestras, nas metodologias dos programas, na assistência para as crianças e adolescentes, o meio ambiente tem que ser uma pauta primordial, tem que se falar sobre. O galpão de reciclagem, ele é visita guiada obrigatória para essas crianças, a gente faz através de reuniões com os pais, por exemplo, dessas crianças que a gente atende, a gente sempre apresenta a questão ambiental para os pais, a importância que tem socioambiental do CEA para a comunidade. Então assim, a gente faz isso de uma forma muito intensa, porque é uma OSC de um terceiro setor, onde tu tem que estar sempre persistindo com as pessoas que frequentam, com os colaboradores, a intenção da existência dela. Não é um espaço onde as pessoas vão encontrar muitas riquezas, mas é um espaço extremamente justo e que a gente entende que, a nossa gestão, ela tem que ser compartilhada, justamente para que as pessoas se comprometam tanto quanto nós no cumprimento da nossa missão, dos nossos valores, e a gente acredita que isso é o que tem dado muito certo, assim né, das pessoas se responsabilizar socialmente, ambientalmente, para que possa dar certo. Então, essa questão da conscientização socioambiental, ela é uma prática já, ela é uma prática bastante normal dentro da instituição, por sermos o que o CEA se propôs a ser.

Entrevistada 5: Separação de lixo, essa história das impressões né, da gente imprimir, normalmente, frente verso de uma folha para não usar mais de uma desnecessariamente, da gente ter aqui materiais que eu acho que são reaproveitados, reutilizar e fazer cadernos, usar agendas de anos anteriores, mas a gente usar, enfim, para o trabalho atemporal, vamos dizer né, de um jeito atemporal, não sei o que mais...

Entrevistado 6: Olha, muita fala né, como eu disse, é muita, muita conversa e algumas ações. A pessoa traz para a gente algo, procura sempre trazer algum voluntário para nos atualizar sobre isso, sobre o que está acontecendo. A Fundação sempre está aberta né, a receber todo tipo de ajuda possível nessa área, então aqui aproveito para dizer que sempre peço para todos os parceiros,

indiferente se é desta área ou não é envolvido, uma das coisas que eu, pelo menos aqui como a gente lida com gastronomia, então tem muito essa questão de se preocupar com o ambiente. Eu sempre peço para os parceiros, sempre que, se puder dentro das suas atividades, puderem trazer ajuda, nos trazer mais opções né, trazer pessoas para nos ajudar. Então isso é uma coisa que a gente está sempre buscando e a Fundação também né, eles estão sempre atrás desses recursos, dessas pessoas, dessas ajudas para nós aqui porque é uma Fundação né. A gente tem, somente nos cursos, uma média de 700 jovens, e nós temos nossos abrigados. Hoje em dia, aqui dentro, nós temos uma circulação, eu acho, que de mais de 1200 pessoas por dia entre todos os nossos setores que a gente tem, então quer dizer, é muita coisa, muita gente, então sim, a gente tem que se preocupar muito e buscar muito essas ajudas de recursos para nos auxiliar, se não já viu o que que pode acontecer, imagina né. Então acho que é por aí.

Entrevistada 7: 1) Eu acho que vai muito do que a gente já falou, as coisas acontecem muito ao natural, sei lá, é que os colaboradores não são profissionais, então assim, aquilo que o entrevistado 1 comentou, que eles vêm por um anseio pessoal e eles vem querendo se desenvolver. A gente não entrega para eles, eles vão tendo um contato com isso e vão vivendo a Net Impact. Elas têm uma outra demanda, elas estão trocando de carreira.

3) Por que que não deu certo? Porque se tem aquela ideia de que tem que vir de uma referência, a referência tem que olhar e apontar: você vai atuar em tal e tal coisa, dessa e dessa forma. Aí, a gente traduzia assim: ah, vamos construir juntos, porque isso é um anseio teu, então ok, a gente está aqui como referência para auxiliar, mas a gente quer que tu também faças parte dessa construção. A partir do momento que tu constróis junto, aquilo é valor para ti, tu acabas te focando em não só fazer o operacional, mas ver sentido naquilo tudo.

5) E isso vinha muito ao natural, a gente manuseava, justamente porque era valor para nós, individualmente, e a gente queria estar ali manuseando. Então, as vezes surgia assim, tal coisa de ODS a gente ia atrás, pegava e eles nos viam como referência, e aí fica aquela coisa, tipo, é complicado, uma coisa meio professor, didático. Eles esperavam que alguém estivesse ali para pegar na mão, entregar todo o conhecimento. Eu dizia: "Ah vamos montar juntos?", e aí eles entendiam que a gente estaria ali para guiá-los e nós tentamos não ser tão incisivos, e acho que a gente só foi se dar conta disso no final.

7) Isso é uma coisa que eu acho que, como vem ao natural para a Net Impact, de olhar tipo a Virada Sustentável, ela chegou e disse que queria, prioritariamente 3 ODSs, e a gente pensou o que nós vamos fazer em relação a isso. Primeiro, qual é o ODS que a gente vai pegar? Aí a gente ficou entre o ODS 12 e o ODS 13, e olhar nas metas o que a gente tem para propor, onde a gente vai se encaixar nisso, e veio meio no automático. Lembro que a gente estava em algum lugar, a gente pegou o celular e ficamos os dois olhando quais eram as metas para ver o que encaixa, ou não, para daí pensar no que iríamos propor, um processo um pouco mais demorado.

Entrevistado 8: 2) Tem uma questão que é a seguinte, majoritariamente, as pessoas chegam dessa maneira, querendo se aprofundar e atender um anseio pessoal. Eventualmente, são pessoas que conhecem um pouco mais, mas essas são os pontos fora da curva, vamos dizer assim. Sobre a transição de carreira, é um ponto que a gente chegou depois de várias pessoas, com as quais nos

envolvemos, que elas têm disposição nesse momento de carreira assim, então elas estão ávidas a aprender questões, mas enfim, a gente tinha, por prática, anos atrás, a questão de ter esse onboarding, que eu mencionei anteriormente, e isso a gente já fez de diferentes formas. A última vez que a gente fez, que foi em 2019, a intenção era muito de proporcionar às pessoas, primeiramente, um conteúdo para elas entenderem e se situarem, que acho que vem na linha da tua pergunta, mas em possibilitar a elas a ideia de criar uma linha de atuação que elas se sentissem um pouco mais contempladas e confortáveis, o que não deu certo.

4) Não deu certo, mas é aprendizado. E a gente, hoje, se fosse repetir essa experiência, iria fazer, certamente, de outra forma. Talvez deixar as pessoas maturarem um pouco mais para, depois, conseguir possibilitar a elas essa criação, esse desenvolvimento, ou fazer de uma maneira um pouco mais guiada, enfim, mas eu acho que assim, na linha do que tu perguntaste, esse onboarding é uma maneira e, da mesma forma, a gente atuar com uma certa proximidade das pessoas que entraram. É, justamente, conforme for desenvolvendo, especialmente em projetos, “brifar” muito bem as pessoas o que tem que ser feito, o que é a temática envolvida. Acho que toda reunião nossa, quando tinha mais voluntários juntos, a gente tinha alguns momentos realmente de situação mesmo, de dizer, de explicar temáticas assim, acho que é até por isso que as pessoas ficavam muito dependentes da gente, pois essas correlações as vezes são difíceis de serem feitas.

6) Mas por outro lado, tiveram pessoas com as quais nós trabalhamos que tinham um perfil muito bom, pessoas que eram proativas, vamos assim dizer, mas que elas tinham, como era uma atividade voluntária, por vezes elas tinham uma atividade profissional que não permitia, ou que tomavam muito tempo, e aí eram pessoas com as quais a gente perdia muito rapidamente assim, mas que deixaram seu legado, mas essa correlação que a entrevistada 1 falou, principalmente com a base dos ODSs, entender as metas, onde é que se encaixam, até falando na experiência individual minha, várias outras organizações ou projetos em que eu me envolvi, as pessoas diziam: ah isso aqui é ODS 4. Eu falava, tá, mas porque que tu achas que é o ODS 4? E ela respondia, ah não, porque fala da questão educacional. Ou então do ODS 5, igualdade de gênero, o que está compreendido ali dentro né, vamos a fundo sabe, isso não é simplesmente um selinho que irá num canto para, de repente, validar uma ação, não, existe uma preocupação por trás. Então esse é um senso que, talvez, a gente tinha para nós e que a gente tentava, e acho que fizemos isso, de passar adiante para as pessoas, como prática mesmo.

Fonte: Elaborado pelo autor.

### Quadro 9 - Tabulação das Respostas – Perguntas Abertas – Pergunta 6

**Pergunta 6 - Como a OSC trabalha a importância que seus beneficiários entendam a relevância das ações socioambientais?**

Entrevistada 1: (2) Eu acho que aí mostra também o como é fácil assim o diálogo, mesmo a gente não tendo... agora que nem a mana falou... a gente tem assistente social e tudo mas sempre tiveram esse cuidado assim de conversar e escutar e, por exemplo, tem uma ação que foi a de Natal, não me lembro agora qual, que foi de fazer uma mesa, sabe, fazer uma ceia e tudo, a gente faz ações pra que não seja só a entrega da quentinha, mas que a pessoa também se sinta acolhida,

entendeu? Então acho que tem isso assim, na questão, a gente não tem, às vezes, um controle dos beneficiários, mas, por exemplo, alguém quer imprimir um currículo, alguma coisa, a gente ainda não tinha formalizado assim, mas sempre teve aberto né, isso assim, esse diálogo né, não tinha uma coisa formalizada, que é uma ONG que tá se formalizando e criando processos, mas sempre teve esse diálogo aberto do beneficiário vir aqui, falar, conversar, bater ali na janelinha...

(4) E eu acho que também dos beneficiários, a gente falou mais do Amparaí, mas, pensando agora também, a gente tem o Gurizadaí, que agora, tem a questão das reuniões com os pais, diálogo com o colégio, então os professores já deram um feedback né, de que as crianças que estão no reforço escolar, a diferença né, o desenvolvimento delas, as reuniões que estão tendo agora com os pais, nesse diálogo, a Tati, que super lidera o Gurizadaí, já vem com esse diálogo com eles então também são os beneficiários as crianças assim né, em relação a isso assim.

Entrevistada 2: (1) É, a gente tá, assim né, com a contratação da assistente social, é isso né. Dar esse, acolher melhor as pessoas né e dar esse entendimento de direitos pras pessoas pra que eles tenham esses conhecimentos e, de alguma forma assim, impactar na vida deles, a gente vai conscientizando aos poucos né, sempre tendo essa troca, como agora né, tá uma situação bem difícil pra todo mundo, assim, as doações caíram muito, então, até essa semana eu me surpreendi com uma resposta deles ali no momento: “gente, a gente não tem mais kit higiene, a gente tá com pouca doação”. Toda primeira sexta de cada mês a gente dava um kit de alimento né, a gente tá sem condições de fazer isto. Em julho, a gente acabou, a gente começou a criar critérios também pra ajudar mais a galera assim, mas, nessa semana, quando eu comecei a falar pra eles que a gente não tinha mais, a gente vai estar tentando e pensando juntos de que forma a gente vai fazer ações e campanhas pra que a gente consiga oferta e, um deles, ainda respondeu: “mas a gente tá aqui, a gente faz o que”, ãnn, como é que eles falaram, “a gente faz uma entrevista e vocês vão até nossa casa, mostram nossos armários vazios porque a gente não tem”, porque a Misturaí, ela, né, durante a pandemia, ela teve essa visibilidade e agente conseguiu muitas doações né, então, a gente tinha braços para atender as outras comunidades, atender um número grande de pessoas, não só moradores de rua, porque vem muitas famílias desempregadas né, mães solo que tão aí hoje com os filhos, vem aqui com os filhos, então a gente atendeu muita gente, impactou, sabe, na vida de muita gente. Só que agora a gente tá sem braço pra tudo isso, então a gente tem que tá criando critérios e limitando um pouco esse atendimento né, mas eles se colocaram assim bem disponíveis a tá junto, mostrando para as pessoas o quanto essa ajuda vai impactar na vida deles né, o quanto é necessária essa ajuda.

(3) pedir muita ajuda assim pra documentação porque eles acabam sendo invisíveis né, assim, quando não tem um documento, e a Misturaí, com parceria com um cartório e Ajuris, que fez essa parceria, a gente consegue fornecer, a gente forneceu 400 registros, não só pra galera atendida aqui na sede, mas sim, pra outras comunidades também né. Então, a gente conseguiu fazer mais de 400 registros de nascimento né, e isso que a entrevistada 1 falou, durante a pandemia, e até agora assim, na ajuda de, pra eles ganharem esses benefícios do governo, a gente auxilia né, a gente vai atendendo, ouvindo, acompanhando, e até mesmo casos de internação a gente conseguiu, falando um e com outro, pra que essas pessoas consigam atendimento, porque pela situação que eles tão

as vezes, de estarem sujos né, ãnn, eles não tem um atendimento num posto de saúde porque as pessoas não querem atender. Então, a gente fez essa parceria com o Pop Rua, como o Pop Rua oferta o banho, como eles ofertam o banho, a gente oferta a roupa pra eles estarem com a aparência digna de ser atendidos num posto de saúde, porque, muitas vezes, a gente também fez uma parceria com o Santa Marta, no período da pandemia, aonde teve vários atendimentos aqui né, a gente fechou esse espaço aqui e o Santa Marta fez esses atendimentos, vacina né, também aqui, pra galera em situação de rua, e daí a gente vai buscando isso né, dar dignidade pras pessoas.

(5) É, que oferta muitas oficinas né, não é só um reforço escolar, agora a gente tá estruturando todo o projeto do Gurizadaí, que hoje, a gente oferta almoço pra essas crianças né, e as crianças não são só da nossa comunidade, porque a gente também foi nas escolas fazer, ofertar pras escolas da redondeza aqui, ofertar o reforço escolar. E o reforço escolar, na pandemia, quando os pais vieram pedir esse socorro, né, como nós aqui não tínhamos a formação pedagógica e tudo mais pra gente fazer esse atendimento, a gente resolveu fazer uma campanha nas redes sociais e se conseguiu os pedagogos, e hoje o projeto já tem todos voluntários, e o projeto já tem há um ano, há um ano o projeto com pedagogos né, que vem aí e fazem esse trabalho e eles tão se vendo né, já em 2023, dentro da instituição fazendo esse projeto, continuando mais, né, porque ele tá muito lindo assim né, até mesmo oportunizando pros nossos jovens, não só da nossa comunidade, mas das outras comunidades, porque agente atende outras regiões, a gente tem pessoas da Restinga, a gente tem crianças ali do Pinheiro né, e mais na redondeza aqui também a gente tem uma parceria com uma outra comunidade que é o Areal da Baronesa que hoje também faz esse intercâmbio com as crianças na percussão né, que é um bloco, já tá há um ano aí a galera já tá, já existia com uma outra professora, mas daí a gente viu que não estava desenvolvendo muito assim e a gente veio com o Paulinho da Baronesa né, e assim, tá muito lindo de ver essa integração, esse intercâmbio dos jovens assim e a gente vê hoje as crianças tocando super bem, fizeram várias apresentações de sopro, de violão, e o violão não é só pras crianças, a gente tem aulas de dança de salão e o violão também que é pra adultos que tem interesse né, e então é isso que a gente vai assim realizando.

Entrevistado 3: Perfeito. Essa resposta começa lá em 2015, como eu te disse, quando a gente pega na mão do Alan, de um menino que nasceu, comeu, aprendeu, viveu tudo aqui dentro do CEA, foi encaminhado agora com 18 anos para o mercado de trabalho, e a gente percebe que o Alan não estava entendendo muitas paradinhas do que que era o terceiro setor, do que que era a organização social, do que que é desenvolvimento socioambiental. Se tu chegasses no Alan para perguntar, ele não saberia responder. Então, lá em 2015, dentro da metodologia da educação social, inclusive ontem foi dia do educador social, dentro da metodologia dos nossos educadores sociais, a gente começa a trazer essa implementação de visão de mundo, de discussão de mundo sobre política, sobre visão de mundo, sobre política pública, sobre meio ambiente, isso tudo faz parte daquilo que a gente chama de educação social.

Entrevistada 4: Então quanto aos beneficiários, foi isso que eu falei, a gente tem como prática, assim, fazer as reuniões bimestrais com os pais e responsáveis dos atendidos, tanto pra eles quanto pra comunidade, a gente faz ações conjuntas com outras instituições nesse sentido, e a gente fez inclusive, agora, fez não, ajudou né, na elaboração e na execução do primeiro Congresso Popular de

Educação e Cidadania, que envolveu outras comunidades, outros bairros né, e um dos pontos que isso aconteceu foi aqui no CEA, onde a gente tratou de vários assuntos né, e o público principal era a comunidade, era envolver a comunidade, era envolver os usuários do CEA, envolver os usuários de outras instituições da comunidade, envolver as escolas, né. Então, a gente, nesses movimentos populares assim, além de toda a metodologia de trabalho do CEA de trazer esses usuários através de encontros, de conversas, de reuniões, né, é expandir isso de alguma forma, então, o CEA, ele procura fazer muitas atividades de movimentos populares dentro da comunidade, falando da questão ambiental, falando da questão social, de várias questões que são importantes para a comunidade né, que é muito ativa politicamente, cobra muito pelos seus direitos, e a gente também, agora, com esse Congresso que eu te mencionei, nós saímos da comunidade e outras comunidades entraram dentro da nossa comunidade. Então, esse movimento é uma coisa muito presente pra nós, muito importante né, a gente entende que o terceiro setor mais bem direcionado para essas OSCs que fazem o atendimento social e educacional para as comunidades, conseguem evoluir, conseguem ter o entendimento de quem as procura, a partir do momento que tu troca essas informações. Sem dar informações para as pessoas né, sem dizer o teu propósito ali, sem trazer essas pessoas para que elas possam contribuir, colaborar e agir junto com a instituição, é uma instituição que está fadada a não existir, pois não tem como fazer isso sem a colaboração dessas pessoas. Então, eu acredito que seja isso, assim, diante da pergunta aqui, a forma como a gente trabalha com os nossos beneficiários.

Entrevistada 5: Eu acho que conversando, na prática, trazendo vivências também, histórias para que eles entendam toda essa importância de cuidar do meio ambiente e, enfim, do que a gente precisa cuidar para manter o mundo sadio, assim, como a gente puder.

Entrevistado 6: Eu acho que a Fundação, ela trabalha bastante em cima disso, na questão do educar. Educar nossas crianças, educar os nossos jovens. Nós temos aqui crianças de berço até jovens de 24 anos, então quer dizer, a semente já começa a ser plantada lá quando eles são bem pequenos né, bem pequenininhos, com essa conscientização dessa preocupação que eles têm que ter com o nosso o nosso ambiente. Então eu acho que é por aí que eles vão, é por aí que a Fundação vai, eles tentam sempre trazer clareza e informação para todo mundo, para conseguir, a gente conseguir fazer um bom trabalho final ali em relação a esses recursos.

Entrevistada 7: 2) Ela tinha uma agenda pesada, além do trabalho dela, ela tinha graduação e a Net Impact, e aí acabava ficando bem cheio. Ela contribuía bastante, mas que poderia ter contribuído muito mais se tivesse mais disponibilidade.

Entrevistado 8: 1) Eu acho que, primeiramente, nessa linha de coerência, a gente conseguir atuar de uma maneira que se entenda o que que a gente está abordando e, tão logo, as correlações. E aí, o exemplo que a gente estava trazendo da Virada Sustentável de 2019, onde nós trabalhamos com o ODS 5, numa ação que foi promovida por voluntárias da Net Impact, que tão logo era um tema que era mais sensível a elas, a gente trabalhou a questão do tradicionalismo, do feminino, não numa espécie de confronto, mas numa área de entender, então, porque que o tradicionalismo gaúcho, por ventura, não aborda a questão da valorização do feminino e acho que, naquele momento, por exemplo, a gente tinha uma voluntária que puxou muito aquilo, era perceptível que ela era muito

engajada, que era inteligente e tudo mais e fazia essas correlações, mas ela era uma pessoa um pouco mais introspectiva.

3) Sim, mas eu acho que naquele momento ali a gente deu um suporte muito bom para ela, porque ela puxou em termos de organização. A gente teve uma divisão, uma questão de planejamento de fazer aquela ação acontecer mesmo. Por exemplo, teve outra colaboradora que fez a frente para mediação, organização de espaço, mas sempre numa linha de entender. Ali, foi um pouco mais natural, pois era um tema mais sensível às pessoas, mas eu acho que passava muito por isso, de sensibilizar e entender as correlações e entender tão logo o impacto daquilo que a gente está fazendo. Por exemplo, quando a gente trabalhou a questão da mobilidade, que a gente teve um evento significativo, que a gente planejou e, casualmente, calhou de cair aquela semana de greve dos caminhoneiros, então o evento acabou não acontecendo, mas olha como seria significativo. Mas eu acho que também teve muito movimento porque o tema era sensível às pessoas, sabe. Muitas pessoas diziam: ah, eu ando de bicicleta então eu sei a dificuldade que é andar de bicicleta em Porto Alegre. Tá, então aquilo ali te toca, então tu consegues botar um pouco mais da tua energia ali e entender isso. Eu acho que esse mergulhar também é importante. E a gente buscou pessoas que nos auxiliaram também, para trabalhar com o assunto, porque a gente não tinha tanto conhecimento interno, né, ia ser mais focado em bicicletas... É que a intenção do influxo, mesmo, muitas coisas surgem nessa linha de dor, que vão passar por um aprofundamento, na verdade eu estou entrando quase num design thinking aqui (risos), para entrar num aprofundamento temático para a gente ter qual é o ponto que vai ser abordado para daí entrar na solução. Isso que eu estou falando parece que a gente faz isso de uma maneira muito solta, mas, às vezes, a gente tem toda uma estrutura e todo um método por trás, também, de fazer, mas acaba vindo ao natural também.

Fonte: Elaborado pelo autor.

#### **Quadro 10 -** Tabulação das Respostas – Perguntas Abertas – Pergunta 7

<b>Pergunta 7 - Você e sua organização conhecem a Agenda 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável? Como ficaram sabendo?</b>
Entrevistada 1: Eu sei por ser famosa, eu sei um pouco também porque eu fiz Administração Pública, então tinha uma parte do terceiro setor que a gente tá sempre vendo, e a gente recebe as vezes, é muita informação, mas a gente recebe uns e-mails né, e teve agora acho que até um do governo que veio sobre uma pesquisa e falando sobre os ODSs, alguma coisa assim, então a gente recebe alguns e-mails e a gente vai em palestras e coisas que sempre falam sobre a Agenda de 2030 assim, então, eu diria que a gente tem conhecimento. Em nosso relatório a gente cita os ODSs.
Entrevistada 2: Eu sei um pouco por cima, não tudo tão bem assim né (risadas).
Entrevistado 3: Sim, a gente conhece. Intelectualmente falando, a gente tem uma equipe de coordenadores e de educadores bem desenvolvida, gente que passou por várias formações. A gente procura ter esse trabalho na hora da contratação, de fazer essa medida exata entre contratar pessoas com um bom currículo intelectual e, também, pessoas sem nenhum currículo intelectual, a gente faz essa mistura dentro dos grupos de educadores. Educador que, eu gosto sempre de trazer

o exemplo do Rafa. O Rafa era frentista de posto de gasolina e, do nada, assim como ascendeu uma justa luz em ti, acendeu em mim, o Rafa disse: cara, não me sinto feliz aqui. Gosto de criança, meu sonho era ser professor, mas não tive dinheiro para fazer uma faculdade, vou lá procurar o CEA, já que abriu uma vaga de educador social, vou ver se consigo entrar lá como educador social, porque educador social não exige a formação de pedagogo. O Rafa veio aqui, fez a entrevista e passou. Ao mesmo tempo que o Rafa, então, iria começar a trazer as experiências dele, de pessoa, de morador de comunidade, para as crianças e adolescentes desse projeto, o colega dele é formado em Harvard, o colega dele estudou na Colômbia e ajuda o Rafa, dialoga, aprende também com o Rafa. Então, fazer essa imersão social, também entre os colaboradores, potencializa diretamente os beneficiários. Tu pegas um beneficiário como o Henrique (entrevistado), que aprendeu, que teve a escola Marli na vida, e em outro momento teve a escola do Ramón Salvador, um grande empresário espanhol. Pega esses dois e bota dentro do Henrique, e tu crias um cidadão que está entendendo de política, de problema social, de desenvolvimento social e de economia ao mesmo tempo. Então, os paradigmas que a ONU traz com os ODSs, eles são super vividos por nós aqui dentro, a gente está sabendo de tudo. A gente desenvolve, inclusive, várias metodologias das 17 ODSs e, de certa forma, a gente transcende através do plano de educação social aqui dentro do CEA, mas, como eu já disse em alguma outra resposta anterior, a gente é as 17 ODSs, sabe, o CEA é as 17 ODSs. Se tu pegares cada ODS que tem, é tudo o que a gente faz todo dia. Eu acordo aqui dentro do CEA fazendo e desenvolvendo os objetivos dos ODSs.

Entrevistada 4: Sim, conhecemos os objetivos e caminhamos. Surgimos e caminhamos junto com os objetivos. Inclusive, a gente brinca que a Marli (idealizadora do CEA), ela criou um dos objetivos né, porque ela sempre mencionou, inclusive é a grande justificativa dela de criar uma unidade de reciclagem, de transformar a comercialização do que, para alguns, é resto, para nós, ele era trabalho e renda. Então, ela lá em 1995, quando surgiu o CEA, quando foi criado o CEA, ela dizia “que o lixo era capaz de erradicar a fome”, e erradicar a fome é o primeiro objetivo que aparece ali. Então é muito interessante, muito impactante pra gente, porque ela usou essa frase quando ela fundou o CEA, quando a reciclagem começou a existir na comunidade e na vida das pessoas.

Entrevistado 5: Então, eu conheço, né, eu conheço porque eu acompanho há muito tempo, antes de entrar no terceiro setor, já como gastrônoma e frequentadora de feiras orgânicas, agroecológicas, de conhecer o Instituto Lixo Zero, tudo isso eu conheço por tudo isso. A virada sustentável, eu trabalho também com esses lugares, já trabalhei ou trabalho, então eu conheço por tudo isso assim, foi entrando nesse mundo do zero plástico, sem sacola na feira, assim que eu fui conhecendo os ODS. A Fundação eu acredito que também conhece.

Entrevistado 6: Olha, eu confesso que, assim, afundo não. A gente já ouviu falar, a gente já viu algumas coisas, a gente já trocou algumas ideias com parceiros, alguns trouxeram algumas umas coisas sobre essa ação de 2030. É que nem eu disse, a gente precisa intensificar melhor isso, acho é uma das formas que a gente tem de buscar, talvez, para fazer um trabalho bem forte nesta área, bem específica. Então quer dizer, a gente conhece, a gente sabe, mas realmente, a gente não tem assim, a gente não pode dizer que a gente tem conhecimento a fundo sobre essa agenda né, mas gente sabe o que que está acontecendo e o que que vem a acontecer.

Entrevistada 7: 2) Eu posso trazer em termos organizacionais. 2015 ele foi assinado, o Acordo de Paris e, em 2016, a Net Impact começou a trabalhar com ODS, e o que não tinha naquela época eram as metas específicas. Então, aquilo que o entrevistado 2 comentou antes, de que a gente vai agora olhar para metas e tudo mais, para além do títulozinho, do quadradinho, antes, a gente fazia em relação ao quadradinho mesmo, e aí, no decorrer, acho que na metade de 2016, alguma coisa assim, saíram as metas específicas. Daí ali começou a se pensar, tá, ok, e olhando assim, né, o que que dá ou não, mas assim, não era uma forma tão forte. 2017 foi de uma forma, tá, ok, o ODS ali, a gente coloca ele, mas ficou meio assim, mais na mão de quem estava desenvolvendo o projeto, de quem estava trabalhando, se colava ou não. 2018 já veio isso, diferente.

4) Foi antes da Semana do Meio Ambiente em 2018. Teve uma programação a semana inteira, né, cinco atividades, cada dia uma atividade. Naquela semana, a gente veio conectando todos eles, conectando com a semana do plástico livre, em julho.

Entrevistada 8: 1) Um sonoro sim, agora. Eu vou te ser sincero que, eu estava vindo para cá e estava tentando lembrar.

3) É, não é propriamente uma divergência, mas são diferentes formas de entender essa situação. Quando eu me envolvi com a Net Impact, e com tudo que eu participei até fazer parte de corpo diretivo, eu não via nada envolvido, tá, não sei se era uma limitação minha ou se, de repente, isso não era explorado pela organização. Agora, a gente teve um momento, assim, uma virada muito significativa, acho que, talvez, no final do primeiro semestre de 2018, quando a gente começou a trabalhar os starts mais forte, quando a gente começou a correlacionar mais diretamente.

5) E teve, mas assim, eu acho que o principal ponto que teve foi que a gente teve, em 2018, o anseio de promover um festival focado no que nós tínhamos de ações, voltado aos ODSs aqui em Porto Alegre, tipo, não só a Net Impact, mas tudo que a gente soubesse que estava acontecendo, e a gente mapeou isso. Cara, dos 17 ODSs, todas as metas, o que que tinha, o que que não tinha, a gente chamou o pessoal da organização da Virada Sustentável para nos ajudar, também colaboraram em outras ações que ocorriam, a gente tinha uma intenção de trazer uma espécie de pessoas que fossem embaixadoras disso. No fim, a gente acabou não avançando porque ficou uma ação muito grande para os nossos braços, com o perdão do capacitismo da fala, e a gente não estava conseguindo fechar o local. Enfim, o que a gente ansiava fazer virou, esse ano, o South Summit, porque a gente queria usar o Cais para isso. Mas assim, aquilo ali, como eu disse, muita coisa é tentativa e erro e essas tentativas e erros são aprendizados. Acho que, dali para frente, a gente entendeu que, toda a ação, além da coerência que a gente já tinha preocupação, a gente já tinha um norteador, que eram as metas dentro dos ODSs. Então, a temática, acho que assim, particularmente falando, antes de entrar na Net Impact, eu já tinha um conhecimento dela e, conforme eu tive a capacidade de atuar um pouco mais incisivamente, assim, e aí eu acho que foi uma coisa que talvez nós tínhamos assim, ao natural surgiu de fazer essas correlações assim. É que é complicado, é um ato natural estruturado, mas é tudo tácito. É que tem coisa que é impulsionada pelo método que a gente opta por trabalhar, então, surge ao natural, mas é estimulado pela gente.

**Quadro 11** - Tabulação das Respostas – Perguntas Abertas – Pergunta 8

<b>Pergunta 8 - Quais os ODS você entende que a OSC está atendendo, trabalhando, atualmente?</b>
Entrevistada 1: Bah, acho que a questão da fome é a principal, a da fome, a da desigualdade, agora não me lembro de todos né, mas sei que a questão da fome, da desigualdade, do acesso à educação e à cultura né... Ah, a questão da sustentabilidade né, pelo braço forte que a gente tem do Regeneraí, da educação ambiental, então a gente tem forte aqui isso, e não sei qual outro ODS, porque agora tô tentando, tô puxando, tentando me lembrar quais são os ODSs mas o da fome é o principal que aparece forte, mais o da educação, da sustentabilidade... Ah, geração de renda com o Costuraí né, da desigualdade, acho que são os principais, assim... Por ser liderado por mulheres, da cultura da gente ter assim, até os colaboradores sobre gênero...
Entrevistada 2: Gênero e diversidade, esse é um ponto forte da Misturaí também.
Entrevistado 3: Vamos falar de saúde, de alimentação, de meio ambiente, de educação social, de desenvolvimento ambiental, de logística reversa, cara, é como eu te disse, o complexo Centro de Educação Ambiental, ele lida com o racismo, de discussão de gênero, tudo, a gente tem quatro educadores aqui que são homossexuais, que dão educação social sobre questões de gênero, a gente tem a Sirlei, a nossa palestrante aqui de meio ambiente, pega as crianças vai falar sobre. A gente recebe escolas a gente faz, inclusive, mais do que pelo CEA, mais do que pelos nossos beneficiários, como eu já te disse, a gente tem um contrato de palestras com o Ministério Público, com juiz, com o desembargador, com servidor, com a PUC, com as universidades, então, a gente está trabalhando os ODSs e, transcendendo os ODSs o tempo inteiro no CEA, dentro do CEA e fora do CEA.
Entrevistada 4: (Comentário do pesquisador: aqui a entrevistada consultou o quadro dos ODS para identificar em quais o CEA se encaixa.) Com certeza o objetivo número 1, que é a erradicação da pobreza, esse é, como eu te falei ali, é o ponto um, ponto real um do surgimento do CEA, né. O objetivo número 2, que é a agricultura e a fome sustentável, então a gente, esse objetivo aí ele reforça essa questão de as pessoas não terem fome e da questão da agricultura sustentável que a gente se apresenta hoje com a nossa estufa agroecológica. Objetivo número 3 com certeza, sem dúvida alguma que é saúde e bem-estar, então esse é um objetivo que tem muito a ver com o CEA, essa intenção da gente poder assegurar o bem-estar para as pessoas que frequentam o CEA, pros seus colaboradores, pra comunidade e para todas as pessoas que acessam, de alguma forma, ele. Objetivo número 4 com certeza, né, educação de qualidade, então a gente tá ali baseado na escola de educação infantil ali, que é o primeiro acesso à educação as crianças de 4 meses a cinco anos e 11 meses, e também no centro cultural que garante uma aprendizagem para as crianças num atendimento extracurricular e também jovens e adultos através de oficinas, de palestras, de encontros, de várias formas, para possibilitar o acesso à informação, o acesso à direito dessas pessoas né. O objetivo número 5 com certeza, igualdade de gênero. O CEA surgiu em 1995 pra empoderar e dar autonomia para mulheres, e o CEMME hoje e a Vovó Belinha e o próprio Centro de Triagem fomentam essa questão da igualdade de gênero, né. É um projeto direcionado, primeiramente, para mulheres, o CEA surge com esta intenção de trazer

mulheres pensando em modificar, em amenizar, em melhorar e impedir qualquer forma de violência contra mulheres e meninas. O objetivo número 6 também, agora nem tanto, mas o CEA, quando ele surge dentro da comunidade, ele surge num período em que a comunidade não tinha saneamento básico adequado, não tinha iluminação pública, não tinha questões urbanísticas resolvidas. O CEA surge num momento junto, em 1995, com o movimentos sociais, com orçamento participativo, e ali as pessoas começam a ter conhecimento, começam a ir atrás de seus direitos e de elaborar a questão das políticas públicas né, aonde a água potável e saneamento foram coisas básicas, coisas primárias que a comunidade lutou e que o CEA foi uma instituição importantíssima, porque serviu de espaço para reunir essas pessoas, serviu de espaço para organizar essas pessoas para irem em outros locais a procura dessas melhorias. O objetivo número 8 com certeza, né, a gente tem a prática dele, que é justamente, trabalho digno, trabalho inclusivo, tanto para as pessoas que estão no formato cooperativa quanto as pessoas estão no formato CLP. Então, garantir aí o desenvolvimento econômico da comunidade, garantir a autonomia financeira dessas pessoas, acredito que estejam ali dentro do objetivo número 8, do qual o CEA hoje tem a prática. Objetivo número 9, então vem aí o CEA nessa nova roupagem, deste 2018, descobrindo grandes possibilidades de novos projetos, projetos inovadores, projetos diferenciados, ligados à indústria, ligados à sustentabilidade, que é o projeto do óleo de fritura usado, o projeto pensando no reaproveitamento do tecido têxtil, o projeto pensando no reaproveitamento do isopor, então são projetos que estão sendo desenvolvidos assim, estão na fase inicial, de reconhecimento, de infraestrutura né, mas que tem um prazo de, até ano que vem, já estarem funcionando. Objetivo número 10 com certeza, redução das desigualdades, o CEA nasceu para isso, surgiu para reduzir essa questão das desigualdades das pessoas e da comunidade. Objetivo número 11 também, com certeza o CEA faz parte, que é essa questão da habitação segura, de urbanizar as favelas, então a gente hoje enquanto CEA, a gente faz parte ainda do orçamento participativo, aonde a gente vai lá lutar pelos direitos, a uma habitação justa né, a uma urbanização das nossas comunidades de forma bacana, então com certeza a gente faz parte desse objetivo também. Objetivo número 12 também, porque é o consumo e a produção responsável, então a gente tem essa prática em levar isso, principalmente, em forma de informação para as pessoas que acessam o CEA né, tanto as pessoas das visitas guiadas quanto as universidades, as pessoas físicas e também no formato das redes sociais que a gente fomenta muito essa questão do consumo e da produção responsável pelas pessoas. Objetivo 13, ação contra a mudança global do clima, eu acho que a nossa prática de reciclagem ali faz com que o CEA esteja cumprindo com esse objetivo né, que é para, justamente, de alguma forma, amenizar a situação de impactos em relação a mudança do clima. Objetivo 14 que é a vida na água eu não saberia te dizer se a gente está trabalhando de forma tão direta assim, mas a atividade que a gente faz de reciclagem, e não só nós, mas muitas outras instituições também, é justamente amenizar e evitar que esses plásticos, de alguma forma, cheguem até os oceanos, até os mares. A gente não estaria trabalhando de forma tão direta em relação a esse objetivo né, mas falar sobre e informar as pessoas sobre acho que já é uma prática do CEA. Objetivo 15 muito parecido com o objetivo 14, não que a gente trabalhe assim de forma tão direta, mas a gente promove, promove a conversa, promove a discussão, promove o debate, promove a informação sobre essa

<p>questão que envolve a vida terrestre. Objetivo 16 com certeza né, paz, justiça e instituições eficazes, esse é o CEA, é a intenção e o objetivo dele existir. Objetivo 17 ali, ele tem muito a ver com a parte da economia do país, estou dando uma lida aqui para ver se eu consigo... É, acho que também não trabalhamos de forma direta, vamos dizer assim, de alguma forma a gente trabalha, mas não de forma direta no objetivo 17, eu teria que ler todo ele ali pra ver se de alguma forma a gente tá trabalhando de forma direta.</p>
<p>Entrevistada 5: Erradicação da pobreza, eu não sei direito o nome tá, nem nenhum número direitinho. Erradicação da pobreza e desigualdade, mas daí eu teria que pegar eles na minha frente para dizer. Eu consigo lembrar agora desses dois. Deve ter alguma coisa no meio ambiente que atende também, mas agora assim... Tem na horta né, agora assim... Não sei se no esporte alguma coisa, na prática do desporto... Não sei. Sinceramente, eu consigo ver a da desigualdade, sustentabilidade, eu consigo ver isso assim, e essa da erradicação da pobreza né.</p>
<p>Entrevistado 6: Hoje em dia eu acho que a gente faz o básico né, a gente tem a preocupação com os descartes, a gente tem a preocupação com a reciclagem, que dá para melhorar, a gente tem aí né a preocupação com nosso meio ambiente, por exemplo, a gente, há alguns anos, tinha caldeira à lenha e foi mudada, a gente já está com a de placas solares. Então quer dizer, todos os detalhes na Fundação, ela vem tendo essas preocupações que ela tenta fazer. Está mudando né, não emitir gases sem necessidade em excesso na natureza, enfim, eu acho que ela tem nessa preocupação, mas que nem eu digo, queria dizer que eu acho que a gente pode melhorar bastante ainda.</p>
<p>Entrevistada 7: 1) Acho que educacional, o 4 sem dúvida, o 4 é o nosso core business, entre aspas. Agricultura e fome zero que é o 2, emprego a gente não trabalhou ainda. 3) Tipo, fome zero a gente já trabalhou, que é o 2, o 3, que é a saúde, 4 é o nosso “core business”, já trabalhamos o 5, o 6 foi trabalhado lá em 2016, o 7 eu acho que não.</p>
<p>Entrevistado 8: 2) Se for olhar o histórico, trouxe como exemplo antes, o 5 já foi trabalhado, a gente já trabalhou o 12, a gente já trabalhou o 11, a gente já trabalhou até o 13 ali na linha de saúde, alguma coisa. A gente tentou trabalhar alguma coisa na linha do 16, mas ali é bem complexo porque tem muita coisa, é paz, é instituições eficazes e agente, sem dúvida, tem uma relação com o 17, porque é como fazer acontecer. Mas, talvez hoje, bom, se tudo der certo, a gente tem uma ação voltada para o 12, na Virada Sustentável e o 4 como “core business”. 4) O 6, de certa forma trabalhou também, quando a gente foi para a linha de plástico, não deixa de contar também, acho que foi isso mesmo.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

### Quadro 12 - Tabulação das Respostas – Perguntas Abertas – Pergunta 9

<p><b>Pergunta 9 - A OSC cogita desenvolver um planejamento para ampliar o atendimento de outros desses ODS? Por quais motivos?</b></p>
<p>Entrevistada 1: Acho que a gente tá, que nem a mana falou no começo da conversa, a gente tá num momento em que a gente tá pensando no final do ano, realmente, tá passando por um momento difícil, a ONG assim, não difícil, mas de reformulação, agora agente até ganhou um edital que, Edital</p>

ELAS, para lideranças negras, mulheres, enfim, que é bem voltado pra gestão, e um dos nossos focos nesse foi a questão do planejamento né. A gente não tem um planejamento ainda pra 2023, mas a gente tá super focando assim na questão interna de, tá, como que a gente vai até o final do ano e como é que a gente vai em 2023, porque é isso, a gente não pode se desfazer dos projetos que a gente já tem, mas a gente precisa pensar como estruturar eles pra eles também... a sustentabilidade deles né, porque é isso, tudo é dinheiro né (risadas). Então a gente tá reformulando, fez contratações estratégicas como a da... estratégicas não, mas que precisavam, são essenciais pra ONG, a assistente social, uma pessoa na cozinha fixa, uma cozinheira, enfim, tem outros cargos que a gente também tá pensando ali, daqui a pouco né, contratar, mas é isso, a gente continua pensando na questão do Amparaí né, Gurizadaí, Regeneraí, acho que são nossos principais projetos, tem o Costuraí também mas acho que eu responderia esses...

(3) É, a gente vive tudo a curto prazo então, a longo prazo, eu não diria que a gente vai estender pra mais um ODS. A gente vai ver o que que a gente tem e, desses que a gente tem, dos projetos, qual vai ser nosso principal foco assim, o que que a gente vai conseguir dar mais, por exemplo, a gente tem o Regeneraí que ele é um projeto que ele até é autônomo as vezes assim sabe? Porque ele tem já um grupo de voluntários e tudo, não é uma coisa que demanda, consegue as vezes umas verbas e tudo, então esse é um projeto que a gente tem, mas, por exemplo, o Gurizadaí que demanda os almoços, que tem custo e tudo, a gente vai talvez focar mais né, no desenvolvimento desse projeto, do Amparaí também, então acho que seria mais ou menos isso, o Costuraí também. Pensar a longo prazo.

Entrevistada 2: (2) É bem isso mesmo né, a gente precisa reformular e planejar a instituição pra que ela mantenha os projetos, pra que esses projetos se tornem sustentáveis né, essa é uma prioridade pra 2023 (risadas).

Entrevistado 3: A gente pretende, eu acho que a palavra não é ampliar, eu acho que a palavra é potencializar o que a gente já faz aqui dentro né, lidando com os objetivos dos ODSs. Mas por que que eu digo que ampliar não, porque tem muita organização social espalhada por aí, como as que tu conheces também e tem várias outras, algumas fecharam e de repente a gente consegue fazer elas ressurgirem, mas porque eu não gosto do "ampliar o CEA, levar o CEA para as para mais lugares", porque, mais uma vez, a gente volta lá naquilo que a gente estava falando sobre essa ideia de competição, sabe, de instituição de negócio. A sensação que eu tenho é que, quando me convidam para abrir mais um CEA por aí é que eu estou abrindo mais uma filial do Mcdonalds, sabe. "Cara, vai lá, abre mais um CEA para captar mais recursos de lá, se tu levares o CEA para outro lugar poderás ganhar mais dinheiro lá também". Pronto, não está entendendo nada então sobre o que que é desenvolvimento social. A gente está falando sobre desenvolver mais quebrada, mais comunidades, o que eu quero é que abra outra organização lá, gerida por outras pessoas que passaram pelas mesmas dificuldades que o Henrique e que a Marli e que todo mundo que já passou por aqui. A gente não quer o Henrique ir lá em outra quebrada ganhar mais dinheiro como o presidente lá, levar Paula, que é da coordenação da reciclagem, ou a Sirlei, ir lá abrir a nossa filial e depois abrir outra filial e ficar conhecida pelo mundo inteiro", o CEA salvando o planeta". Essa é, disparadamente, e talvez a gente entre nesse assunto em outro momento, mas esse é o meu grande medo hoje quando

a gente fala em uma organização social no Brasil. Tem uma galera aí dizendo que vai salvar o planeta com o seu projeto. Meu irmão, o Brasil tem 210 milhões de pessoas, ninguém vai salvar nada sozinho aqui nessa parada. O CEA não consegue salvar nem a Bom Jesus sozinho, que tem 40 mil habitantes e aí eu vejo ONG por aí no Brasil dizendo: “doa para mim, doa para mim que eu estou abrindo filial em todo o canto e nós vamos acabar com a miséria no Brasil, nós vamos acabar com a pobreza, nós vamos botar a favela no museu”. Cara, isso pra mim, é a maior idiotice, eu estou quase chegando num papo de má fé dessa galera, sabe, está parecendo o pastor da universal palestrando em nome do terceiro setor. Isso é um perigo para nós e eu faço questão de isso ficar registrado porque isso é um perigo pelo que é a essência do terceiro setor, pelo que é a responsabilidade das ODSs, qual é o verdadeiro objetivo das ONGs dentro do Brasil, e ganhar dinheiro não é o nosso objetivo. O nosso objetivo é fazer com que o negócio seja sustentável e para isso a gente precisa de dinheiro para dar comida na boca da criança, para dar a tecnologia, para trazer o acesso, para trazer a reciclagem, para conscientizar o Brasil que a gente precisa ter essa sustentabilidade, mas fazer caixa dentro do terceiro setor pode ser um caminho muito perigoso e não é isso que a gente está querendo dentro do CEA, a gente não está querendo ampliar o CEA, levar o CEA para outros lugares, talvez a palavra do CEA, as palestras do CEA, a ideia do CEA, mas fundar outros CEAs por aí, não sei se essa era a ideia da palavra ampliar, mas, se for, eu acho que está super respondido assim, e a nossa ideia é potencializar cada vez mais esse projeto.

Entrevistada 4: O objetivo número 7 a gente está no processo, na verdade, ele é um objetivo para o CEA, que é essa questão da energia limpa e acessível e de menor valor, de preço acessível né, que foi aquilo que eu te falei que é uma das práticas de implementação do qual o CEA está correndo atrás. Mas com certeza né, eu até nem entrei nos detalhes ali de cada objetivos, dos 17 eu não entrei no detalhe de cada um ali, mas com certeza sempre tem algum que a gente ainda possa alcançar, que a gente tenha desejo, que a gente tenha um sonho né, mas isso obviamente demanda muito tempo, demanda dedicação, então eu acredito que sim.

Entrevistada 5: Essa daí tu vai ter que ver com a coordenadora, essa daí eu não estou por dentro, mas eu sou nova né, entrei em fevereiro, nessa volta de pandemia, então se tem não é alguma coisa, enfim, eu ainda não peguei.

Entrevistado 6: Eu acho que sim né, porque eu acho que a gente tem potencial para isso, a gente tem espaço para isso, a Fundação tem esse papel aí fora né, nós temos que saber que as pessoas nos veem como formadores de jovens, de adolescentes e também, junto nesse pacote, também como formadores de opinião em relação a essas preocupações com o meio ambiente. Então quer dizer, sim né, eu acho que gente tem que tá sempre aí aberto e buscar mais recursos para a gente estar desempenhando esse papel aí junto com a sociedade, melhorar e abrir mais o nosso leque junto com nosso público, não só interno como externo também né, porque, como eu disse, a gente tem um grande papel com a sociedade já que são 127 anos que a Fundação tem ,então, hoje em dia, cada vez mais voltada para toda essa área ai né, para essas situações emergenciais que a gente tá precisando viver hoje em dia em relação ao meio ambiente, é isso.

Entrevistada 7: 2) É aquela questão da bolha que eu te falei, né. A gente sabe, ou sabia mais ou menos quem atuava e tudo mais, e agora, a gente talvez tenha que se reaproximar, né. Acho que,

nesse primeiro momento, a gente precisa saber o que está rolando para entender como que a gente pode se conectar de novo com essas organizações e daí para frente, atuar. Já que a Net Impact ficou só nós dois (entrevistados) vai atuar bastante numa linha, não é relevante o termo, mas aquilo que a gente acha que teremos engajamento próprio. Então a gente vai encontrar, a gente vai ver como que a gente pode voltar para essa bolha, se fortalecer nessa bolha, até me corrija se eu estiver errada, e impactar nisso tudo com anseios pessoais.

4) É, eu acho que também não vou fugir muito dessa linha, de trabalhar especificamente só uns, e isso é uma coisa também que a gente pensou, a gente não tem tanta expertise técnica para várias coisas. Se nós vamos ser a referência dentro da organização, a gente vai precisar de alguém que saiba isso para, de fato, encabeçar, e a gente sirva só como um suporte. Logo, a gente vai precisar ter um mínimo de noção para poder direcionar, e aí, eu vou ter como abraçar os 17. Eu acho que dentro de ODS ainda sim mais específico com algumas metas específicas, mas eu vejo dessa forma. Ah, vou trabalhar o ODS 12, mas a gente vai trabalhar a meta específica tal, é isso.

Entrevistado 8: 1) Vamos lá. Como nós atuamos até hoje, tá, a gente olhava muito para aquilo que não foi abordado ainda e se expõe a tentar, de alguma maneira, nos desafiar a abordar e, com essa ideia de ter uma rede de contato que nos sustentasse nas nossas ações, tentar montar uma linha que nós nos sentíssemos confortáveis em ser uma dor em que a gente ache que é interessante atuar e que a gente tivesse alguém que nos respaldasse ou que nos sustentasse nisso, isso foi como a gente fez até hoje. A gente está em um momento, e aí eu não sei se a entrevistada 1 vai concordar com a resposta que eu vou dar agora, isso ainda não é muito evidente para nós, vamos supor, que de 2023 em diante vai ser da mesma forma que a gente vai atuar, tá, até porque a gente está tentando entender o ambiente de momento. A organização passou por dois anos de inatividade, nós passamos dois anos afastados, e muitos dos nossos parceiros de antigamente já não atuam, então estão atuando numa linha em que ainda estamos descobrindo. Então assim, não é que eu estou te deixando sem resposta, mas é porque, realmente, a gente ainda está procurando entender isso.

3) Tem uma situação, um aprendizado individual que é, dessa maneira que eu falei que atuávamos antes, talvez faltava um pouco de foco, porque é interessante ter, eventualmente, dentro dessa Agenda, que ela é bastante vasta, inclusive, sabe-se que havia até interesse de ampliá-la, e assim ela ia ficar mais vasta ainda, tão logo, mas nós como organização, até pela nossa limitação de capacidade, a gente, hoje, o mais interessante talvez seja focar. Então, entendendo o que é mais atrativo para nós dois, a gente consegue fazer uma leitura melhor de cenário, consegue fazer uma leitura melhor de quem nós podemos envolver, de como a gente capta recurso para sustentar, é quase uma síntese de tudo que a gente falou antes, mas, talvez futuramente seja interessante realmente ampliar, mas, nesse momento, acredito que é um pouco mais voltada a restringir mesmo, assim.

Fonte: Elaborado pelo autor.

## APÊNDICE C – TERMOS DE CONFIDENCIALIDADE



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

### TERMO DE CONFIDENCIALIDADE PARA COLETA DE INFORMAÇÕES DE EMPRESA/INSTITUIÇÃO

Eu, **André Ramayana Prates** aluno do Curso de Administração da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, matriculado sob o número 1846758, declaro que o Centro de Educação Ambiental, objeto de estudo do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Responsabilidade Socioambiental em Organizações da Sociedade Civil no Município de Porto Alegre/RS que atendam os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**, entregue no semestre 2022/2, permitiu a pesquisa e o uso de todos os dados que nele constam.

Declaro, ainda, que as informações apresentadas são verdadeiras e correspondem à realidade da Instituição estudada.

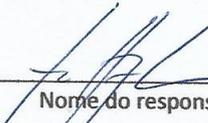
A Empresa/Instituição autorizou a divulgação do seu nome fantasia/razão social.

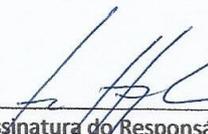
A Empresa/Instituição não autorizou a divulgação do seu nome fantasia/razão social. Nesse caso, responsabilizo-me em preservar o nome da Empresa/Instituição de forma a que ela não seja passível de identificação no meu Trabalho.

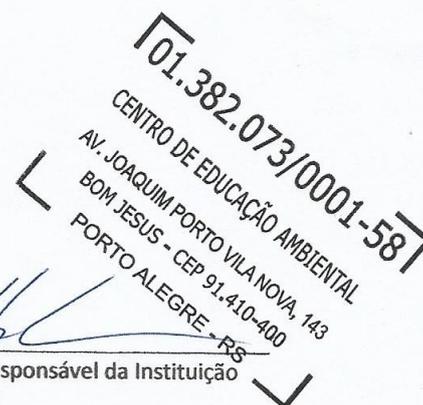
Porto Alegre, 21 de setembro de 2022.

  
Assinatura do aluno

Ciência da empresa

  
Nome do responsável da Instituição

  
Assinatura do Responsável da Instituição  
Carimbo ou CNPJ



Este documento deve ser digitalizado e postado pelo aluno na Comunidade conforme prazo estabelecido em cronograma.

**TERMO DE CONFIDENCIALIDADE PARA COLETA DE INFORMAÇÕES DE EMPRESA/INSTITUIÇÃO**

Eu, **André Ramayana Prates**, aluno do Curso de Administração da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, matriculado sob o número 1846758, declaro que a Fundação O Pão dos Pobres de Santo Antônio, objeto de estudo do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Responsabilidade Socioambiental em Organizações da Sociedade Civil no Município de Porto Alegre/RS que atendam os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**, entregue no semestre 2022/2, permitiu a pesquisa e o uso de todos os dados que nele constam.

Declaro, ainda, que as informações apresentadas são verdadeiras e correspondem à realidade da Instituição estudada.

A Empresa/Instituição autorizou a divulgação do seu nome fantasia/razão social.

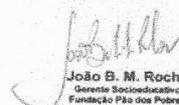
A Empresa/Instituição não autorizou a divulgação do seu nome fantasia/razão social. Nesse caso, responsabilizo-me em preservar o nome da Empresa/Instituição de forma a que ela não seja passível de identificação no meu Trabalho.

Porto Alegre, 22 de setembro de 2022.



Assinatura do aluno

Ciência da empresa



João B. M. Rocha  
Gerente Socioeducativo  
Fundação O Pão dos Pobres

JOÃO ROCHA

Nome do responsável da Instituição

Assinatura do Responsável da Instituição  
Carimbo ou CNPJ

Este documento deve ser digitalizado e postado pelo aluno na Comunidade conforme prazo estabelecido em cronograma.

**TERMO DE CONFIDENCIALIDADE PARA COLETA DE INFORMAÇÕES DE EMPRESA/INSTITUIÇÃO**

Eu, **André Ramayana Prates** aluno do Curso de Administração da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, matriculado sob o número 1846758, declaro que o Instituto Misturaí, objeto de estudo do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Responsabilidade Socioambiental em Organizações da Sociedade Civil no Município de Porto Alegre/RS que atendam os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**, entregue no semestre 2022/2, permitiu a pesquisa e o uso de todos os dados que nele constam.

Declaro, ainda, que as informações apresentadas são verdadeiras e correspondem à realidade da Instituição estudada.

A Instituição autorizou a divulgação do seu nome fantasia/razão social.

( ) A Instituição não autorizou a divulgação do seu nome fantasia/razão social. Nesse caso, responsabilizo-me em preservar o nome da Empresa/Instituição de forma a que ela não seja passível de identificação no meu Trabalho.

Porto Alegre, 06 de setembro de 2022.

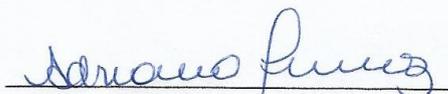


Assinatura do aluno

Ciência da empresa



Nome do responsável da Instituição



Assinatura do Responsável da Instituição  
Carimbo ou CNPJ

Este documento deve ser digitalizado e postado pelo aluno na Comunidade conforme prazo estabelecido em cronograma.

**TERMO DE CONFIDENCIALIDADE PARA COLETA DE INFORMAÇÕES DE EMPRESA/INSTITUIÇÃO**

Eu, **André Ramayana Prates**, aluno do Curso de Administração da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, matriculado sob o número 1846758, declaro que a Net Impact Porto Alegre, objeto de estudo do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Responsabilidade Socioambiental em Organizações da Sociedade Civil no Município de Porto Alegre/RS que atendam os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**, entregue no semestre 2022/2, permitiu a pesquisa e o uso de todos os dados que nele constam.

Declaro, ainda, que as informações apresentadas são verdadeiras e correspondem à realidade da Instituição estudada.

A Empresa/Instituição autorizou a divulgação do seu nome fantasia/razão social.

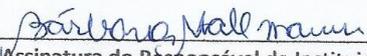
( ) A Empresa/Instituição não autorizou a divulgação do seu nome fantasia/razão social. Nesse caso, responsabilizo-me em preservar o nome da Empresa/Instituição de forma a que ela não seja passível de identificação no meu Trabalho.

Porto Alegre, 26 de setembro de 2022.

  
\_\_\_\_\_  
Assinatura do aluno

Ciência da empresa

BÁRBARA DE BRITO MALLMANN  
Nome do responsável da Instituição

  
\_\_\_\_\_  
Assinatura do Responsável da Instituição  
Carimbo ou CNPJ

Este documento deve ser digitalizado e postado pelo aluno na Comunidade conforme prazo estabelecido em cronograma.

**APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Você está sendo convidada(o) a participar da pesquisa “Responsabilidade Socioambiental e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável em Organizações da Sociedade Civil no município de Porto Alegre/RS”, desenvolvida pelo graduando André Ramayana Prates, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). A professora responsável pela orientação do presente Trabalho de Conclusão de Curso a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cleonice Silveira Rocha.

O objetivo deste trabalho é analisar quais são as ações de Responsabilidade Socioambiental que as Organizações da Sociedade Civil pesquisadas vem realizando de forma efetiva. Você é convidada(o) a participar do seguinte procedimento: uma entrevista, sendo que esta será gravada em áudio e, posteriormente, transcrita, única e exclusivamente para fins de pesquisa.

Desse modo, assumo com você os seguintes compromissos:

1. De que sua identidade, assim como as identidades de todas(os) as(os) participantes serão mantidas em sigilo; de que se manterá o anonimato em quaisquer momentos que impliquem a divulgação dessa pesquisa.

2. De que as informações reunidas serão usadas, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa e dos trabalhos científicos que dela poderão se desdobrar.

3. De que os resultados lhe serão apresentados, pois assegurará que tais informações não serão utilizadas em prejuízo ou para a estigmatização das pessoas envolvidas. Você poderá receber respostas a qualquer momento sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com a pesquisa, por meio de e-mail: andrerprates@terra.com.br e/ou telefone (51) 997271909.

4. Do caráter voluntário de seu consentimento.

5. De que você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

6. Este Termo será assinado em duas vias, ficando uma em seu poder e a outra com a pesquisadora responsável. Desse modo responsabilizo-me em resguardar os dados fornecidos para a pesquisa com total respeito, quanto ao sigilo de sua identidade.

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cleonice Silveira Rocha

\_\_\_\_\_  
Aluno: André Ramayana Prates

Este termo de consentimento é um documento que comprova a sua permissão e deve ser devidamente assinado para oficializar seu consentimento. Desde já, agradeço sua essencial contribuição e coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Participante do Estudo